

Educação Museal

experiências e narrativas

Prêmio Darcy Ribeiro

2009

Educação

Museal

experiências e narrativas

Prêmio Darcy Ribeiro

2009

PRESIDENTA DA REPÚBLICA
Dilma Rousseff

VICE-PRESIDENTE
Michel Temer

MINISTRA DA CULTURA
Ana de Hollanda

PRESIDENTE DO INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS
José do Nascimento Júnior

DIRETORA SUBSTITUTA DO DEPARTAMENTO DE PROCESSOS MUSEAIS
Marcelle Pereira

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE DIFUSÃO, FOMENTO E ECONOMIA DE MUSEUS
Eneida Braga Rocha de Lemos

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO INTERNA
Franco César Bernardes

COORDENADORA-GERAL DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO MUSEAL
Rose Moreira de Miranda

PROCURADORA-CHEFE
Eliana Alves de Almeida Sartori

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS – IBRAM

ENDEREÇO:
Instituto Brasileiro de Museus
Setor Bancário Norte, Quadra 02, 13º andar
Brasília/DF
CEP: 70040-020

TELEFONE:
+55(61)3521-4407

PÁGINA NA INTERNET:
www.museus.gov.br

UNIDADE RESPONSÁVEL
Coordenação de Museologia Social e Educação
Marcelle Pereira

PROJETO EDITORIAL E ORGANIZAÇÃO
Mário de Souza Chagas
Marcelle Pereira

ASSESSORIA EDITORIAL
Álvaro Marins

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Vivian de Oliveira Cobucci

ASSISTENTE EDITORIAL
Raquel Pret

EQUIPE TÉCNICA
Carolina Lucena Rosa
Cinthia Maria Rodrigues de Oliveira
Felipe Evangelista Andrade Silva
Júlia Nolasco Leitão de Morais
Monica Padilha Fonseca
Rafaela Mendes Medeiros
Vivian de Oliveira Cobucci

PROJETO GRÁFICO, CAPA E REVISÃO
Njobs Comunicação

O conteúdo dos textos e as fotos ilustrativas são de
responsabilidade dos autores dos artigos.

Copyright©2012 – Instituto Brasileiro de Museus

FICHA CATALOGRÁFICA

Instituto Brasileiro de Museus.
Educação museal: experiências e narrativas / Ibram. – Brasília: Ibram, 2012.
163 p. : il. – (Prêmio Darcy Ribeiro 2009)

ISBN 978-85-63078-21-6

1.Museu. 2.Museologia. 3.Educação 4.Ação educativa. Título. II. Série

Prefácio

Os cadernos *Educação Museal: práticas e narrativas* foram desenvolvidos a partir das experiências selecionadas no edital Prêmio Darcy Ribeiro. Objetivando a convergência entre cultura, arte e educação, o edital faz parte do programa de fomento do Instituto Brasileiro de Museus/Ministério da Cultura (Ibram/MinC) e teve sua 4ª edição em 2011.

Criado no âmbito do Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Demu/Iphan), o edital nasceu da busca pelo fortalecimento do campo museal, a exemplo de outras iniciativas construídas a partir da Política Nacional de Museus (PNM), e traduz uma política interessada na proliferação criativa e comprometida das práticas educacionais em museus.

A publicação dos cadernos – que compilam as práticas selecionadas pelo prêmio, destacando as que aliam compromisso social, dinamização de acervos e propostas inovadoras (do ponto de vista dos métodos de ensino/aprendizagem) – amplia a visibilidade dessas interessantes iniciativas realizadas em museus brasileiros e que refletem o amadurecimento da educação em museus no País.

Entendemos que faz parte da nossa missão potencializar as diferentes e variadas experiências desenvolvidas nos museus, dando visibilidade e incentivos para a construção de práticas educacionais lúdicas, criativas, inovadoras e que consideram a diversidade cultural brasileira.

Cabe destacar que há outros movimentos importantes nesse campo, como a articulação da Rede de Educadores em Museus (REM), movimento civil a favor da educação museal que congrega educadores em todo o País, e a construção da Política de Educação Museal, incentivada pelo Ibram.

Os museus têm papel fundamental na melhoria da qualidade da educação em nosso País, não obstante a missão de comunicar memória.

Assim, a fim de seguir contribuindo com o crescimento das práticas educacionais dos museus, bem como com a melhoria da qualidade da educação, o Ibram convida os educadores de museus e profissionais interessados no campo da educação museal a conhecerem as práticas premiadas constantes nos cadernos *Educação Museal: práticas e narrativas* e a inscreverem suas atividades, seus programas e projetos educacionais nas próximas edições do Prêmio Darcy Ribeiro.

José do Nascimento Júnior
Presidente do Instituto Brasileiro de Museus

Apresentação

Mario Chagas¹ e Marcelle Pereira²

I

Caleidoscópio. Para apresentar o conjunto de práticas premiadas no II Edital Darcy Ribeiro, lançado em dezembro de 2009, buscou-se inspiração no caleidoscópio, nas cores e formas geométricas que nele são geradas a partir dos diferentes movimentos nele provocados. Toda e qualquer mudança de posição externa num caleidoscópio provoca alterações em seus componentes internos e cria uma nova e imprevisível combinação de formas e cores, que se rebatem em suas faces espelhadas e se organizam, como por encanto, em formas geométricas que surpreendem pela delicadeza, pela novidade, pela angulação, pela movimentação, pela beleza e pela diversidade.

O caleidoscópio é um artefato óptico formado por um cilindro vasado, em cuja face interna coloca-se um prisma longitudinal de lâminas espelhadas. Em um dos lados do cilindro coloca-se um óculo e em sua base distal e translúcida são colocados pequenos fragmentos, soltos e livres, de plástico, vidro, madeira, papel ou outros materiais que, refletidos pela luz exterior, apresentam a cada movimento combinações de efeito visual variadas, que remetem à rosáceas de vitrais ou mandalas geométricas, multicoloridas e mutantes.

O livro *Educação Museal: experiências e narrativas* (Edital 2009) pode ser visto como um caleidoscópio. Trata-se de um livro instigante, surpreendente e multifacetado. A observação externa do conjunto de experiências de educação museal que aqui se oferece, possibilita a compreensão de que os programas, projetos e ações desenvolvidas nos museus são admiráveis, inspiradores, múltiplos e diversos.

Ao colocar em movimento a metáfora do caleidoscópio está implícita a sugestão poética de que as experiências de educação museal, ainda que aparentemente isoladas e fragmentadas, quando observadas a partir de um determinado ângulo ou perspectiva podem revelar conexões, articulações, constelações, agenciamentos, combinações e configurações surpreendentes.

É importante lembrar que no caleidoscópio são os movimentos externos a ele e aos fragmentos que nele se encontram que provocam e produzem novas configurações e arranjos; assim

¹ Poeta, museólogo, mestre em memória social e doutor em ciências sociais. Professor da Escola de Museologia, do PPGPMUS e do PPGMS da UNIRIO, professor convidado da ULHT e técnico III do Ibram.

² Historiadora, mestre em museologia e patrimônio pela UNIRIO, Coordenadora de Museologia Social e Educação do Departamento de Processos Museais do Ibram.

também acontece com o presente livro. É preciso que o leitor o movimente a partir de um ponto de fuga para que os novos agenciamentos possam aparecer, possam ser percebidos e possam provocar deslumbramentos.

Aqui estão reunidas experiências museais diferentes, contextos históricos e sociais distintos, conteúdos, técnicas e metodologias diferenciadas, públicos variados, diferentes formas de exercer a criatividade e de assumir compromissos sociais e políticos; mas ainda assim, para além dessas diferenças as ações de educação museal incluídas nesse volume são um claro indicativo de um gesto amoroso na direção do *outro*; são experiências que participam de um enquadramento temporal; são processos educacionais comprometidos com movimentos contemporâneos e pautados pelo exercício da cidadania.

Olhando de um outro ângulo. O presente Caderno reúne um conjunto de narrativas que registram, de um determinado jeito, o resultado do trabalho de educadores envolvidos com processos museais e que participaram da premiação do II Edital Darcy Ribeiro.

O Prêmio Darcy Ribeiro surgiu em 2008, no âmbito do extinto Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU) do IPHAN, com o objetivo de identificar, valorizar e estimular o desenvolvimento programas, projetos, experiências e registros de narrativas de educação museal com características inovadoras.

O Prêmio Darcy Ribeiro constitui ainda uma singela homenagem a um educador brasileiro que dedicou-se à construção de programas inovadores no campo da educação, em seus variados níveis. A atuação de Darcy foi igualmente fértil no campo da antropologia, da política e dos museus.

II

O Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), herdeiro das iniciativas do antigo DEMU e das diretrizes e orientações da Política Nacional de Museus (PNM), assumiu e agora cumpre a responsabilidade de publicar o material das três edições do Prêmio Darcy Ribeiro. Com exceção dos museus ligados diretamente a estrutura do MinC, as edições do referido prêmio foram abertas a todos os museus do Brasil.

Aqui estão os resultados de 2009. Importa esclarecer, no entanto, que para chegar a esses resultados, para avaliar e selecionar as experiências participantes do concurso público foi constituída uma comissão julgadora que analisou os projetos com base nos seguintes critérios: clareza nos objetivos; impacto sociocultural; descentralização dos recursos (levando em consideração a diversidade regional do país); efeito multiplicador; e adesão do museu em que a experiência foi realizada ao Cadastro Nacional de Museus e ao Sistema Brasileiro de Museus.

Buscando compreender o processo educacional nos museus de modo ampliado a comissão julgadora levou em consideração também os seguintes aspectos: os diferentes públicos e seus interesses; as práticas que promovem o relacionamento do visitante com o meio em que vive e com o museu; o museu aberto às novas experiências e às novas propostas e práticas; o museu que rompe as barreiras de suas próprias paredes; o museu e a prática educacional que aborda temas que contribuem para a tomada de decisão e formação de opinião de seus visitantes; as relações que se estabelecem no ambiente do museu.

As práticas selecionadas refletem, em certa medida, a vontade de inovação e o compromisso social delineados na PNM.

É importante registrar que no Edital de 2009 inscreveram-se 101 iniciativas, das quais 23 foram selecionadas e avaliadas com base nos critérios indicados. Os três primeiros lugares foram premiados nos seguintes termos: R\$ 15 mil para o primeiro colocado; R\$10 mil para o segundo e R\$ 8 mil para o terceiro. Os demais projetos selecionados receberam indicação de menção honrosa e foram incluídos na presente publicação.

O Museu de Arte Moderna de São Paulo; o Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá e a Fundação Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro compõem as iniciativas premiadas em primeiro, segundo e terceiro lugares, respectivamente.

Uma breve análise da distribuição dos projetos inscritos no edital de 2009, por região geográfica, indica que a região Sudeste compareceu com 44% do total dos projetos inscritos, seguida pela região Sul que compareceu com 27% dos projetos. A região Nordeste inscreveu 14%, a região Norte 8% e a região Centro-Oeste 7% dos projetos. Esses percentuais estão em correspondência com o número de museus por região e indicam a necessidade de se investir numa política pública que contribua não apenas para democratizar o acesso aos museus existentes, mas também para democratizar os próprios museus e suas práticas, aqui considerados como tecnologias sociais.

A análise das informações das experiências, cujas narrativas foram incluídas no edital de 2009, especialmente no que se refere aos públicos, coloca em evidência a atenção para públicos diferenciados, tais como: pessoas em situação de risco, moradores de favelas ou comunidades populares, moradores de zonas rurais, pessoas com necessidades especiais e outros. Sem entrar no debate, que não deixa de ser importante, sobre a construção dos conceitos e os significados dessas diferentes categorias, deve-se registrar que o esforço e a atenção para a diversificação dos públicos nos museus brasileiros parecem ser uma tendência que gradualmente se afirma e se consolida e, por esse caminho, reafirma a possibilidade do museu e dos processos museais serem potência a favor da dignidade da pessoa humana e da redução das injustiças sociais no Brasil.

Ainda no que se refere aos diferentes públicos desperta a atenção a expressiva quantidade de experiências de educação museal que focalizam as pessoas com necessidades especiais e diferentes tipos de acessibilidade.

III

A reunião das experiências contempladas na premiação do II Edital de Darcy Ribeiro contribuiu para que se pudesse observar com mais atenção o movimento das idéias e das práticas museais, bem como a potência inspiradora de certas narrativas.

Basta um olhar diferente. Basta uma movimentação de pensamentos e sentimentos. Basta um ligeiro deslocamento conceitual e tudo pode ganhar sentidos diferentes, ganhar novas formas, produzir novas linhas de fuga, novos agenciamentos, novas constelações e configurações.

Aqui se encontra um conjunto de experiências e narrativas alinhavadas de um modo específico; mas o leitor está convidado a olhar todo o livro como um caleidoscópio. O alinhavo que aqui se oferece não é o único imaginável; é possível reconfigurá-lo, é possível ler essas experiências por outra ótica, é possível descobrir novos arranjos, novas conexões, novas cores e formas, novas rosáceas e mandalas. Tudo isso levando em conta que cada experiência faz parte de um todo e que esse todo faz parte de outro todo, ainda maior, que é o processo de fortalecimento das iniciativas no campo da educação museal brasileira.

Colocar o caleidoscópio em movimento; construir a partir dos fragmentos de narrativas e experiências que aqui se oferecem novas possibilidades de encantamento, de ciência e de arte, de poética e de política, esse é o desafio do leitor.

Boa leitura!

Sumário

Prêmio Darcy Ribeiro 2009

Os três vencedores do Prêmio:

1. Projeto Aprender para ensinar: a mediação em museus por meio da língua brasileira de sinais (libras) – Museu de Arte Moderna de São Paulo 12
2. Nas trilhas do conhecimento: comunidades e cientistas protegem juntos a biodiversidade do Amapá – Centro de Pesquisas Museológicas Museu Sacaca20
3. Oportunidade e conhecimento: a experiência do Museu da Vida Museu da Vida26

Projetos contemplados com menção honrosa:

4. Diálogos interculturais: a experiência de parceria entre o Museu Antropológico da UFGO e professores Terena da Aldeia Cachoeirinha Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás32
5. Projeto Museu Escola compartilhando conhecimentos Instituto Ricardo Brennand..... 42
6. É brincando que se aprende – Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães50
7. Clube de pesquisador mirim do Museu Paraense Emílio Goeldi Museu Paraense Emílio Goeldi.....56
8. Pedagogia da imagem: uma resposta ao desafio de construir um museu plural – Museu da Imagem e do Som de Campinas64
9. Inclusão social via itinerância reversa: uma ação para ampliar o público do Mast – Museu de Astronomia e Ciências Afins..... 72
10. Programa de encontros continuados – Museu das Telecomunicações/Oi futuro78

11. Chiquinho de letra e vídeo – Centro de Memória Chico Mendes	86
12. Todos os sentidos: arte e educação inclusiva – Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore	90
13. Programas educativos do Museu Paulista: <i>kit</i> de sensibilização e experiências de inclusão – Museu Paulista	96
14. Projeto Baú do tempo – Museu Municipal Pedro Palmeiro.....	104
15. Educação patrimonial e a preservação do patrimônio histórico e cultural da Vila de Santo Amaro – Núcleo de Cultura Venâncio Aires	110
16. As experiências do projeto Pontão da cultura “acorda” nos anos de 2008 a 2010 – Museu do Círio.....	116
17. Projeto Sabença/museu escola: traçando e percorrendo caminhos, transformando e transformando-se ao caminhar Casa do Maranhão/ Casa de Nhozinho/ Casa da Festa	120
18. Exposições temáticas: educação patrimonial, história, cultura e arte Museu Histórico de Pinhalzinho.....	126
19. A formação do grupo de contadores de histórias Miguilim Museu Casa Guimarães Rosa	132
20. Preservar a memória, educar para o futuro Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul	138
21. Um novo contato com a Itália – Centro de Documentação Histórico do Brasil Pesquisa da 2ª Guerra Mundial de 1939 a 1945	144
22. Ação educativa da exposição itinerante Einstein – Instituto Sangari.....	150
23. Museu dinâmico de energia elétrica Museu de Energia Usina - Parque de Corumbataí	158



Museu de Arte Moderna de São Paulo

Projeto Aprender para Ensinar: a mediação em museus por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras)

Cibele Lucena, Joana Zatz Mussi e Daina Leyton

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão sobre a mediação em museus a partir das experiências realizadas no Projeto *Aprender para Ensinar*,¹ no qual a mediação adquire características específicas, por se tratar de jovens surdos aprendendo sobre arte para ensinarem outros surdos em sua língua primeira. O aspecto mais interessante do encontro entre MAM-SP e cultura surda é uma influência mútua, imediata e visível: enquanto os frequentadores do Museu entendem que a Libras é a língua oficial de toda uma comunidade, novos sinais são criados pelos alunos, a partir dos conteúdos trabalhados e descobertos no Museu, enriquecendo a própria língua e circulando na comunidade.

Palavras-chave: surdos; Libras; Arte Contemporânea; mediação; Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Notas Biográficas: Cibele Lucena – professora-artista do Setor Educativo do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Joana Zatz Mussi – professora-artista do Setor Educativo do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Daina Leyton – coordenadora do Programa *Igual Diferente*, do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

¹ O Projeto *Aprender para Ensinar* é parte do Programa *Igual Diferente*, do Setor Educativo do MAM-SP. De 2002 a 2007, o Projeto foi realizado em parceria com a escola de educação infantil e ensino fundamental para crianças e jovens surdos Derdic (Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação, da puc-sp). Em 2008, o Aprender para Ensinar ampliou suas parcerias. Atualmente, integram o curso alunos e profissionais da Derdic, da Escola para Crianças Surdas Rio Branco, da Fundação Bradesco, do Colégio Radial e do Instituto Santa Terezinha.

O Projeto *Aprender para Ensinar*, idealizado em 2002, consiste na formação de jovens surdos como educadores, para que eles possam receber o público surdo no Museu em “língua primeira”.²

O Projeto foi concebido depois de se constatar que, nas visitas de grupos de alunos surdos às exposições do Museu de Arte Moderna de São Paulo, havia um longo processo de tradução e interpretação no diálogo entre os grupos de visitantes surdos e o educador-artista (EA)³ do Museu. Este, por desconhecer a Língua Brasileira de Sinais (Libras), tinha seu discurso traduzido pelo professor-intérprete que acompanhava o grupo, que, por sua vez, não estava familiarizado com os conteúdos da arte. Essa situação tinha como contrapartida a intensa comunicação dos visitantes surdos entre si, por meio de gestos, olhares e expressões, mas nada do que eles diziam chegava ao EA.

A dificuldade de comunicação entre o educador-artista e os visitantes surdos levava a atenção de todos mais para o que estava sendo dito e traduzido do que para a exposição em si ou para a experiência que poderia ser vivenciada a partir do contato com as obras expostas. O interesse dos visitantes pela exposição era notável, mas suas dúvidas, questões e reflexões não eram suficientemente exploradas, por causa do longo percurso de comunicação estabelecida entre o educador-artista do Museu e o grupo. Com a intenção de que os surdos pudessem ser recebidos em sua “língua primeira”, nasceu a ideia deste Projeto: formar jovens surdos para que recebessem os visitantes surdos nas exposições do Museu.

Para o linguista Élie Bajard, que observou o *Aprender para Ensinar* entre 2005 e 2006, é um desafio para o MAM e seus professores-artistas (PA) que conduzem o processo de formação orientar os jovens que não partilham sua língua. Uma vez que não existe, entre os PAS e os alunos surdos, uma intercompreensão linguística, a situação requer a presença de professores-intérpretes (PI) que dominem ambas as línguas. Nessa singular situação de formação artística, a questão da diversidade das linguagens (com uso considerável de fotografias, vídeos, esquemas e filmes) se torna um ponto crucial. Por duas razões: a primeira, porque a imagem é uma linguagem que não pressupõe alfabetização prévia para ser compreendida; a segunda, porque o objeto de estudo é a própria arte (BAJARD, 2005).

² De acordo com o linguista Élie Bajard (2005, p. 6), “[...] o surdo nascido de pais ouvintes defronta-se com a difícil situação de não herdar uma língua de sua família. Para conquistar a Língua de Sinais, a criança surda precisa, imperativamente, conviver dentro de uma comunidade de crianças surdas. Assim, antes do diagnóstico e do contato com essa comunidade, não possui uma língua materna. Frequentando uma comunidade surda de uma instituição educativa, aprende uma ‘primeira língua’. Depois, em sua fase de alfabetização, descobre a língua portuguesa, como ‘segunda língua’. Portanto, utilizaremos os conceitos de “língua primeira” e “língua segunda”, que se aplicam melhor aos surdos do que os conceitos de língua materna e língua estrangeira.

³ No Setor Educativo do MAM, tanto os educadores que acompanham grupos em visitas às exposições quanto os professores de cursos continuados são profissionais que também desenvolvem trabalho pessoal de criação. A atividade educativa é, assim, entendida e vivida como um “percurso criador”, com qualidades estéticas, plásticas e um caráter potencialmente inovador. Por isso, nos referimos a esses profissionais como educadores-artistas (EA) e professores-artistas (PA).



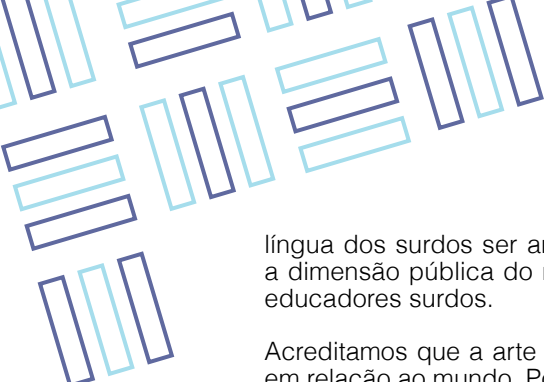
O espaço expandido de um curso continuado com jovens surdos, que se desdobra no atendimento de um grande público surdo, traz aos frequentadores do Museu a reflexão e compreensão de que a Libras não é um simples emaranhado de códigos visuais, mas uma língua de semiologia complexa, cujo aprendizado dá acesso a inesgotáveis dimensões de pensamentos e significados.

Antes de iniciado o trabalho contínuo com o público surdo, desconhecíamos os desafios linguísticos que ele enfrenta para se comunicar. Durante muitos anos, os surdos foram considerados legalmente “incapazes”, e as escolas e os centros de educação de diferentes partes do mundo proibiam a Língua de Sinais, obrigando os surdos a falarem a “língua dos ouvintes”. Todas as comunicações deviam ser orais.⁴

No Brasil, apesar de utilizada e ensinada há bastante tempo, a Libras só foi reconhecida como meio legal de comunicação em 2002.⁵ Isso nos mostra que, apesar de a questão da

⁴ Em um importante Congresso Internacional de Educadores de Surdos, realizado em 1880, em Milão, o oralismo saiu vencedor e o uso da Língua de Sinais, nas escolas, foi “oficialmente” abolido (SACKS, 1998, p. 40).

⁵ Conforme a Lei nº 10.436, criada em 2002 e regulamentada em 2005, entende-se como Língua Brasileira de Sinais (Libras) a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e a difusão da Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.



língua dos surdos ser antiga, sua regularização é bastante recente. Esse fato aponta para a dimensão pública do nosso trabalho, bem como para a relevância social de se preparar educadores surdos.

Acreditamos que a arte desempenha um papel fundamental para a transformação do olhar em relação ao mundo. Por meio dela, podemos estabelecer relações significativas entre conteúdos teóricos e a cultura contemporânea, aprimorando a capacidade crítica do indivíduo ao estimular um olhar criador, procurando perceber os diversos significados culturais inseridos na imensa quantidade de imagens com que temos contato diariamente.

Há várias maneiras de construir a mediação resultante da interação do educador com o grupo que visita a exposição. Uma delas é pedir ao grupo que faça perguntas sobre aquilo que está vendo. Assim, a curiosidade dos visitantes dará subsídio para que o percurso se desenvolva. As perguntas se tornam a base do aprendizado.

No caso de um curso de formação continuada como o *Aprender para Ensinar*, as perguntas dos alunos surdos que dele participam podem se tornar futuramente as mesmas que eles farão aos grupos de visitantes surdos que irão atender. Nesse caso, atuando como mediadores, os educadores-aprendizes se apropriam da dimensão criativa e significativa de sua própria experiência, na medida em que suas indagações se tornam as mesmas feitas para envolver o outro. Esse educador-aprendiz propõe posicionamentos e sentidos, constrói significados. Ele tem consciência de que a relação com a arte passa, em primeiro lugar, pela dimensão da experiência (o que implica levar em conta lugares sociais, culturais, políticos, histórias de vida etc.).

Ao passar por experiências significativas como conversas com artistas, curadores e outras diversas personagens que compõem o universo da arte e do Museu (educadores, pessoas do acervo, seguranças, montadores), as perguntas dos alunos e as respostas que vão encontrando permanecem como eixos conceituais e problematizações ao longo de todo o ano. Assim, quando atendem como educadores-aprendizes os outros grupos, os alunos do *Aprender para Ensinar* estabelecem diversas conexões entre o que estão vendo ou “ensinando a ver” e as experiências de troca originadas das conversas que viveram no Projeto, expandindo o próprio caráter da mediação.

Quando a articulação entre conteúdos e estratégias de aproximação com a arte e o Museu ocorre, a mediação é bem-sucedida e a proliferação de conhecimentos em ambas as direções (do Museu para a sociedade e desta para o Museu) acontece. Portanto, discutir a mediação é crucial, pois nela reside a possibilidade de o Museu ser modificado pelas pessoas e comunidades que o frequentam, configurando-o efetivamente como um espaço público.

Sendo o *Aprender para Ensinar* um curso de formação de formadores, não mediamos apenas a relação entre o aluno e a “arte”, mas sua relação com a “educação”. Isso significa que, ao longo do processo de ensino-aprendizagem, experienciar e compreender a “arte” (como forma e conteúdo) são atividades tão importantes quanto a apreensão consciente das estratégias e dos princípios utilizados pelas PAs. Por isso, no Projeto, a possibilidade de interpretar as obras assume uma radicalidade singular: o que se produz no percurso



entre as línguas e na relação desse percurso com a arte é o enriquecimento da própria Libras. Isso acontece quando apresentamos palavras, noções e conceitos para os quais não existe tradução, tornando necessária a invenção de sinais para que os alunos possam compartilhar com os grupos que recebem os novos aprendizados.⁶ Com isso, não são apenas novos sinais que estão sendo criados, mas uma nova cartografia de afetos, desejos e conhecimentos que se abrem e podem ser vividos, já que esses sinais se proliferam rapidamente, enriquecendo não só a língua, mas o próprio território por onde circula e se inscreve a cultura surda.

O que o Projeto *Aprender para Ensinar* evidencia é que o ato de mediar deve ser entendido de forma ampla, abarcando aspectos não apenas relacionados à educação e, neste caso, à arte, mas também às transformações culturais que os encontros entre diferentes agentes e espaços sociais provocam.

⁶ Algumas dessas conceitualizações para as quais sinais precisaram ser criados são fixas, ou seja, se repetem ao longo dos anos por serem eixos constantes do curso, como "arte contemporânea" e "educação contemporânea". Outros aparecem e têm que ser aprofundados e discutidos, conforme as exposições que estão em cartaz no MAM como "antropofagia", "panorama", "identidade", "deslocamento" etc.

A formação continuada desses jovens surdos levou instituições paulistas (entre elas o MAM-SP) a contratarem educadores surdos para integrarem a sua equipe, efetivando e inserção da Libras e da comunidade surda no circuito museológico. O Museu de Arte Moderna de São Paulo, a Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Museu Afro Brasil e o Centro Cultural Banco do Brasil são as instituições que hoje podem atender à comunidade surda em sua língua primeira.

O *Aprender para Ensinar*, desde sua concepção até hoje, proporcionou o atendimento de mais de 3.000 visitantes surdos nas exposições do MAM-SP. O reconhecimento da relevância social do Projeto por iniciativas públicas e privadas consagram a sua importância e são fortes dispositivos de divulgação, para a multiplicação e continuidade das ações. Nesse sentido, podemos destacar: o Prêmio de Inclusão Social⁷ (2005), Prêmio Ludicidade⁸ (2008), Prêmio Darcy Ribeiro⁹ (2009) e Prêmio Sentidos¹⁰ (2010).

A contratação de educadores surdos em espaços culturais e a validação das ações do Projeto *Aprender para Ensinar* em diferentes âmbitos são significativos desdobramentos e resultados, que muito fortalecem o percurso de acessibilidade dos espaços culturais.

⁷ Promovido pela Associação Brasileira de Psiquiatria e pela Ely Lilly, o Prêmio de Inclusão Social tem como objetivo incentivar, divulgar e premiar contribuições valiosas para a inclusão social de pessoas com sofrimento psíquico.

⁸ Promovido pelo Ministério da Cultura, o prêmio Ludicidade visa à promoção de uma política nacional de preservação da Cultura da Infância e da Adolescência.

⁹ Promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), consiste objeto do Prêmio Darcy Ribeiro incentivar e premiar as práticas relacionadas à ação educativa em museus brasileiros.

¹⁰ O Prêmio Sentidos tem o objetivo de divulgar e reconhecer as histórias de superação de pessoas com deficiência e mostrar as realizações em prol da inclusão social e econômica desenvolvidas por instituições do terceiro setor, empresas e poder público. É uma iniciativa da revista e *site* Sentidos, Avape, Fenavape, Instituto Ressoar, Rede Record de Rádio e Televisão, e com o apoio da Secretaria Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Editora Escala, Flow Design, Áurea Editora, Net Cidade e Trama Comunicações.





Atualmente, é muito clara para nós a demanda da comunidade surda de se fazer ouvir em reivindicações que são seus direitos. E também é nítido o potencial das atuações poéticas e estéticas, nas quais mensagens são transmitidas por meio da arte e de uma comunicação inusitada, que desloca o olhar “normatizado” do cotidiano e nos leva a refletir.

Transmitindo mensagens mediante interações e intervenções poéticas e estéticas, buscamos explorar a riqueza e o potencial da Língua Brasileira de Sinais, um forte atributo e patrimônio da comunidade surda que deve cada vez mais ser reconhecido pela sociedade como um todo. Nesse sentido, o *Aprender para Ensinar* é um dispositivo que ajuda a fortalecer o percurso de conquistas da comunidade surda.

Referências Bibliográficas

BAJARD, Élie. **Esquemas de comunicação no projeto aprender para ensinar**. Pesquisa de observação do Projeto Aprender para Ensinar, patrocinada pela Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração. 2005.





Centro de Pesquisas Museológicas – Museu Sacaca

Nas Trilhas do Conhecimento:

comunidades e cientistas protegem juntos a biodiversidade do Amapá

Núbia Soraya de Almeida Ferreira,
Alcione Nazaré Pereira Tork e Iana Keila Lima dos S. Duarte

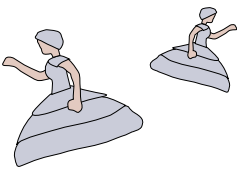
RESUMO: *Nas Trilhas do Conhecimento: comunidades e cientistas protegem juntos a biodiversidade do Amapá* é um Projeto itinerante do Museu Sacaca patrocinado pela Petrobras, que busca valorizar o conhecimento popular sobre as plantas da Amazônia relacionando-as com as pesquisas desenvolvidas pelo Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (Iepa). Composta de dez painéis, que abordam o tema da biodiversidade com ênfase nas plantas da Amazônia (andiroba, copaíba, urucum, castanha-do-brasil, mandioca e açaí), a exposição faz relação das espécies com os produtos do Iepa, mostrando tanto o conhecimento popular quanto o científico, as curiosidades, as peculiares e seu *habitat* natural. A exposição *Nas Trilhas do Conhecimento* desenvolve, além das atividades inerentes à exposição, ações pedagógicas voltadas à valorização e preservação do patrimônio cultural dentre elas: dinâmicas, palestras e oficinas pedagógicas, nas quais o público participante esteja envolvido no processo de apropriação e reapropriação do conhecimento.

Palavras-chave: Museu Sacaca; biodiversidade; patrimônio cultural; preservação.

Notas Biográficas: Núbia Soraya de Almeida Ferreira – socióloga, com especialização em Inovação e Difusão Tecnológica, mestre em Planejamento e Políticas Públicas, servidora pública do Amapá exercendo suas atividades no Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado desde 1995, atuando no setor de Museu. Está na direção do Museu Sacaca desde 2003.

Alcione Nazaré Pereira Tork – contadora, exercendo a gestão da Divisão de Exposição e Programação Visual no Museu Sacaca, do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado, desde 2003.

Iana Keila Lima dos S. Duarte – pedagoga, com especialização em Psicopedagogia, servidora pública do Amapá, exercendo suas atividades no Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado, desde 2002. Atua como responsável pelas exposições itinerantes e oficinas pedagógicas da Divisão de Exposição e Programação Visual.



Localizado ao extremo norte do País, o Amapá é um dos nove estados que compõem a Amazônia brasileira, e o que possui sua cobertura vegetal mais preservada. Possui mais de 143.000 km² e cerca de 550 mil habitantes, aproximadamente 89% vivendo na área urbana, principalmente em Macapá, a capital do estado – a única capital por onde passa a Linha do Equador, o Marco Zero que divide o planeta Terra entre os trópicos de Câncer e de Capricórnio.

O nome Amapá vem do tupi, língua indígena, e significa “lugar da chuva”. De fato, chove no estado entre 2.250 e 3.250 milímetros por ano. A chuva abundante e o relevo diversificado explicam em parte a impressionante diversidade de ecossistemas naturais no estado (VALLE; SILVA, 2007).

O Centro de Pesquisas Museológicas – Museu Sacaca localizado na capital amapaense possui uma exposição a céu aberto com 20 mil metros quadrados, na qual é possível conhecer réplicas de habitações das etnias Palikur e Waiãpi, a casa da farinha Karipuna, a casa dos ribeirinhos, dos castanheiros, o orquidário, além da representação da ocupação dos rios e igarapés da região, pelo barco regatão Índia do Brasil. O monumento do marabaixo simboliza a dança folclórica tradicional do estado, uma das contribuições dos negros à cultura local. A exposição ainda abriga uma representação do sítio arqueológico do Maracá, localidade onde foram encontrados os fragmentos dos primeiros habitantes das nossas florestas. No viveiro de plantas é possível conhecer espécies da flora medicinal do estado, bem como produtos fitoterápicos, uma das linhas de pesquisa do lepa, e finalmente a praça “do Sacaca”, com escultura tamanho original do Sacaca. O Museu oferece ainda um auditório com 280 lugares, a praça de alimentação com quatro quiosques, para comercialização de artesanato e da culinária local, a casa de leitura Aracy Mont'Alverne – espaço destinado a pesquisa sobre temas da cultura local e pesquisas do Instituto –, e a Casa das Exposições onde hoje se apresenta a exposição de longa duração lepa: Novos Caminhos da Ciência e Tecnologia do Amapá.

Para que esse museu fosse especial, no entanto, não bastavam arquitetura diferenciada e proposta museológica inovadora, era necessária uma construção diária, o trabalho com as escolas, a superação das dificuldades de manter uma exposição a céu aberto em um ambiente tão adverso como o do norte do Brasil, que reúne períodos de chuva intensos, alternados com os de calor em torno de 40°C e umidade relativa do ar entre de 75% e 95% (Boletim de Meteorologia do lepa, 2009).



A partir da exposição a céu aberto, podem ser escolhidos temas e problemas, relacionados aos conteúdos das diversas disciplinas do currículo, estimulando a observação, a criatividade e o senso crítico dos alunos, possibilitando assim a interação do ensino formal com o não formal.

A ação desenvolvida com as escolas considera a educação como um processo de reflexão constante, pensamento crítico, criativo e ação transformadora do sujeito e do



mundo. A exposição é um espaço de troca de conhecimento e de vivência entre professores, alunos e técnicos do Museu no trabalho de preservação do patrimônio cultural. Nesse ponto é importante enfatizar o trabalho desenvolvido pela equipe de monitores do Museu Sacaca, que desenvolvem atividades de visita guiada, com a preocupação de passar informações referentes às comunidades representadas e de ouvir do visitante sua experiência de vida, inclusive da criança, sua visão de mundo e o relato de histórias que muitas vezes ouviu de seus pais ou avós.

Existem três instrumentos importantes na ação pedagógica do Museu Sacaca. O primeiro é o grupo cultural, formado por funcionários e monitores, que combina informação e arte. No grupo cultural, são trabalhados temas da cultura popular, como cantigas de roda, contos, lendas e mitos, além de atividades de educação ambiental e divulgação do conhecimento científico, em especial das pesquisas desenvolvidas pelo Iepa. O segundo é o planetário móvel Maywaka, que significa universo na língua dos índios Palikur. A proposta do planetário é utilizar a etnoastronomia, ou seja, o saber sobre o céu a partir da visão dos diversos grupos sociais, índios, cientistas, pescadores.

A terceira ação desenvolvida pelo museu é a exposição itinerante, que leva para as escolas e eventos dentro do estado e fora dele os diversos temas abordados pelas pesquisas do Iepa.

Nesse contexto, apresenta-se o Projeto Nas Trilhas do Conhecimento, de montagem de exposição itinerante aprovado pelo edital da Petrobras no ano de 2006. O objetivo, além de montar a exposição, é realizar oficinas pedagógicas com as comunidades, promovendo a interação dos conhecimentos formal, não formal e científico, produzidos pelos diferentes grupos sociais, incluindo a comunidade no processo de obtenção do conhecimento científico.

O Projeto busca a valorização da diversidade ambiental, cultural e da representação dos diversos segmentos sociais representados na exposição a céu aberto do Museu Sacaca. Para tanto, utiliza além das atividades próprias da exposição ações pedagógicas voltadas à promoção dessa diversidade como dinâmicas, palestras e oficinas pedagógicas.

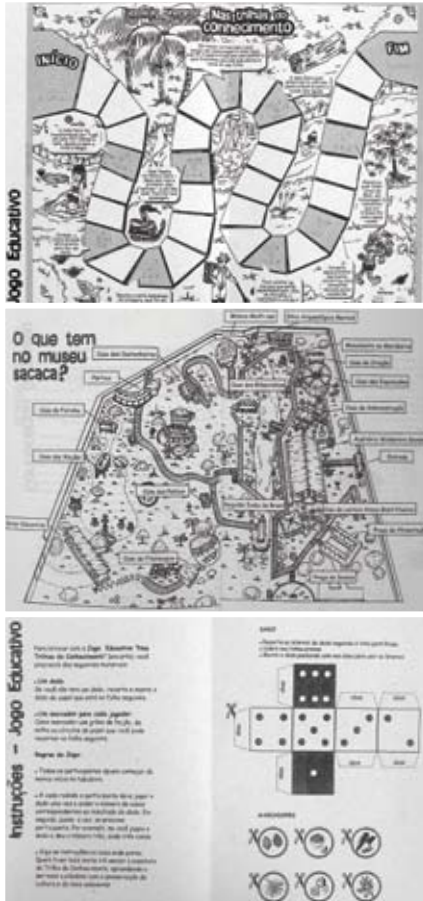
Nas Trilhas do Conhecimento desenvolve uma metodologia específica para o público infanto-juvenil, iniciando com a visita à exposição, a qual possui dez painéis que apresentam as plantas da Amazônia: andiroba, copaíba, urucum, castanha-do-brasil, mandioca e açai. A exposição relaciona as espécies com os produtos fitoterápicos do lepa, mostrando tanto o conhecimento popular quanto o científico, as curiosidades, as peculiares e seu *habitat* natural.

Em seguida, ocorre a exibição de um vídeo com duração de 15 minutos, que ressalta o conhecimento popular das comunidades sobre as plantas apresentadas na exposição. A equipe de técnicos utilizando linguagem apropriada e dialogada socializa com as crianças e os jovens os principais pontos abordados pelo vídeo e a exposição, enfatizando a cultura, a ciência, os cuidados com o meio ambiente, as riquezas da biodiversidade do Amapá e as pesquisas científicas do lepa. Posteriormente, são encaminhadas aos espaços das oficinas pedagógicas para as diversas atividades lúdicas como: contação de histórias, jogos educativos, cartilha, brincadeiras de roda, pintura e criação de personagens das lendas amazônicas.

Em média são atendidos nas oficinas 35 participantes por turma, crianças de 1ª a 5ª séries e jovens da comunidade das escolas públicas e/ou particulares do Amapá, ou ainda, crianças e adolescentes integrantes de organizações não governamentais (ONGs) ou da comunidade.

Ao todo, já foram atendidos em média 600 estudantes na capital do estado e 1.550 no interior. Hoje, o Projeto *Nas Trilhas do Conhecimento* integra outro maior que é o projeto Apoena, que sai em caravana para as escolas levando não só a exposição itinerante mais o planetário Maywaka, o grupo cultural e as diversas oficinas desenvolvidas pelos setores.

No Museu Sacaca o conhecimento científico interage com o conhecimento popular, produzindo um saber que nasce do reconhecimento do patrimônio cultural como instrumento de educação e desenvolvimento social. O que se busca neste processo é contribuir para formação de cidadãos éticos, solidários, críticos e com capacidade de transformar sua própria realidade.



Referências Bibliográficas

AMAPÁ (Estado). Governo do Estado do Amapá. **Iepa**, Macapá, ano I, n. 1, out. 2006a.

_____. Secretaria de Fomento e Incentivo a Cultura. **Reestruturação da Exposição Itinerante do Museu Sacaca**. Brasília, 2006b.

VALLE, Milena del Rio do; SILVA, José Maria Cardoso da. **Corredor de Biodiversidade do Amapá**. Belém: CI-Brasil, 2007. 54 p. il. Disponível em: <www.iepa.ap.gov.br/metereologia/boletim>. Acesso em: 26 maio 2010.

Museu da Vida



Oportunidade e Conhecimento: a experiência do Museu da Vida

Isabel Aparecida Mendes Henze

RESUMO: O *Curso de Formação de Monitores para Museus e Centros de Ciência – Programa de Qualificação de Monitores* é um Projeto voltado para jovens de 16 a 21 anos, matriculados no ensino médio de escolas públicas, moradores das comunidades vizinhas à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro. O Programa é desenvolvido pelo Serviço de Educação em Ciências e Saúde do Museu da Vida, desde 2007, e conta com o apoio da Coordenação de Projetos Sociais da Fiocruz. O curso busca trabalhar a autoestima desses estudantes, estimulando vocações científicas, desenvolvendo potenciais e promovendo a educação para a autonomia. Assim, a comunidade do entorno da Fiocruz e de outras regiões do Rio têm a oportunidade de se apropriar do espaço institucional, ganhando experiência no atendimento ao público, informação sobre diferentes áreas de conhecimento e orientação para uma escolha profissional consciente.

Palavras-chave: ciências; saúde; capacitação; monitores; jovens; Museu da Vida.

Nota Biográfica: Isabel Aparecida Mendes – mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional em Saúde (Mestrado Profissional) da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (Fiocruz). É graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em Educação Profissional em Saúde da Fiocruz. Atua no Serviço de Educação em Ciências e Saúde do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz e na Formação e Capacitação de Mediadores para o Museu da Vida.



Nós fazemos parte de um projeto que inclui jovens “inexperientes” num campo profissional caracterizado por conter apenas pessoas altamente instruídas. Essa maneira de inclusão não se limitou apenas em fornecer um curso, mas nos tornou autoconfiantes para darmos continuidade a esse projeto fora das “paredes” do Museu da Vida, isto é, devolver à comunidade tudo que nos foi dado, acreditando e confiando que outros têm o mesmo potencial. (Aline Santos – ex-monitora, graduada em Ciências Contábeis na Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Uerj).

Para início de conversa

Neste relato gostaria de dividir com vocês um pouco desta que tem sido uma experiência única no campo das ações educativas em museus e que, a cada ano, renova-se com turmas formadas por jovens interessados na transformação de sua realidade social.

Estamos falando do *Curso de Formação de Monitores para Museus e Centros de Ciência – Programa de Qualificação de Monitores do Museu da Vida*. O Serviço de Educação em Ciências e Saúde do Museu da Vida é o responsável pelo desenvolvimento do curso que, seguindo a lógica construtivista, procura estimular os jovens a refletir sobre a sociedade em que vivem, no sentido de transformá-la, e não apenas de reproduzi-la.

“Tudo muda o tempo todo no mundo”

(Lulu Santos e Nelson Motta)

Iniciaremos pela música “Como Uma Onda”, escolhida como tema da redação do processo seletivo do primeiro *Curso de Formação de Monitores para Museus e Centros de Ciência*. Escolhemos uma música muito conhecida pelos jovens para tratar do assunto Ciência e Tecnologia.

Ela se tornou o hino da primeira turma durante as aulas passeio (visitas técnicas) a outros museus, em festas e na formatura. Além da redação, o processo de seleção contava também com uma entrevista em grupo e outra individual, o que foi mantido nas seleções posteriores.





Outro momento importante do Curso foi marcado pelas frases abaixo, também selecionadas das redações, cujo tema era *Se eu fosse cientista*:

“Tentaria desenvolver fórmulas que ajudassem a combater a Aids, a violência, a pobreza e a discriminação racial.” - *Renata dos Santos*;

“Prenderia-me a observar o ser humano, pois ele é o mundo mais rico e fonte inesgotável de ideias.” - *Viviane Fernandes*;

“Faria algo pelo meu planeta; ele é a minha casa.” - *Bruno Leonardo de Lima*;

“Nunca imaginei-me como cientista, mas, se fosse, desenvolveria vários tipos de vacinas. Não seriam vacinas comuns, seriam contra o preconceito, não só para as pessoas que discriminam, mas também por aqueles que lutam por direitos, não deixando que isso voltasse a acontecer.” - *Aline Silva de Souto*.

As frases acima revelam o imaginário dos jovens e foram escolhidas pelos próprios alunos como as que mais os representavam. Nossa proposta não se restringe a mais uma iniciativa de “retirar” esses jovens da rua, do tráfico e das drogas, como uma política emergencial e de proteção social. Trabalhamos para intervir na formação deles de uma forma constante, considerando que os núcleos de apoio mais imediatos a esse cidadão, seja a família, a escola ou as entidades comunitárias, enfrentam crises diversas. Buscamos contribuir para seu acesso à cidadania plena, por meio da educação, da formação profissional e da informação, para viabilizar a conquista de seus direitos civis, sociais e políticos e, principalmente, a possibilidade da escolha consciente sobre seu futuro pessoal e profissional. Trabalhamos com o foco no acompanhamento individual e com nossa real capacidade de oferecer-lhes inserções, o que justifica o quantitativo de jovens abarcados diretamente pelo Projeto.

Mas quem são esses jovens?

Moradores das comunidades vizinhas à Fiocruz, conhecidas pela alta vulnerabilidade social, matriculados no ensino médio da rede pública ou em pré-vestibular comunitário. Jovens que têm buscado participar de projetos e ações sociais nas escolas, igrejas, em suas comunidades, além do próprio Museu da Vida; pesquisando, apresentando trabalhos, produzindo materiais, construindo oportunidades para atravessar o abismo social e buscar conhecimento, reconhecimento e inclusão.

“Estou junto às pessoas, incentivando o sonho de cada um. Quem não conhece a Maré acha que sou uma exceção. Não. Assim como eu, tem muita gente se esforçando. Só é preciso mostrar outros futuros possíveis.” *Jean Maciel* – ex-monitor da I Turma, graduado em Arquivologia, na UniRio, em 2005. Ficou em quinto lugar no concurso da Unesco e Folha Dirigida com sua redação sobre a paz. Dentre 12.800 universitários, sua redação ficou entre as 100 melhores reunidas em um livro, o que levou Jean a Paris, na sede da Unesco, para o lançamento da obra. Ingressou como estagiário e hoje trabalha na Sala de Consulta do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz.



Curso de Formação de Monitores: consolidação de uma experiência

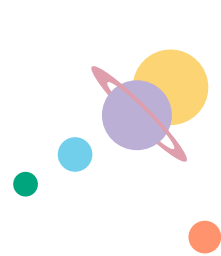
Criado em 1999, o curso foi desenvolvido, inicialmente, em parceria com o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (Ceasm) e desde 2002 tem o apoio da Coordenação de Cooperação Social da Presidência da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). As turmas reúnem aproximadamente 50 jovens do Complexo da Maré, de Manguinhos e do Alemão, além de outros bairros do município do Rio de Janeiro.

Durante os seis meses do curso, os jovens aprendem conteúdos gerais de ciência e divulgação científica relacionados aos museus. Em seguida, no período de aprofundamento, os monitores participam de oficinas de conteúdos específicos do Museu da Vida, que envolvem temas científicos como: Biodiversidade, Comunicação, História, organização da vida e fenômenos da Física. A atribuição dos monitores, quando atuam como estagiários de iniciação profissional durante os dez meses seguintes, é apoiar a mediação nas visitas pelos vários espaços do Museu da Vida: Espaço Passado e Presente – Castelo Mourisco, Parque da Ciência, Centro de Recepção, Biodescoberta e Ciência em Cena.

Desde 2004, o conjunto de ações educativas constituiu o *Programa de Qualificação de Monitores*. Atualmente é constituído por: Curso de Formação de Monitores, aprofundamento de conteúdos específicos dos espaços temáticos do Museu da Vida, estágio de iniciação profissional, Curso de Inclusão Digital (acesso à informática), Projeto *Avicênia* e pelos seminários *Ciclo de Oficinas e Debates: Saúde e Cidadania* e *Semana de Informação Profissional – Feira de Profissões*.

O Programa tem como principal objetivo formar monitores para atuarem em museus e centros de ciência, adotando uma metodologia que possibilite explorar conteúdos de ciências em um espaço não formal de educação, mediante processo de participação, reflexão e construção coletiva de conhecimento.

“Gostei muito dessa oportunidade de fazer o curso, aprendi muita coisa, como por exemplo, Física, Biologia, Teatro e também aprendi a respeitar mais as pessoas” (*Marcia Félix*, ex-monitora e graduada em Pedagogia na Universidade Federal Fluminense/UFF).



O Projeto *Avicênia*, por meio do qual realizamos pesquisa e mapeamento de monitores egressos, desde 2006, orienta os ex-monitores para o mundo do trabalho, a partir do perfil cadastrado de mais de 120 ex-alunos. Dentre os 198 jovens formados pelo Programa até dezembro de 2008, 83 ingressaram no ensino superior. Desses, 58 estão se graduando e 25 graduados. Dos 58 ex-monitores graduandos, 65% estão inseridos em instituições de ensino particular e 35% em instituições públicas. Dos 25 monitores graduados, 50% estão atuando em suas respectivas áreas de formação.

O Programa tem contribuído para ampliar os horizontes culturais dos alunos, na medida em que desmistifica conteúdos relacionados às áreas profissionais, como Biologia, Matemática, História e Física, e também incentiva os jovens a continuar estudando e a escolher, na hora do vestibular, profissões relacionadas à experiência de estágio no Museu da Vida.

De 2006 a 2010, o Projeto *Avicênia* recebeu solicitações de diferentes instituições para o encaminhamento de ex-monitores para estágio e trabalho, com o objetivo de atuarem em diversas áreas. Em maio de 2010, 100 ex-monitores estavam trabalhando formalmente de carteira assinada e 44 participavam de trabalhos temporários. Desse total, uma média de 15 atuava em exposições temporárias no Museu da Vida.

Desde sua inauguração, o Museu da Vida se estabeleceu como um polo de lazer, cultura e educação não formal, em uma região formada por diversas comunidades de baixa renda e escolas públicas, tornando-se para muitos desses moradores uma das poucas opções totalmente gratuita de equipamento cultural.

Referências Bibliográficas

BAETA, A. M. B; SEIBEL, M. Itoni. **Uma contribuição para a educação formal?** Relatório da Pesquisa FINEP, Centro de Educação em Ciência, Museu da Vida, Fiocruz. 1999. Mimeografado.

CAZELLI, S. **Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas:** quais as relações? 2005. Tese (Doutorado) – Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BONATTO, Paula; MENDES, Isabel; SEIBEL, Itoni. Ação mediada em museus de ciências: O caso do Museu da Vida. In: MASSARANI, Luisa; MERZAGORA, Matteo; RODARI, Paola (Org.). **Diálogos & Ciência:** mediação em museus e centros de ciência. Rio de Janeiro: Museu da Vida, Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, 2007.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Desigualdade social é a grande causa da violência entre jovens.** 2004.

PRATA, Flora; MENDES, Isabel. **Relato de Experiência do 1º Curso de Formação de Monitores para Museus e Centros de Ciência.** Museu da Vida – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz e Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM). Comunidade Solidária. mar. 2000.

VALENTE, Maria Ester. **Educação em Museu o público de hoje no museu de ontem.** 1995. Tese (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1995.



Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás

Diálogos Interculturais:

experiência de parceria entre o Museu
Antropológico da UFG e professores Terena
da Aldeia Cachoeirinha

Rosani Moreira Leitão e Marisa Damas Vieira

RESUMO: O Projeto *Interlocução entre o Museu Antropológico e Professores Terena: assessoria didático-pedagógica* foi desenvolvido entre janeiro e setembro de 2008, em coautoria do Museu Antropológico e da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Goiás (UFG) com a Escola Municipal Indígena Coronel Nicolau Horta Barbosa, da Aldeia Cachoeirinha (Miranda/MS). O objetivo desse Projeto era assessorar os professores locais no desenvolvimento de ações voltadas para o fortalecimento das práticas de leitura e de escrita bilíngues, ou seja, a língua portuguesa e a língua Terena, na escola e na comunidade de Cachoeirinha. Essa iniciativa proporcionou a criação de espaços e condições teórico-metodológicas para a discussão, reflexão e inovação das práticas pedagógicas dos professores e para a produção de materiais para uso didático relacionados ao diálogo intercultural entre a comunidade Terena e os demais moradores da região.

Palavras-chave: leitura; escrita; Terena; Cachoeirinha; língua; Museu Antropológico.

Nota Biográfica: Rosani Moreira Leitão – graduada em Ciências Sociais, mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB). Atua como coordenadora da Divisão de Antropologia do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás e também coordena o Projeto *Diálogos Interculturais*.

Marisa Damas Vieira – graduada em Comunicação Social e mestre em Música pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atua como produtora cultural e responsável pelo Setor de Comunicação e Documentação Audiovisual do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás.

Apresentação

O presente artigo apresenta resultados do Projeto de extensão *Interlocução entre o Museu Antropológico e Professores Terena: assessoria didático-pedagógica* e coautoria na elaboração de produtos para uso didático, desenvolvido pelo Museu Antropológico e pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Goiás, em parceria com a Escola Municipal Indígena Coronel Nicolau Horta Barbosa, da Aldeia Cachoeirinha (Miranda/MS), e seus professores, no período de janeiro a setembro de 2008.¹

A proposta resultou de um compromisso assumido anteriormente com os professores de Cachoeirinha, em contrapartida ao apoio recebido deles à realização de pesquisa para uma tese de doutorado.² Concluída a tese, dois novos projetos foram propostos e desenvolvidos em parceria com os professores Terena, visando à produção de instrumentos teórico-conceituais e metodológicos, bem como de instrumentos didáticos para subsidiar a prática pedagógica dos professores em questão: o projeto de pesquisa *Aprendizado, Socialização e Cidadania de Crianças Terena: interfaces entre a educação familiar e comunitária e a educação escolar* e o projeto de extensão objeto deste texto.³

Desenvolvido paralelamente e lançando mão de resultados da pesquisa acima mencionada, o projeto de extensão teve como objetivo assessorar os professores de Cachoeirinha no desenvolvimento de ações voltadas para o fortalecimento das práticas de leitura e de escrita bilíngues na escola e na comunidade de Cachoeirinha.

Para os Terena, como para os povos indígenas em geral, o domínio da escrita é considerado um importante mecanismo de empoderamento e construção de cidadania, por ser uma eficaz forma de registro, comunicação e divulgação da cultura Terena, e por representar um mecanismo que agrega poder político e valor simbólico às suas demandas externas no cenário político nacional e internacional. Levando em conta essas considerações, os objetivos específicos definidos como prioritários ao Projeto foram: 1) Desenvolver atividades que possibilitem a discussão e compreensão de noções teórico-conceituais e metodológicas relativas às práticas de leitura e escrita em sociedades indígenas; 2) Elaborar produtos didáticos adequados à realidade sociolinguística da comunidade; e 3) Colaborar com a construção de uma proposta pedagógica que busque a articulação dos saberes específicos do universo cultural Terena com conhecimentos produzidos em outras partes do mundo, traduzindo-os de uma forma didática e sistematizada conforme critérios do saber escolar.

¹ O projeto contou com o patrocínio do Programa de Apoio à Cultura: Extensão Universitária (PROEXT Cultura 2007) promovido pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras por intermédio das Fundações de Apoio à Pesquisa da Universidade Federal de São João Del Rei e da Universidade Federal de Goiás.

² Doutorado cursado pela pesquisadora Rosani Moreira Leitão no Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas da Universidade de Brasília.

³ O projeto de pesquisa *Aprendizado, Socialização e Cidadania de Crianças Terena: interfaces entre a educação familiar e comunitária e a educação escolar* foi aprovado pelo CNPq e contemplado com financiamento do edital de Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas, edição 61/2005 e foi realizado no período de setembro de 2006 a agosto de 2008.



O Projeto foi executado por uma equipe interdisciplinar, composta por pesquisadores/servidores do Museu e professores/pesquisadores Terena. Também integraram a equipe estagiários – estudantes de graduação da UFG –, um agente comunitário Terena e pesquisadores-collaboradores de outras instituições.⁴

As atividades foram desenvolvidas tanto nas dependências do MA/UFG como na escola da aldeia Cachoeirinha, em forma de oficinas, reuniões, palestras e consultorias que abordaram, entre outros assuntos, a legislação referente à educação escolar indígena no Brasil; estudos e discussões de projetos pedagógicos, matrizes curriculares e produção didática de outras escolas indígenas do Brasil e do exterior; leitura, discussão e revisão de versão preliminar de texto de projeto pedagógico elaborado pelos professores, bem como de documentos elaborados por eles em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação referente à constituição do sistema de educação indígena do município de Miranda.

Além das reuniões e oficinas para organização do material de campo e elaboração preliminar dos produtos do Projeto, o trabalho também envolveu coleta e tratamento de dados etnográficos e outros materiais visando à elaboração dos produtos para uso didático.

Em termos quantitativos, o público diretamente beneficiado contempla toda a comunidade Terena da Terra Indígena Cachoeirinha, que abrange, além de Cachoeirinha propriamente dita, as aldeias Argola, Babaçu, Lagoinha e Morrinho, atingindo um número aproximado de 3.000 pessoas, incluída uma população escolar de 1.000 estudantes e 40 professores. Indiretamente e futuramente, os resultados do Projeto podem beneficiar os demais professores e estudantes de aldeias Terena de outros municípios, na medida em que tiverem acesso aos produtos elaborados.⁵

A concepção teórica e metodológica, bem como as ações do Projeto, foram caracterizadas pela interdisciplinaridade e pela interculturalidade.⁶ Concebido e executado de forma a priorizar o diálogo e a interlocução não só entre as especialidades acadêmicas de pesquisadores

⁴ A equipe contou com a colaboração dos pesquisadores Antonio Carrillo Avelar (Universidade Nacional Autónoma do México – Unama) e Jean Paraizo Alves (MEC e Museu Antropológico da Universidade Federal do Goiás – MA/UFG); e com os estagiários/estudantes de graduação Núbia Vieira Teixeira (Faculdade de Educação da Universidade Federal do Goiás – FE/UFG), Patrik Thames Franco e Rafael Martins Santana (Faculdade de ciências sociais da Universidade Federal do Goiás – FCS/UFG). Contou também com um agente sociocultural Terena, o estudante Benjamim Sebastião Farias, além dos professores Terena Maria de Lourdes Elias Sobrinho, Genésio Farias e Aronaldo Júlio.

⁵ Neste caso, principalmente, uma edição final do livro *Yuhóikoti Yutóxoti Vemó’u*, em quantidade suficiente de exemplares, poderá ser distribuída nas escolas de comunidades Terena que vivem em aldeias situadas no município de Campo Grande, Aquidauana, Anastácio, Dourados, Nioaque, Rochedo, Sidrolândia, Bonito e Dois Irmãos do Buriti, compostas por uma comunidade aproximada de 8.000 alunos e 300 professores.

⁶ A noção de interculturalidade, apesar de recorrer aos estudos culturais e à noção de multiculturalismo, pretende ir além dessa noção, uma vez que a interculturalidade é compreendida como o resultado de múltiplas conexões entre fronteiras culturais distintas. Nesse ponto de vista não existe uma cultura homogênea. Pelo contrário, existem relações entre distintas formas de cotidianidades com distintos horizontes e tradições que constituem um todo no qual uns sem os outros não existiriam.



e estagiários, mas também entre a UFG e seus pesquisadores e a comunidade Terena e seus especialistas, a iniciativa pode ser considerada um importante precedente que inova as concepções de pesquisa e extensão universitária em comunidades indígenas.

As práticas adotadas no desenvolvimento do trabalho também permitiram uma flexibilização nas relações entre as políticas públicas voltadas para grupos étnicos e povos minoritários, uma vez que possibilitaram um entrecruzamento das fronteiras que, via de regra, separa quem concebe e executa a política pública do seu público-alvo. Isso ocorre porque tanto a equipe executora quanto a população beneficiada abrangem, por um lado, especialistas e estudantes da UFG e, por outro, a população indígena de Cachoeirinha e o público visitante do Museu Antropológico, composto principalmente pela comunidade escolar das redes de ensino de Goiânia.

A previsão no edital (PROEXT Cultura/2007) da participação da comunidade interessada possibilitou, inclusive, a contratação de um jovem Terena como estagiário/bolsista, o qual atuou no Projeto como agente sociocultural. A composição de uma equipe, não só de natureza interdisciplinar (Educação, Antropologia, Música, Comunicação Social, História e Artes Plásticas), mas também intercultural, foi fundamental para o estreitamento dessas relações entre as partes envolvidas e para o desenvolvimento de ações voltadas para a solução de problemas identificados pela própria comunidade Terena.

Assim, o Projeto contou com a parceria da comunidade de Cachoeirinha em todas as etapas, desde a concepção e definição de prioridades e de metodologias de trabalho até a sua execução e avaliação. Essa associação permitiu uma contínua comunicação entre a UFG e os professores da aldeia Cachoeirinha, possibilitando múltiplas situações de interlocução, de trocas de experiências e saberes e de contribuições mútuas, ao mesmo tempo em que também proporcionou aprimoramento e capacitação de todos os envolvidos nas práticas de pesquisa e extensão na temática abordada.

Além das atividades do Projeto propriamente dito, a participação dos Terena e da Escola Municipal Indígena Coronel Nicolau Horta Barbosa, como instituição parceira, constituiu-se também na coordenação de eventos em conjunto, bem como em atividades de obtenção e

tratamento de dados etnográficos para subsidiar a elaboração dos produtos previstos.⁷ Houve, portanto, um empenho em proporcionar o deslocamento da equipe em ambos os sentidos: da universidade à aldeia e da aldeia à universidade. Durante a execução do Projeto, professores Terena estiveram no Museu Antropológico, em Goiânia e, em contrapartida, receberam os pesquisadores da UFG em sua aldeia várias vezes.

Numa dessas ocasiões, a professora Terena que fez parte da equipe participou durante uma semana de uma programação com atividades voltadas para a organização e interpretação de dados etnográficos, troca de experiências acadêmicas, acompanhamento e avaliação das ações já realizadas e planejamento das próximas. Em outra ocasião, um grupo de professores Terena participou de um seminário promovido pelo MA/UFG, no período de 11 a 15 de agosto de 2008,⁸ uma vez que a abertura da mostra *Diálogos Interculturais: interlocução entre o Museu Antropológico e professores Terena* estava inserida na programação do seminário. Nessa oportunidade, eles apresentaram materiais e registros produzidos por seus alunos em oficinas programadas no âmbito do Projeto, para compor a exposição, da qual participaram da finalização e da montagem, bem como relataram experiências no seminário.⁹

⁷ Como exemplos, podem ser mencionados os casos do seminário *Práticas Educacionais e Interculturalidade*, realizado nos dias 17 a 19 de abril de 2008, envolvendo as atividades culturais em comemoração à semana do índio, a oferta do minicurso *Problemas Relativos à Leitura e Escrita em Escolas Indígenas*, a elaboração e montagem da Mostra/Exposição *Diálogos Interculturais: interlocução entre o Museu Antropológico e professores Terena*.

⁸ Seminário *Conhecendo a Diversidade Étnica e Cultural do Brasil Central* – Parte II, que reuniu também representantes de outros povos indígenas da região em oficinas de confecção e uso de instrumentos musicais, bem como de narração de mitos.

⁹ BELIZÁRIO, Celinho; ELIAS SOBRINHO, Maria de Lourdes; FARIAS, Benjamim Sebastião; FRANCELINO, Selma Maria e JÚLIO, Aronaldo. Relatos de Experiência de Professores Terena como estudantes de Pós-Graduação no Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco e como parceiros e do Museu antropológico no desenvolvimento de projetos em sua comunidade, no Seminário *Conhecendo a Diversidade Étnica e Cultural do Brasil Central* – Parte II. Goiânia: Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, de 11 a 15 de agosto de 2008.



Outra atividade promovida foi um minicurso na aldeia, denominado Problemas Relativos à Leitura e Escrita em Escolas Indígenas (nos dias 17 e 18 de abril de 2008), ministrado pelo professor Antonio Carrillo Avelar, um experiente pesquisador da Universidade Nacional Autónoma do México (Unam). O curso realizado na própria aldeia e a ida do pesquisador convidado facilitaram o acesso de todos, fatores avaliados de forma positiva pelos professores Terena e pelas autoridades de Cachoeirinha.

Resultados e produtos do projeto

De modo geral, o Projeto atingiu seus principais objetivos, que consistiam na criação de espaços e condições teórico-metodológicas para a discussão, reflexão e inovação das práticas pedagógicas dos professores e para a produção de materiais para uso didático. Apesar de alguns dos produtos previstos não terem sido concluídos, pode-se destacar, como principais resultados, a organização da versão preliminar de um livro didático de alfabetização em língua Terena e de uma mostra de fotos, textos e objetos abordando os resultados da pesquisa e extensão.

O livro *Yuhoikoti Yutóxoti Vemó'u* foi elaborado pelos professores Terena da Escola Municipal Indígena Coronel Nicolau Horta Barbosa, a partir de materiais (desenhos, textos, fotos) produzidos em diversas ocasiões: atividades da época em que estudavam (quando frequentaram o curso Normal superior, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), atividades docentes, reuniões de trabalho, atividades de sala de aula e oficinas realizadas com os alunos.

A mostra *Diálogos Interculturais: interlocução entre o Museu Antropológico e professores Terena*, cuja primeira edição foi exposta no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, no período de agosto de 2008 a março de 2009, tendo como eixo orientador as





noções de *aprendizado e socialização, educação escolar e interculturalidade*, abordados a partir de textos, imagens fotográficas, desenhos e objetos.¹⁰

O Projeto ocorreu de forma satisfatória, atingindo a maioria dos seus objetivos, apesar de alguns aspectos terem dificultado o desenvolvimento das atividades, tais como a não previsão no edital de recursos para o custeio de diárias e passagens (o que dificultou a adequada mobilidade da equipe e a realização de trabalho de campo) e o curto período previsto em edital para a realização do Projeto, o que não permitiu a agilidade necessária na liberação de recursos e na compra de todos os equipamentos e materiais necessários no início do trabalho (considerando, principalmente, os entraves burocráticos próprios de processos de implantação e execução de projetos em instituições públicas). Entretanto, essas dificuldades foram sanadas, na medida do possível, graças ao apoio da UFG e do Museu Antropológico que, além de disponibilizarem a estrutura mínima necessária para a realização do trabalho, ofereceram recursos para algumas viagens e estadias e transporte para a locomoção da equipe.

¹⁰ LEITÃO, Rosani Moreira e VIEIRA, Marisa Damas (Curadoria). Mostra *Diálogos Interculturais: interlocução entre o Museu Antropológico e Professores Terena*. Goiânia: Sala de Exposição II do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, de agosto de 2008 a março de 2009. Um fôlder para divulgação e *slides* contendo imagens fotográficas e fundo musical, acompanham a exposição.

Referências Bibliográficas

ALVES, Jean Paraizo. **Em Busca da Cidadania**: escolarização e reconhecimento de identidades indígenas em dois países americanos (México e Brasil). 2007. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2007.

AZANHA, Gilberto; LADEIRA, Maria Elisa Terena. In: **Enciclopédia Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: <www.socioambiental.org.br>. Acesso em: fev. 2005.

BARTOLOMÉ, Alberto Miguel. **Gente de Costumbre y Gente de Razón**. Oaxaca/México: INI, 1999.

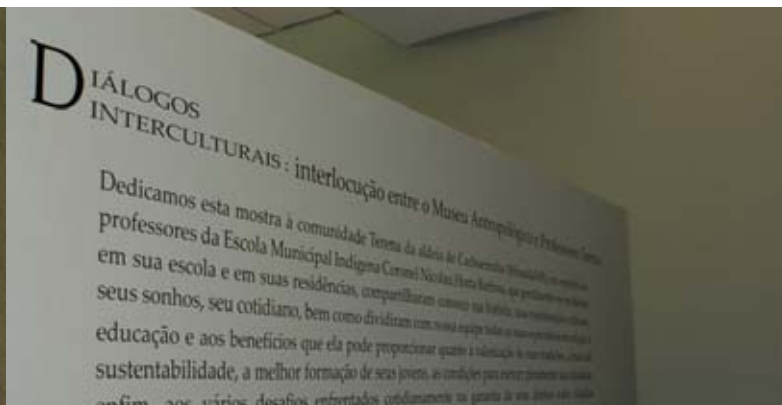
BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais para a Formação de Professores Indígenas**. Brasília: SEF/MEC, 2002.

BIGIO, Elias dos Santos. **Linhas Telegráficas e Integração de Povos Indígenas**: as estratégias políticas de Rondon (1889-1930). 1996. Dissertação (Mestrado) – Programa em Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, Brasília, 1996.

BUTLER, Nancy E. Um bom começo basta? Um retrospecto sobre a experiência em educação bilíngüe, existente desde 1999, nas escolas Terena no distrito de Taunay-MS. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 13., 17-20 jul. 2001, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 2001.

CABRAL, Paulo Eduardo. **Educação Escolar Indígena em Mato Grosso do Sul**: algumas reflexões. Campo Grande: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, 2002.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Diários e suas Margens**. Brasília/Rio de Janeiro: Ed. UnB, Ed. da Biblioteca Nacional, 2004.



CASTAÑO, Javier García. Sobre algunas intenciones del concepto antropológico de cultura. In: GALVÁN, Sergio Téllez (Ed.). **Estudios Interculturales y Educación: bases teóricas.** México: SEC/SIGOLFO UV, 1999. Antología.

DIETZ, Gunther. **Multiculturalismo, interculturalidad y educación: una aproximación antropológica.** Granada/México: Ed. Universidad de Granada-CIESAS, 2003.

GADAMER, Hans-Georg. **Vedad y Método I.** Salamanca: Ed. Sígueme, 1992

HAMEL, Rainer Enrique. La política del lenguaje y el conflicto interétnico. In: KLESING-REMPEL, 1995.

HONNETH, Axel. **Luta pelo Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.** São Paulo: Editora 34, 2003.

KYMLICKA, Hill. **Ciudadanía Multicultural: una teoría liberal de los derechos de las minorías.** Barcelona: Paidós, 1996. p. 25-55, 183-209, 239-263.

LEITÃO, Rosani Moreira; VIEIRA, Marisa Damas. **Relatório do Projeto de Extensão: Interlocução entre o Museu Antropológico e Professores Terena. Assessoria pedagógica e co-autoria na elaboração de produtos para uso didático.** Goiânia: Museu Antropológico da UFG, 2008.

LEITÃO, Rosani Moreira Leitão. **Escola Identidade Étnica e Cidadania: comparando experiências e discursos de professores Terena no Brasil e Puhépecha no México.** 2005. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2005.

MUÑOZ CRUZ, Hector (Coord.). **Rumbo a la Interculturalidad en educación.** México: Universidad Pedagógica Nacional, Universidad Autónoma de México, Universidad Autónoma “Benito Juárez” de Oaxaca, 2002.

TAYLOR, Charles. **El Multiculturalismo y la Política del Reconocimiento.** México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

The image is a mosaic of a classical building facade, possibly a temple or a grand public building. The mosaic is composed of small, irregular tiles in various colors, including reds, oranges, yellows, blues, and purples. The building features a prominent portico with columns and a pediment. The overall style is reminiscent of ancient Greek or Roman art. A solid green horizontal bar is overlaid on the center of the image, containing the text 'Instituto Ricardo Brennand' in white. The mosaic is set against a dark, textured background.

Instituto Ricardo Brennand

Projeto Museu Escola

Compartilhando Conhecimentos

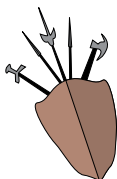
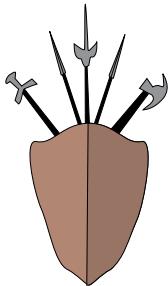
Aurea Maria de Alencar Muniz Bezerra e Joana D'Arc de Sousa Lima

RESUMO: O Projeto Peça a Peça, criado pela Ação Educativa do Instituto Ricardo Brennand – O Projeto *Museu Escola Compartilhando Conhecimentos* surgiu em 2007, com o redimensionamento dos encontros temáticos com professores, por meio de um projeto piloto que pudesse apontar caminhos e procedimentos teóricos e metodológicos, visando à qualificação da parceria Instituto Ricardo Brennand e escolas como espaços compartilhados na construção de conhecimentos. O objetivo dessa ação foi subsidiar os professores das escolas que realizavam agendamentos para visitas ao Instituto com conteúdos sistematizados sobre o acervo, ferramentas pedagógicas e trocas de experiências didáticas. Assim, a visita não seria mais concebida como um mero passeio, mas como estratégia do desenvolvimento não somente das temáticas também presentes nos currículos escolares, mas do pensamento crítico dos alunos. Os professores são percebidos como multiplicadores do saber. Em contrapartida, com reuniões sistemáticas com os educadores do Instituto Ricardo Brennand, os docentes avaliam as propostas educativas apontando acertos e equívocos, aprimorando as iniciativas. Assim, o conhecimento é construído em conjunto – IRB e escolas – e de forma contínua.

Palavras-chave: professores; capacitação; formação continuada; público escolar; Instituto Ricardo Brennand.

Notas Biográficas: Aurea Maria de Alencar Muniz Bezerra – licenciada em Educação Artística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), especialista em Ensino de Artes Plásticas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atualmente, trabalha como Coordenadora Pedagógica da Ação Educativa do Instituto Ricardo Brennand.

Joana D'Arc de Sousa Lima – doutoranda em História Cultural pela Universidade Federal de Pernambuco, atuava como coordenadora do Setor Educativo do Museu no período em que o Projeto *Museu Escola Compartilhando Conhecimentos* estava sendo desenvolvido.



O Instituto Ricardo Brennand, em Recife, é um complexo formado por uma Pinacoteca, que abriga a maior coleção de Frans Post do mundo, um castelo estilo medieval gótico inglês que expõe uma das maiores coleções, do Brasil, de armas, armaduras e objetos que fazem referência à Idade Média e uma biblioteca, com um grande acervo voltado para arte e cultura, com ênfase no período do Brasil Holandês. Além dessas mostras, há exposições do seu próprio acervo, obras do Movimento Orientalista, Modernistas, do Classicismo Greco-Romano, do Neoclassicismo e produções de artistas oriundos da Academia Imperial de Belas Artes que representaram a cidade do Recife, dentre outras, no contexto do século XIX.

Constatamos, por meio do exercício da mediação e da pesquisa qualitativa e quantitativa, que a maioria dos grupos escolares que agendavam visitas ao Instituto Ricardo Brennand não eram devidamente preparados para usufruir de forma significativa do legado presente no espaço visitado, muitas vezes identificando a atividade simplesmente como um passeio. A partir dessa descoberta, buscamos a construção de um projeto pedagógico que convidasse o docente a interagir e conhecer, no primeiro momento, o acervo, escolher temáticas para apresentar e trabalhar com seus alunos, preparando-os antecipadamente para a visita.





Baseados nessas premissas, foram criados os percursos temáticos, objetivando tanto o exercício da pesquisa por parte dos arte-educadores que fazem as mediações, como o oferecimento de um curso de formação continuada para professores, subsidiando e estimulando esses profissionais a trabalhar conteúdos e projetos didáticos a partir dos temas trabalhados.

Tendo como meta conceber o museu como espaço de fruição estética e construção de conhecimentos, grande ênfase é dada aos processos educativos na formação de públicos, para que eles usufruam de forma significativa o acervo museológico exposto. Afinal, como nos legou o poeta russo Maiakovski, “a arte não está para a massa desde seu nascimento. Ela chega a isso no fim de uma soma de esforços. É preciso organizar a compreensão”.

Para alcançarmos esse objetivo, nos fundamentamos em pressupostos teóricos e metodológicos da Educação Patrimonial, da Educação Estética e Artística, por intermédio das contribuições de Magaly Santos, Sonia Kramer, Paulo Freire, Ana Mae Barbosa e Míriam Celeste Martins, dentre outros teóricos da educação nos museus e na escola.

No ano de 2006, oferecemos dez encontros de formação para cerca de 500 docentes, ministrados pelos arte-educadores responsáveis por cada temática em pauta, contemplando-os também com materiais teóricos e imagens atinentes aos assuntos abordados, além de visitas mediadas ao acervo estudado.

A partir dessa experiência de formação, pudemos constatar que pequena porcentagem dos docentes que participaram desses encontros retornou ao Instituto com seus alunos. Consequentemente, não pudemos ter os parâmetros necessários para medir as contribuições dos estudos temáticos nas práticas pedagógicas desses professores. Além dessa dimensão, não foi possível constatar o paradigma de que o aluno previamente preparado na sala de aula usufrui de forma mais significativa da visita mediada, isto é: interage melhor, é mais crítico e reflexivo, torna-se um pesquisador do que foi apreendido.

Respaladas nessas experiências e descobertas, idealizamos para o ano de 2007 o redimensionamento dos encontros temáticos com professores, com um projeto piloto que pudesse apontar caminhos e procedimentos teóricos e metodológicos, visando à qualificação da parceria IRB/escola como espaços compartilhados na construção de conhecimentos.

O primeiro encontro foi utilizado para apresentação do Projeto e das temáticas possíveis de serem trabalhadas: Período Nassoviano, Gênero Paisagem na História da Arte, Expressões da Mitologia Greco-Romana nas Esculturas, Orientalismo, Referências Medievais no Acervo do Castelo São João da Várzea, Origem e Desenvolvimento das Armas, Colecionismo, Heráldica, Técnicas e Materiais em Artes Plásticas, Tapeçarias e Vitrais: Fazeres Especiais.

A escolha dos educadores, em parceria com seus educandos, recaiu nas sete primeiras temáticas acima citadas. Durante as formações, os docentes foram subsidiados com textos de fundamentação, construídos pelos arte-educadores, pesquisadores e mediadores, e por imagens das obras de referência de cada temática estudada.

Os participantes também tiveram acesso à biblioteca e puderam, com o apoio das bibliotecárias, utilizar o rico acervo para alimentar ainda mais a temática escolhida. A maioria dos docentes en-





volvidos no Projeto trouxeram os seus alunos para visitar o Instituto Ricardo Brennand, solicitando na marcação a temática selecionada para o desdobramento do trabalho em sala de aula.

Após cada encontro, foi solicitada uma avaliação do trabalho e os resultados, bastante gratificantes, apontavam para “a segurança dos expositores”, “a qualidade do material exposto”, “o atendimento e as expectativas atendidas”, “clareza na exposição do tema”.



Como ponto negativo, os docentes apontaram “o tempo curto para muita informação”, “pouco tempo para apreciação das obras”, “serem muito condensadas as palestras e a visita durar um tempo mínimo”.

Em relação às proposições, evidenciaram o desejo de “fazer uma reciclagem só nos locais onde temos contato com as artes”, “nova visitação à biblioteca, pois foi rápida para a grandeza do espaço”, “senti o desejo do oferecimento da temática ‘Brasões e Identidades’, que houvesse a possibilidade de dar um caráter mais interdisciplinar, pois percebo que há uma prioridade nas áreas de Arte e História” e “disponibilizar mais cursos, pois já estou com saudades”, dentre outras.

É preciso ressaltar o apoio dado, pela Secretaria de Educação de Olinda, aos seus professores, que tiveram ônibus para duas visitas dos alunos ao IRB: uma para conhecer o acervo e outra para escolher e trabalhar o recorte temático. As secretarias de Educação do Recife, Camaragibe e Jaboatão também disponibilizaram transporte para seus grupos.

A socialização das experiências de sala de aula ocorreu no mês de dezembro, quando cada professor envolvido compartilhou o seu fazer docente e as produções dos seus alunos para um público composto por educadores, gestores, coordenadores pedagógicos e educadores de museus. Nessa ocasião, os relatos de experiências foram entregues por escrito, para que especialistas convidados pelas secretarias e pelo IRB pudessem avaliar os projetos, pois ficou estabelecido que os quatro mais significativos fossem premiados e aquele considerado mais relevante, a partir dos critérios previamente estabelecidos, seria também publicado.

Antes do início das apresentações, a comissão de avaliação se reuniu para definir os critérios a serem considerados, com o intuito de avaliar a importância didático-pedagógica dos projetos e também a sua sistematização e o relato. Assim, foram apontados os seguintes critérios: participação do docente nos encontros da formação; visita com os alunos ao IRB; entrega do Projeto didático sistematizado; conexão entre o conteúdo do Projeto e o contexto atual; e abordagem interdisciplinar.

Na data estabelecida para entrega e apresentação dos projetos vivenciados, apenas oito trabalhos foram socializados: quatro da rede municipal de Camaragibe, todos experimentados por professoras unidocentes; um da rede municipal do Recife, elaborado por uma docente de Arte; dois da rede municipal de Olinda, desenvolvidos por um professor de Arte e por uma professora de História; e um da rede municipal de Jaboatão, trabalhado também por uma professora unidocente.

Diante das apresentações de oito projetos e da leitura dos sete que foram sistematizados, quatro trabalhos foram apontados como os mais significativos, para efeito de premiação:

1º lugar – Mulheres: Ocidentais e Orientais, elaborado pela professora Taciana Durão Leite Caldas, da Escola Municipal Maria Sampaio de Lucena, da Prefeitura do Recife, desenvolvido com alunos do 2º ano do IV Ciclo e do Módulo 5 de EJA.

Conteúdos de diferentes componentes curriculares – Arte, Geografia, Filosofia, História e Biologia – foram trabalhados interdisciplinarmente, focando questões relativas a valores éticos e culturais, multiculturalidade, religiosidade, além de temas relacionados à mulher, como gravidez na adolescência, estabelecendo uma ligação com a realidade dos estudantes. A conexão alunos-sala de aula-museu ficou bastante evidenciada, como também o domínio da professora em relação aos conteúdos explorados. Concluindo a apresentação do processo, houve exposição das produções artísticas dos alunos, que demonstraram ter sido resultantes de encaminhamentos didáticos fundamentados em ler, contextualizar e fazer artístico. É importante salientar que, dentre os projetos lidos, este foi o que apresentou uma estrutura de sistematização mais organizada e completa. Portanto, foi o Projeto que melhor atendeu aos critérios e apresentou um produto de melhor qualidade.

2º lugar – Esculturas Neoclássicas da Mitologia Grega: Releitura e Apropriação, elaborado pela professora Joseane Maciel, da Escola Municipal São José, da Prefeitura de Camaragibe, desenvolvido com alunos da 4ª série.

Explorou conteúdos de Língua Portuguesa, com leitura de lendas da Mitologia Grega e produções textuais, e também de História, Geografia e Arte, focando aspectos como formação ética, localização espacial, leitura de imagens e produções artísticas. Ficou bastante claro que a interdisciplinaridade permeou todo o Projeto.

A conexão entre o conteúdo apresentado e o contexto atual foi trabalhada a partir da reflexão sobre identidade cultural, destacando o confronto da cultura do aluno com outras culturas, como também a permanência, no tempo atual, de padrões estéticos relativos à antiguidade clássica. A adaptação temporal e contextual quanto ao uso de materiais foi explorada pelo uso de garrafas PET para a produção da releitura de uma das esculturas trabalhadas.

3º lugar – Referência Medieval: As Armas, da professora Maria José dos Prazeres M. Pontes, da Escola Municipal Coronel José Domingues da Silva, da Prefeitura de Olinda, desenvolvido com alunos da 8ª série.

O Projeto começou com a professora explorando o conceito de museu, pois ela havia detectado a rejeição dos alunos a esse tipo de espaço. Exibiu o filme “Uma Noite no Museu”, buscando provocá-los antes de levá-los ao IRB. Na visita, os alunos se encantaram com o espaço. As armas foram evidenciadas e o castelo foi explorado como obra, tendo como referência a Idade Média.

A conexão com o contexto atual foi trabalhada a partir do uso das armas no presente, relacionadas com a violência. Houve diversas produções textuais dos alunos, organizadas em um portfólio, e a apresentação de um jogral, a partir de um texto escrito pela professora.

4º lugar – Leitura de Obras de Arte da Mitologia Grega, elaborado pelas professoras Maria das Dores Gomes, da 4ª série, e Rosineide Maria, da 3ª série da Escola Manuel Rito, da Prefeitura de Camaragibe, desenvolvido por alunos das respectivas séries.

Foram explorados conteúdos de Língua Portuguesa, com leituras e produções textuais; de História, relacionados à Mitologia Grega e um pouco sobre Roma; de Geografia, empreendeu-se a leitura de mapas e a análise comparativa entre mapas da Grécia e do Brasil; e quanto aos conteúdos de Arte, focou-se na leitura de obras na visita ao IRB: sua contextualização histórica e cultural, e nas produções artísticas, abordando a linguagem cênica e plástica. A interdisciplinaridade foi a tônica do Projeto exposto.

A conexão entre o conteúdo do Projeto e o contexto atual foi trabalhada a partir da produção de releituras e apropriações, modernizando o contexto das personagens na escultura Rapto da Sabina, escolhida pelos alunos para ser trabalhada. A adaptação temporal e contextual revelou-se em desenhos sobre cópias reproduzidas em xerox da imagem, incluindo indumentárias do tempo atual sobre os personagens da escultura e a criação de diálogos entre elas.

Os resultados apresentados a partir dessa experiência constataram a hipótese de que se o museu estabelecer parcerias com as secretarias de Educação, para que seus professores possam ter a oportunidade de participar de encontros de formação continuada no museu e seus alunos tenham o direito assegurado de ter transporte que viabilize o traslado escola-museu-escola, serão dadas as condições para que um trabalho educativo cultural entre o museu e a escola aconteça.

Foi também observado que o professor instrumentalizado pedagogicamente de conhecimentos e materiais prepara o seu aluno para uma fruição consciente dos legados artístico-culturais durante a visita mediada: o estudante interage melhor, é mais crítico e reflexivo e torna-se um pesquisador do que foi apreendido.

Para a Ação Educativa do Instituto Ricardo Brennand, a segurança de estar contribuindo para expandir a gama de conhecimentos de educandos e educadores, através de visitas orientadas construídas pela parceria museu/escola, que dessa forma efetiva o compartilhar conhecimentos. O museu aprende com a escola e a escola aprende com o museu a organizar a compreensão de legados artísticos e culturais sistematizados pela humanidade.



Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães

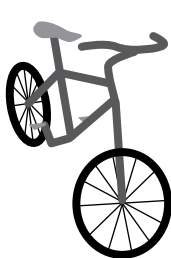
É Brincando que se Aprende

Gabriela da Paz

RESUMO: O Projeto educativo *É Brincando que se Aprende* utiliza a brincadeira como um instrumento pedagógico para o aprendizado da Arte Contemporânea no Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães. Por meio da brincadeira, usa-se a imaginação para criar simulações, tornando o lúdico uma forma de apreensão dos temas da exposição e possibilitando a vivência do seu conteúdo. Estimula a participação do visitante como agente de seu próprio aprendizado, desenvolvendo a criatividade e a tomada de decisões, valorizando a iniciativa e a decisão de cada jogador e despertando interesse pela leitura e pesquisa. Os jogos são passaportes para o mundo da imaginação. De maneira lúdica, as brincadeiras incentivam os visitantes a ter maior contato com a arte, permitindo que eles interajam ativamente na produção e da realização de ações artísticas. Desta forma, os participantes se sentem totalmente à vontade para viver a exposição e fazer suas construções narrativas a partir de suas experiências.

Palavras-chave: arte contemporânea; brincadeiras; narrativas; criação; Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães.

Nota Biográfica: Gabriela da Paz é gerente de Serviços de Arte e Educação do Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães.



Criado em 1997 com o objetivo de se tornar um centro de referência da produção Moderna e Contemporânea das Artes Visuais, o Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (Mamam), equipamento da Secretaria de Cultura da Cidade do Recife (PE), tem contribuído para a formação cultural do público e para o adensamento do meio institucional e artístico do Recife, mediante divulgação, registro e reflexão sobre a arte do presente e suas referências históricas. Instalado em um antigo casarão do século XIX às margens do Rio Capibaribe, tombado em nível estadual, o Museu possui uma área construída de 1.800 m² e conta com sete salas de exposição, biblioteca especializada em Arte Moderna e Contemporânea, reserva técnica, sala de Arte/Educação, espaço para oficinas e cursos educativos, sala de administração, auditório, café e depósito para acomodação de material museográfico.

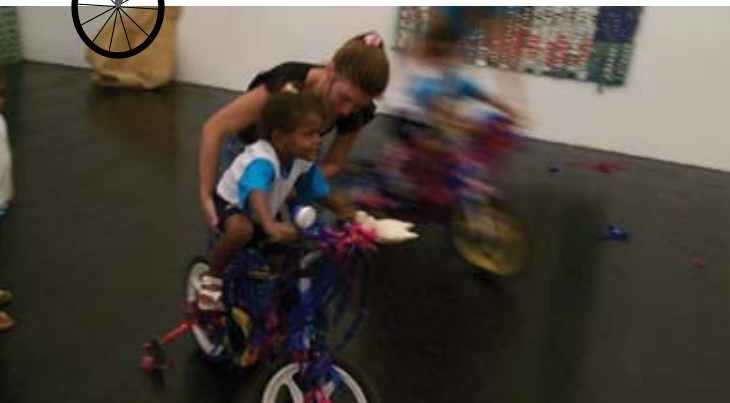
Tendo como missão a educação do olhar e o acesso ao pensamento e produção artística Moderna e Contemporânea de ponta, o Mamam possui acervo de cerca de 1.100 trabalhos, de diversas técnicas, que abrangem um período histórico compreendido entre 1920 e 2008.

Tendo como principal foco a formação de público, o Educativo Mamam utiliza experiências interativas que promovem o espaço museológico à categoria de laboratório de aprendizagem multissensorial. As atividades educativas promovem a comunicação entre a Arte Contemporânea e o público, utilizando a experimentação como ferramenta de construção de um novo olhar para o Museu, um olhar permeado de sensações de percepção.

O Projeto educativo *É Brincando que se Aprende* utiliza a brincadeira como um instrumento pedagógico. Por meio da brincadeira usa-se a imaginação para criar simulações, tornando o lúdico uma forma de apreensão dos temas da exposição e possibilitando a vivência do seu conteúdo. Estimula a participação do visitante como agente de seu próprio aprendizado, desenvolvendo a criatividade e a tomada de decisões, valorizando a iniciativa e a decisão de cada jogador e despertando interesse pela leitura e pesquisa.



Os jogos são passaportes para o mundo da imaginação. De maneira lúdica, as brincadeiras incentivam os visitantes a ter maior contato com a arte, permitindo que eles interajam ativamente na produção e na realização de ações artísticas. Dessa forma, os participantes se sentem totalmente à vontade para viver a exposição e fazer suas construções narrativas a partir





de suas experiências. Quem brinca sabe que a alegria se encontra precisamente no desafio e na dificuldade. E a Arte Contemporânea apresenta desafios que olham para nós e nos dizem: “Veja se você pode comigo!” Os projetos do Educativo Mamam trazem sempre o componente lúdico permeando o aprendizado.

Durante 2007 e 2008, o *É Brincando que se Aprende*, desenvolvido pela equipe de Arte/Educação do Mamam, promoveu as seguintes ações:

- 1. Mamam nas Ruas** – o Projeto apresenta um caráter extremamente inovador ao levar o museu aos seus arredores, abrangendo um público maior e atingindo comunidades periféricas tanto geograficamente, quanto socialmente. As ações do Mamam nas Ruas compreenderam:
 - **Passeio Ciclístico** – Essa atividade aberta à população recifense e coordenada pelo Educativo Mamam aconteceu em dois momentos. A ação 1 foi realizada durante a exposição *Novas Utopias*, dialogando com o trabalho *Ciclovias Aéreas* do artista carioca Jarbas Lopes. Na ocasião, os próprios participantes decoraram as bicicletas. A ação foi encerrada com passeio ciclístico e visita ao Pátio do Mamam, para conhecer a obra *O Bem e o Mal Entendido*, também de Jarbas Lopes, além de visita ao Instituto Cultural Banco Real, para conhecer a mostra do artista pernambucano Lourival Batista Cuquinha. A ação 2 foi realizada durante a exposição *Estética da Periferia*. Nessa ação, realizamos um mutirão de grafite e fomos à comunidade do Pilar com tintas para grafitar as fachadas das casas da comunidade com os moradores.
 - **Oficina de Cata-vento** – oficina de criação do brinquedo popular que teve como foco trabalhar as cores primárias e secundárias, bem como o conceito de instalação.
 - **Oficina de Pipas** – mais uma oficina que teve como objetivo o aprendizado das cores. Dessa vez, trabalhamos o conceito de cores complementares pelo contraste da cor da pipa (laranja) com a cor do céu (azul). A ação foi realizada nas comunidades Alto José do Pinho e Areias

- **Oficina de Origami** – apresentamos o conceito de intervenção urbana por meio da oficina de origami, unindo uma técnica milenar a novos conceitos de Arte Contemporânea. A ação também foi realizada nas comunidades Largo do Maracanã e Várzea
- **Mostra de Videoarte** – no evento de música que acontece anualmente na comunidade Alto José do Pinho e reúne milhares de jovens, o Educativo Mamam realizou uma mostra de videoarte em praça pública, com obras de artistas de Recife e de outras cidades do Brasil.
- **Caminhada Performática** – a partir do estudo da obra *Parangolé*, de Hélio Oiticica, realizamos a oficina “homem-sanduíche”, com pintura de *banners* com alunos do ensino médio de escola pública estadual. Depois, seguimos em caminhada performática pela cidade até a casa de ações descentralizadas do SPA das Artes, onde os alunos foram recebidos e apresentados à exposição em cartaz.

2. **Alice no País da Arte Contemporânea** – esta ação, realizada durante a exposição *Ogoláid O*, da artista Carla Zaccagnini, teve como objetivo apresentar aos participantes os questionamentos da artista sobre a possibilidade da cópia, por reprodução técnica ou manual, da obra de arte e sobre a inversão, pelo espelhamento na técnica da xilogravura. Para isso, a equipe de arte/educação do Museu, após estudar diversos textos que pudessem enriquecer a pesquisa para a mediação da exposição, escolheu o livro *Alice no País do Espelho*. Apropriamo-nos dos personagens desta obra para criar a ação e apresentar ao público um paralelo entre a obra de Zaccagnini e a de Carrol, facilitando, assim, o acesso aos códigos conceituais. Caracterizados com adereços que se referiam aos personagens Alice, Chapeleiro Maluco e Rainha de Copas e utilizando, como objetos ativadores do pensamento lúdico, espelhos e cartas de baralho, os arte-educadores convidaram o público a entrar no mundo da Arte Contemporânea. Essa ação foi realizada na comemoração da Semana Nacional de Museus, em maio de 2008.

3. **Oficinas de Colagem** – Tendo como fonte de inspiração obras de artistas como Matisse, Picasso e Rauschenberg, essa atividade teve como objetivo apresentar a um público





constituído exclusivamente por crianças de 7 a 12 anos uma oficina de pesquisa de como “pintar sem tinta”. Para tanto, utilizamos materiais diversos e colagem.

4. Oficina de Animação – Esta atividade, também direcionada às crianças de 7 a 12 anos, abordou princípios básicos de cinema de animação a partir de fotografia digital.

Todas as ações e oficinas propostas e realizadas pelo Educativo Mamam são gratuitas, bem como os materiais gerados por elas. Porém, para as oficinas de colagem e de animação, ambas realizadas no início de 2009, tivemos que cobrar uma taxa de R\$ 10,00 por criança, em 50% das inscrições, para que pudéssemos custear a compra do material utilizado pelos alunos. A outra metade das inscrições foi preenchida gratuitamente por alunos do Instituto de Assistência Social e Cidadania (IASC). No entanto, o objetivo do Educativo Mamam é realmente manter a gratuidade de suas ações, como forma de fomentar e ampliar o acesso às atividades culturais, principalmente àquelas pessoas socialmente excluídas.

Contabilizamos um público direto atingido de 450 pessoas (média de 30 pessoas por oficina) e um público indireto de 1.800 pessoas. Entendemos como público indireto todos aqueles que participam da ação por meio de comunicação repassada dentro dos núcleos de convívio social (ex.: escola, trabalho, família etc.), que se constituem potenciais frequentadores das exposições/atividades dentro do Museu.

Ao longo de nosso trabalho, foi iniciado um processo de aproximação maior do público à Arte Contemporânea, consequentemente ampliando a visitação e a visibilidade dos trabalhos desenvolvidos. Durante as oficinas, observamos um importante crescimento nas respostas aos estímulos lançados em cada desafio, um aumento da participação em atividades educativas promovidas pelo Museu. Registramos, também, o retorno dos alunos ao Museu através de visitas espontâneas e interesse em outras atividades culturais promovidas na cidade do Recife.

Acreditamos que uma experiência significativa é capaz de mobilizar ideias e atitudes. As atividades lúdicas desenvolvidas pelo Educativo Mamam são uma excelente ferramenta para formar público, repassar conceitos e aproximar pessoas de diferentes idades, condições econômico-sociais, intelectuais e físicas à Arte Contemporânea.



Museu Paraense Emílio Goeldi

o Clube

do Pesquisador Mirim do Museu Paraense Emílio Goeldi

Luiz Fernando Fagury Videira, Hilma Cristina Maia Guedes,
Alcemir de Souza Aires e Edileusa Maria da Silva

RESUMO: O Projeto *Clube do Pesquisador Mirim (CPM)*, desenvolvido no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), em Belém do Pará, tem a finalidade de contribuir para a popularização da ciência direcionada a crianças e adolescentes. Este Projeto, de educação não formal, visa proporcionar vivências de iniciação científica a estudantes do ensino fundamental, por meio de atividades baseadas nas pesquisas realizadas no Museu Paraense Emílio Goeldi e em assuntos de interesse amazônico.

O *Clube do Pesquisador Mirim* surgiu a partir do projeto denominado *Clube de Ciências e Cultura (Clube)*, desenvolvido pelo Serviço de Educação do MPEG no final da década de 1980. Atualmente, o Projeto é orientado por uma equipe multidisciplinar, constituída de biólogos, turismólogos, agrônomos, pedagogos, geógrafos, bibliotecários, arte-educadores e de profissionais de muitas outras formações acadêmicas. Cada instrutor assume a função de mediador do trabalho de pesquisa a ser desenvolvido por seu grupo e não necessariamente é especialista naquele assunto que vai trabalhar. Por meio de atividades diferenciadas, recursos e linguagens diversificadas, o instrutor procura estimular a construção do conhecimento dos pesquisadores mirins e este momento é de aprendizagem para ele também.

Palavras-chave: Educação em ciência; Educação não formal; popularização da ciência; Museu Paraense Emílio Goeldi.

Notas Biográficas: Luiz Fernando Fagury Videira – biólogo, educador do Museu Paraense Emílio Goeldi e coordenador do Projeto *Clube do Pesquisador Mirim*.

Hilma Cristina Maia Guedes – turismóloga, especialista em Educação Ambiental, educadora do Museu Paraense Emílio Goeldi e instrutora do Clube do Pesquisador Mirim.

Alcemir de Souza Aires – assistente técnico do Serviço de Educação do Museu Paraense Emílio Goeldi e instrutor do Clube do Pesquisador Mirim.

Edileusa Maria da Silva – bibliotecária, bolsista do Serviço de Educação do Museu Paraense Emílio Goeldi e Instrutora do Clube do Pesquisador Mirim.

Introdução

O Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) tem por missão “realizar pesquisas, promover a inovação científica, formar recursos humanos, conservar acervos e comunicar conhecimentos nas áreas de ciências naturais e humanas relacionadas à Amazônia” (PORTAL MPEG). Ao longo de seus 144 anos de existência, o MPEG tem contribuído para o avanço das pesquisas relacionadas à fauna, à flora, ao homem e ao ambiente amazônicos e desempenhado papel relevante de difusão desse conhecimento à sociedade.

Visando à socialização dos conhecimentos que produz nas áreas de Botânica, Zoologia, Ciências da Terra e Ecologia e Ciências Humanas, o MPEG se utiliza de diversos instrumentos, dentre os quais se destaca neste artigo o Clube do Pesquisador Mirim.

O *Clube do Pesquisador Mirim* (CPM) surgiu a partir do projeto denominado *Clube de Ciências e Cultura (Clube)*, desenvolvido pelo Serviço de Educação do MPEG no final da década de 1980, nas dependências do seu Parque Zoobotânico (PZB), localizado no centro da cidade de Belém. Esse Clube tinha como objetivo principal despertar o gosto pela ciência em estudantes do ensino primário, correspondente hoje ao ensino fundamental, mediante atividades práticas realizadas no PZB, como a observação da diversidade de plantas e o comportamento dos animais.

Atualmente, o *Clube do Pesquisador Mirim* é orientado por uma equipe multidisciplinar, constituída de biólogos, turismólogos, agrônomos, pedagogos, geógrafos, bibliotecários, arte-educadores e de profissionais de muitas outras formações acadêmicas. Os instrutores escolhem os assuntos a serem trabalhados a cada ano, independentemente da formação acadêmica, ou seja, a busca pelo novo, pelo desconhecido, começa antes da divulgação dos assuntos e dos novos grupos a serem formados.



Cada instrutor assume a função de mediador do trabalho de pesquisa a ser desenvolvido por seu grupo e não necessariamente é especialista naquele assunto que vai trabalhar. Por meio de atividades diferenciadas, recursos e linguagens diversificadas, procura estimular a construção do conhecimento dos pesquisadores mirins e esse momento é de aprendizagem para ele também.

Para o instrutor os conceitos abordados têm que fazer sentido para os pesquisadores mirins, por isso considerar o conhecimento prévio de cada um é fundamental na parceria de construção do conhecimento. Aprender significativamente para Moretto (2001) é dar sentido ao que as pessoas falam, e a partir disso relacionar o conhecimento elaborado com os fatos percebidos no cotidiano delas, vividos por elas e por outras pessoas. Essa prática é uma das estratégias de abordagem dos conteúdos no CPM.

Os encontros dos grupos do CPM em Belém acontecem nos espaços do Parque Zoobotânico do Museu Goeldi e são planejados visando explorar as experiências e conhecimentos que os alunos trazem consigo.

Diversas atividades são criadas, visando à introdução das temáticas de Zoologia, Botânica, Ciências Humanas, Ciências da Terra e Ecologia, como: a leitura de textos e dinâmicas de grupo; pesquisas de campo e bibliográficas; experimentos em laboratório e em campo; contato com pesquisadores; produção coletiva de textos, murais, cartilhas, vídeos, jogos, *kits*, entre outros; visitas técnicas às coleções científicas do MPEG; excursões a áreas de preservação ambiental e outras de acordo com a temática de cada grupo; comentários sobre vídeos e apresentação dos produtos finais à comunidade.

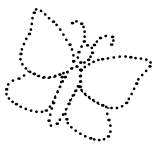
Para a implementação do CPM, as atividades anuais são divididas em três etapas distintas:

1. Planejamento – correspondente ao processo de elaboração do edital de seleção, divulgação, inscrição e seleção dos alunos e formação dos grupos. No edital, divulgado nas escolas da rede pública e privada, no site do MPEG e em outras mídias (rádio, jornal e televisão), constam os grupos de estudo oferecidos com seus respectivos temas, horários e locais de funcionamento.

Para seleção dos 180 pesquisadores mirins, os técnicos do Serviço de Educação (SEC) do MPEG avaliam a capacidade de trabalho em grupo dos candidatos (cooperação, liderança, motivação, coerência e domínio durante a apresentação dos trabalhos) e o grau de conhecimento referente a assuntos relacionados ao Museu Goeldi e à Amazônia.

A relação dos aprovados é divulgada no site do MPEG, afixada na portaria da instituição e também enviada aos meios de comunicação (podendo ou não ser publicada nos jornais de Belém).

2. Realização dos Encontros – os estudantes selecionados iniciam suas atividades como pesquisadores mirins descobrindo a importância das ciências: período introdutório que corresponde à familiarização com a instituição (MPEG) e as suas áreas de pesquisa.



Em seguida, dão início às pesquisas específicas, ou seja, etapa em que cada grupo define, em conjunto com o instrutor, as estratégias para o desenvolvimento das atividades. É importante ressaltar que os pesquisadores e técnicos das áreas científicas do MPEG são convidados, de acordo com os assuntos trabalhados em cada ano, para colaborar com os grupos do CPM. É o período mais longo, com aproximadamente cinco meses de duração, que culmina com o início da construção do produto final.

3. **Elaboração e Apresentação do Produto Final** – na fase de elaboração do produto final de suas atividades, os pesquisadores mirins, juntamente com os instrutores, definem a forma e confeccionam o produto final, resultante de suas pesquisas ao longo dos encontros semanais. O produto final pode ser uma cartilha, um *folder*, um *kit* ou jogo educativo, uma exposição, um vídeo, dentre outros.

A apresentação dos resultados do CPM é dividida em dois momentos: o primeiro corresponde a uma cerimônia no auditório do MPEG, na qual são relatadas as ações desenvolvidas no ano e entregues os certificados aos participantes. Posteriormente, todos os presentes se dirigem ao PZB, onde, em forma de estandes, cada grupo apresenta os procedimentos utilizados em suas pesquisas e seus respectivos produtos finais (*kits* e jogos educativos, *folders*, vídeos, dentre outros).

Esta etapa, que representa uma avaliação do produto final de cada grupo pelo público do PZB, é seguida da incorporação dos produtos ao acervo da Biblioteca Clara Galvão¹, onde ficam à disposição de seus usuários para consulta e uso (no caso dos jogos educativos) por estudantes, professores e instrutores do CPM como recurso didático em aulas durante eventos (feiras, congressos etc.).

Após 13 anos o CPM chega a outros lugares da Amazônia

Treze anos despertando vocações e produzindo material educativo sobre a Amazônia. Os grupos do CPM formados desde 1997, com mais de uma década de atividade ininterruptas no MPEG, atenderam diretamente cerca de 1.500 estudantes. Outros 2.500 estudantes excedentes² participaram de forma indireta das ações do CPM, atendidos por meio de oficinas de curta duração. Boa parte dos ex-pesquisadores mirins são efetivados como estagiários, assim que se tornam universitários em áreas compatíveis com o setor educativo.

Devido à boa receptividade e ao resultado positivo consolidado ao longo de 13 anos de atuação em Belém, o CPM expande-se para quatro cidades paraenses – Oriximiná, Parauapebas, Cachoeira do Arari e Igarapé-Açu.

¹ Biblioteca do Serviço de Educação destinada ao atendimento preferencial de estudantes e professores dos ensinamentos fundamental e médio.

² Estudantes que não conseguiram a aprovação ao longo dos 12 anos de CPM e são contatados para participar de oficinas de Arte e Ciência.

Desde 2001, o MPEG desenvolve o *Projeto Educação Ambiental e Patrimonial* no município de Oriximiná (PA), em parceria com a Mineração Rio do Norte, tendo como uma de suas inúmeras ações o Clube do Pesquisador Mirim, que já possibilitou a participação de mais de 200 crianças de comunidades quilombolas e ribeirinhas.

Em 2006, a parceria firmada com a Vale, por meio do Projeto *Conhecer para Preservar*, possibilitou a inserção do CPM no município de Parauapebas (PA), beneficiando mais de 100 crianças e 20 adultos da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Em parceria com o Museu do Marajó, no município de Cachoeira do Arari (PA), o CPM se faz presente com uma turma de 20 crianças e, em 2009, por meio de mobilização comunitária, já está sendo desenvolvido com 23 crianças, no município de Igarapé-Açu (PA). Em cada município onde o CPM é implantado, a equipe de instrutores adapta as metodologias e o foco a ser trabalhado (pesquisa, educação ambiental, educação patrimonial, sustentabilidade etc.).

Quanto aos materiais educativos produzidos ao longo dos anos, somam-se cerca de 60 impressos entre cartilhas, *folders* e folhetos, 45 jogos educativos, mais de 30 *kits* didáticos, três vídeos e duas exposições.

Boa parte desse acervo encontra-se disponível na Biblioteca de Ciências Clara Maria Galvão para consulta durante pesquisa escolar, utilização em exposições itinerantes e em espaços interativos durante eventos programados no PZB. Eles ainda servem de suporte didático aos encontros do CPM, a oficinas diversas e podem ser emprestados, como material de apoio, a estudantes de Pedagogia, educação básica, formação de professores etc.





Devido à grande demanda por materiais didáticos diferenciados e interativos, atualmente o grupo de instrutores do CPM trabalha com a finalidade de popularizar estes recursos didáticos, cartilhas, *kits* e jogos educativos em formato virtual, para que pessoas do mundo todo possam acessar e conhecer melhor o trabalho resultante do CPM.

A partir de 2007, foi implantada pelo CPM uma turma inclusiva, composta por sete crianças surdas e 13 ouvintes, possibilitando troca de conhecimentos e o acesso ao conhecimento científico. Nesse grupo, os instrutores são intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras) atuando tanto na mediação dos encontros quanto na interpretação dos sinais, proporcionando maior interação de alunos surdos e ouvintes.

As crianças surdas participam de um processo seletivo diferenciado para concorrer às vagas ofertadas, no qual são avaliadas por profissionais da área da surdez, adultos surdos fluentes e intérpretes de Língua de Sinais, acompanhados pela equipe técnica do SEC do MPEG.

Como resultado, os pesquisadores mirins dessa turma inclusiva já produziram dois *kits* educativos intitulados Fauna em Libras e Répteis da Amazônia, além do jogo Memória em Sinais e uma cartilha Fauna em Libras. Vale ressaltar ainda que, a partir de observações realizadas no Parque Zoológico do MPEG, o grupo criou alguns sinais em Libras para animais amazônicos que ainda não existiam, como o da criuana, da cutia e da ariranha.

O envolvimento dos ex-pesquisadores mirins com o MPEG é resultado de um trabalho de equipe ao longo de 13 anos, em que todos partilham das decisões e responsabilidades.

Nesses anos de experiência com o Clube do Pesquisador Mirim, o Museu Paraense Emílio Goeldi vem contribuindo para a popularização da ciência e acredita-se que a credibilidade dos pais e dos estudantes indica ser o CPM uma iniciativa bem-sucedida.



Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Danilo de Souza. **Exposição 10 anos do Clube do Pesquisador Mirim [2007]**. Entrevistador: V. S. Lima, 2007. 1 mp3 (20 min).

ARGUELLO, Carlos et al. (Org.). **Centros e museus de ciência visões e experiências**: subsídios para um programa nacional de popularização da ciência. Saraiva: São Paulo, 1998.

BARROS, Breno da Silva. **Exposição 10 anos do Clube do Pesquisador Mirim [2007]**. Entrevistador: V. S. Lima, 2007. 1 mp3 (25 min).

CUNHA, Livia Oliveira da. **Exposição 10 anos do Clube do Pesquisador Mirim [2007]**. Entrevistador: V. S. Lima, 2007. 1 mp3 (15 min).

MONTE, Amanda. **Fazendo o Bem**. Disponível em: <www.agenciaunama.br/includes/fazendoobem/anteriores/16.htm>. Acesso em: 14 jun. 2006.

MORETTO, Vasco. **Prova**: um momento privilegiado de estudo não um acerto de contas. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.

PORTAL MPEG. Disponível em: <www.museu-goeldi.br/institucional/i_missao.htm>. Acesso em: 20 maio 2010.

SANTIAGO, Susan. **Exposição 10 anos do Clube do Pesquisador Mirim [2007]**. Entrevistador: V. S. Lima, 2007. 1 mp3 (15 minutos).



Museu da Imagem e do Som de Campinas

Pedagogia da Imagem:

uma resposta ao desafio de construir um museu plural

Juliana Maria de Siqueira, Ronaldo Simões Gomes e Orestes Augusto Toledo

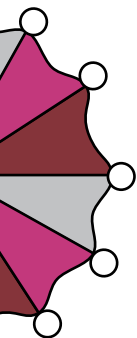
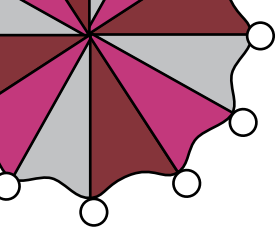
RESUMO: Criada inicialmente, em 2003, como um grupo de estudos voltado para a reflexão sobre o uso do audiovisual na escola, a *Pedagogia da Imagem* foi-se consolidando como um Programa Educativo abrangente, que assume a apreensão do patrimônio audiovisual não apenas como o conhecimento dos repertórios históricos em imagem e som contidos nos acervos do MIS, mas também como o aprendizado da própria linguagem que os codifica. A consequência é o compartilhamento, com o cidadão comum, dos saberes ditos “museais”, criando nas comunidades o que chamamos “cultura de acervo” (a produção, formação, seleção, organização, preservação e comunicação de seus próprios registros audiovisuais). A *Pedagogia da Imagem* define-se como o Programa Educativo do MIS Campinas destinado a promover a apropriação crítica e dialógica da linguagem audiovisual pelo cidadão. Essa apropriação é entendida como o desenvolvimento de proficiências comunicativas que habilitem o sujeito a projetar-se como produtor de cultura que domina os elementos da linguagem audiovisual e os emprega criativamente, para expressão de sua subjetividade e visão de mundo, ampliando seus hábitos para além do consumo dos produtos da indústria cultural. O aspecto crítico traduz-se na capacidade de compreender as mensagens audiovisuais como discursos socialmente construídos, desfazendo seus dogmas e revelando os modos complexos de composição dessa linguagem.

Palavras-chave: audiovisual; indústria cultural; pedagogia da imagem; patrimônio; linguagem; Museu da Imagem e do Som de Campinas.

Notas Biográficas: Juliana Maria de Siqueira – graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é especialista cultural e turístico do Museu da Imagem e do Som de Campinas.

Ronaldo Simões Gomes – agente cultural da Coordenadoria Setorial de Ação Cultural do Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Cultura de Campinas.

Orestes Augusto Toledo – graduado em História e professor do Ensino Médio. Atua no campo da História Oral e é historiador do Museu da Imagem e do Som de Campinas.



Criada inicialmente em 2003, como um grupo de estudos voltado para a reflexão sobre o uso do audiovisual na escola, a *Pedagogia da Imagem* foi-se consolidando como um Programa Educativo abrangente, que assume a apreensão do patrimônio audiovisual não apenas como o conhecimento dos repertórios históricos em imagem e som contidos nos acervos do Museu da Imagem e do Som (MIS), mas também como o aprendizado da própria linguagem que os codifica. A consequência é o compartilhamento, com o cidadão comum, dos saberes ditos “museais”, criando nas comunidades o que chamamos “cultura de acervo” (a produção, formação, seleção, organização, preservação e comunicação de seus próprios registros audiovisuais).

Essa concepção vem sendo tecida e aperfeiçoada ao longo dos anos, na escuta e compreensão das necessidades de parceiros como as escolas municipais e estaduais, os serviços públicos de saúde (em especial os de atendimento educativo e preventivo destinado a adolescentes), ONGs que trabalham com populações em situação de vulnerabilidade, núcleos de assistência social (com foco no cuidado de crianças e adolescentes) e pontos de cultura. Essas instituições conferem capilaridade à ação do MIS nas mais diferentes regiões da cidade, na medida em que seus profissionais, recebendo a nossa formação, multiplicam, interpretam e recriam a proposta da *Pedagogia da Imagem*, promovendo exposições itinerantes, exibindo e debatendo filmes, realizando oficinas de produção de fotografia e vídeo digital e desenvolvendo projetos de história oral em audiovisual, contando com nosso apoio permanente.

Além dessas parcerias, foi decisiva para a configuração do Programa *Pedagogia da Imagem* a interlocução estabelecida, desde 2005, com os pesquisadores da Educomunicação, no Departamento de Comunicações e Artes (CCA) da Escola de Comunicações e Artes da USP, notadamente os Profs. Drs. Adilson Odair Citelli e Ismar de Oliveira Soares. A partir daí, tomamos a *Pedagogia da Imagem* como nosso objeto de investigação científica, balizado teoricamente no espaço interdisciplinar que conjuga as mediações culturais da comunicação (Martín-Barbero), os estudos culturais (García-Canclini e a Escola de Birmingham) e a pedagogia libertária de Paulo Freire.

A práxis educativa: concepções desdobrando-se em ações e vice-versa

Atualmente, a *Pedagogia da Imagem* define-se como o Programa Educativo do MIS Campinas que visa promover a apropriação crítica e dialógica da linguagem audiovisual pelo cidadão. Essa apropriação é entendida, aqui, como o desenvolvimento de proficiências comunicativas que habilitem o sujeito a projetar-se como produtor de cultura que domina os elementos da linguagem audiovisual e os emprega criativamente, para expressão de sua subjetividade e visão de mundo, ampliando seus hábitos para além do consumo dos produtos da indústria cultural. O aspecto crítico traduz-se na capacidade de compreender as mensagens audiovisuais como discursos socialmente construídos, eliminando seus dogmas e revelando os modos complexos de composição dessa linguagem. O aspecto dialógico diz respeito à promoção do intercâmbio entre lógicas de pensamento e visões de mundo, criando solidariedade entre grupos de origens diversas e promovendo mestiçagens e hibridações entre as identidades socioculturais e suas manifestações.



Concretamente, isso se traduz nos seguintes objetivos: a) promover a formação continuada e oferecer apoio técnico a professores e educadores populares para atuação permanente em projetos audiovisuais nas escolas e nos espaços educativos não formais e informais; b) incentivar a aproximação entre os agentes educativos (das escolas, ONGs, redes de proteção social etc.) e as comunidades onde atuam, quebrando preconceitos, revelando e incorporando a cultura, os saberes e valores populares aos currículos e às práticas institucionais; c) estimular o protagonismo juvenil, o envolvimento de crianças, adolescentes e da comunidade em geral na descoberta de suas potencialidades para resolução de problemas; e d) criar oportunidades de produção e fruição cultural do audiovisual para as comunidades da periferia da cidade.

Cada uma de nossas ações é balizada por quatro eixos: 1º) promoção de amplo acesso e apropriação do patrimônio cultural audiovisual, estimulando o conhecimento, pela população, de repertórios diversificados, ligados à fotografia, ao cinema e ao vídeo; 2º) fomento à experimentação da linguagem audiovisual e à produção de caráter popular em fotografia, vídeo e animação; 3º) apoio ao desenvolvimento de circuitos alternativos de exibição, ao debate e à formação do público das artes audiovisuais, criando oportunidades de fruição cultural para comunidades das periferias da cidade e de divulgação da produção cultural popular; 4º) incentivo à formação de uma cultura de acervo nos espaços comunitários e educativos parceiros do museu, para organização, preservação e comunicação das produções que tematizam sua memória e identidade sociocultural.

As atividades promovidas – todas gratuitas – abrangem:

- a) Curso de formação continuada de professores e educadores populares *Pedagogia da Imagem* – curso com duração anual, de 120 horas, para a formação de educadores capazes de incorporar a linguagem audiovisual (fotografia, vídeo, animação) em sua prática peda-

gógica e de desenvolver projetos de produção audiovisual com a participação ativa de seus estudantes. Desde 2003, passaram pelo curso mais de 300 educadores;

- b) Oficinas de animação, fotografia e vídeo digital para multiplicadores e cidadãos – cursos de curta duração (30 horas) destinados a educadores sociais e populares e seus educandos, com o objetivo de desenvolver e compartilhar uma metodologia popular para o ensino do audiovisual para iniciantes. A experimentação prática da linguagem contribui para a geração de produtos culturais (exposições fotográficas e vídeos) de caráter itinerante (circulando pelos diversos espaços comunitários parceiros), que também são incorporados ao acervo do museu. Diretamente, foram formadas 150 pessoas;
- c) Atividades de fruição cultural na periferia – exposições e debates de filmes e exposições fotográficas itinerantes, nos espaços das escolas e instituições parceiras do museu. Até 2009, não tinham sido contabilizados os frequentadores dessas atividades itinerantes, mas as 12 coleções fotográficas disponíveis para circulação são constantemente requisitadas;
- d) Orientação de grupos para produção de vídeos e desenvolvimento de projetos de história oral em audiovisual (com foco na memória das comunidades e dos grupos) – foram orientados quatro grandes projetos nos últimos dois anos: “Infância: memórias e brincadeiras”; “Assembleia do Povo: o importante é o que a gente é”; “Câmera da loucura”; e “Participação Social no Sistema Único de Saúde: memórias da liderança local no município de Campinas”, além de uma dezena de projetos em andamento;
- e) Apoio à formação inicial de educadores por meio de orientação de projetos de conclusão de curso e estágios de licenciatura a estudantes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Faculdades IPEP (Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa) – com ênfase na incorporação das linguagens audiovisuais e da cultura ao processo educativo. Desde 2008, quando estabelecemos o convênio com a Unicamp, 15 estudantes fizeram estágio em projetos da *Pedagogia da Imagem*;
- f) Pesquisa acadêmica e comunicação científica nas áreas de Formação Docente, Educação e Saúde, em suas interfaces com a comunicação, a arte e a memória – além de uma dissertação de mestrado, 31 produções acadêmicas foram realizadas, dentre publicações e apresentações em eventos científicos.

Os desdobramentos que o Programa conquistou nessas diversas atividades são fruto das inúmeras demandas de educadores que nos procuram e dos desafios propostos pelas instituições parceiras. Dispensando fórmulas e modelos rígidos de ação, a *Pedagogia da Imagem* desenvolve-se como uma criação autoral e coletiva, cuja proposta é recriada em cada grupo atendido, segundo seus interesses e características próprias. Não se impõem temas, assuntos ou linguagens a um determinado grupo em formação: essas definições são estabelecidas participativamente, em cada situação. Assim, as metodologias e os recursos empregados tornam-se adaptáveis e flexíveis. O aprendizado do audiovisual ocorre pela criação de contextos concretos para produção e reflexão (*práxis*). Dessa maneira, o Programa avança teórica e metodologicamente por meio da sistematização das experiências implementadas. A metodologia aplicada inspira-se na pedagogia de Paulo Freire (marcada



pela postura dialógica e pela abertura do educador à cultura e aos saberes dos aprendizes) e consolida-se na ação por projetos (entende-se que o aprendizado da tecnologia ou do audiovisual não se faz na teoria ou no abstrato, mas colaborativamente, por um grupo motivado para a consecução de um objetivo concreto).

Devido a essa flexibilidade, estabelecemos como parâmetros para criação e avaliação dos projetos a *dialogicidade do processo educativo* (que implica a gestão participativa das iniciativas, na qual educadores e educandos tomam conjuntamente as decisões relevantes do percurso de aprendizado; e o protagonismo social, por meio do qual os sujeitos buscam ressignificar, interferir e transformar as próprias condições de vida) e a *criticidade dos produtos gerados* (que devem expressar a ampliação das proficiências comunicativas dos aprendizes e o exercício de uma ética polifônica). A consolidação de projetos de caráter permanente nas instituições parceiras – com a conquista ou melhoria da infraestrutura de geração e edição de imagens, a continuidade e diversificação da produção e a formação de acervos – também é um parâmetro avaliativo da *Pedagogia da Imagem*, revelando o quanto as propostas conseguem enraizar-se na comunidade, de maneira autônoma e sustentável.

A cada ano cresce o número de educadores interessados em nossos cursos e oficinas e o raio de alcance das nossas ações se expande. Entre os participantes, temos educadores e educadoras de cidades vizinhas (Paulínia, Sumaré, Hortolândia, Jaguariúna) e outras não tão próximas (Piracicaba, São Carlos). Isso, para nós, é um indicio da relevância social da nossa empreitada e um incentivo para persistirmos, a despeito das grandes dificuldades que temos enfrentado. Mesmo com o reconhecimento do trabalho, obtido com a Menção Honrosa no Prêmio Darcy Ribeiro, ainda não dispomos de infraestrutura para oferecer os cursos e as oficinas a instituições, educadores e cidadãos que não tenham seus próprios equipamentos de produção audiovisual. Estratégia de resistência e sobrevivência – jamais deixamos de atender a


uma solicitação: quando nos faltam os meios, buscamos saídas alternativas, com disposição e criatividade. E vamos em frente, compartilhando saberes, recriando fazeres, multiplicando os sentidos e as alegrias dessa caminhada coletiva.

Um convite ao diálogo

A *Pedagogia da Imagem* está plenamente consolidada como o Programa de ação educativa do MIS Campinas. Suas ações já fazem parte do “cardápio” de serviços da instituição, constando de seu planejamento anual. Conta com uma equipe permanente e com o apoio da direção. Sustenta-se no efeito multiplicador criado a partir do estabelecimento e da consolidação de parcerias com instituições governamentais e não governamentais, espalhadas pelas diversas regiões da cidade e enraizadas nas comunidades, onde formamos e apoiamos educadores populares para o desenvolvimento de ações culturais ligadas ao audiovisual.

O Programa provoca mudanças dentro e fora do Museu. Externamente, podemos destacar o fato de que, a partir do seu desenvolvimento nas escolas públicas municipais, a rede de ensino de Campinas passou a contar efetivamente com um Programa de formação de professores focado na incorporação, à prática pedagógica, da produção e da análise do audiovisual. Os professores do ensino fundamental que vêm sendo formados pelo Museu passam a desenvolver projetos audiovisuais com seus alunos. Diversas escolas, com o nosso suporte, têm oficializado projetos pedagógicos voltados para a exibição e produção de vídeos, fotografias, jornais e *blogs*, otimizando o uso de equipamentos que antes ficavam esquecidos e aproximando-se das comunidades das quais fazem parte. Instituições públicas e não governamentais integrantes das redes de proteção social (sobretudo serviços de saúde e assistência) também têm incorporado a produção audiovisual como atividade educativa, terapêutica, de registro, memória e comunicação com usuários. Os produtos culturais gerados passam a constituir programações de lazer e formação para as comunidades locais, além de integrarem o acervo do MIS. A esses parceiros, a *Pedagogia da Imagem* proporciona não apenas a inserção em um circuito de produção audiovisual de caráter popular e alternativo, mas também a reflexão e a sistematização de conhecimentos acerca da participação ativa dos





educandos no espaço educativo e nas suas comunidades. Os vídeos realizados geralmente tematizam a realidade das crianças e dos adolescentes da periferia, demonstrando que, ao compartilharmos os saberes “museais”, promovemos a sua capacidade de proferir o próprio discurso, de projetar a própria imagem e, portanto, escrever a própria história.

No âmbito do Museu, as experiências desenvolvidas na *Pedagogia da Imagem* têm provocado a reflexão da equipe sobre o papel e as responsabilidades da instituição, sobretudo no que se refere à promoção da afirmação inclusiva e solidária das identidades socioculturais, numa cidade cujo perfil populacional é formado por migrantes de diferentes origens. Esse debate tem-nos levado a trabalhar na construção de um museu efetivamente mais plural. O Programa evidenciou, ainda, a importância da descentralização das ações educativas e do diálogo com diferentes públicos para a ampliação de nosso raio de ação e para o maior conhecimento dos nossos interlocutores. Finalmente, o Programa tem tido impacto na própria constituição dos acervos do Museu, gerando coleções fotográficas e de vídeo marcadas pelo olhar não hegemônico do cidadão das periferias e do excluído.

No valioso, mas limitado espaço deste artigo, seria impossível mencionar todas as ações, planejamentos e parceiros envolvidos. Assim, em vez de encerrar aqui, nós nos colocamos à disposição para o diálogo e convidamos o leitor a explorar nosso *site*, no qual encontrará, de maneira ampla e atualizada, projetos, produções, fotografias, materiais didáticos e artigos: <<http://pedagogiadaimagem.sites.uol.com.br>>.

Referências Bibliográficas

CITELLI, A. O. **Comunicação e educação**: a linguagem em movimento. 2. ed. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCÍA-CANCLINI, N. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

SIQUEIRA, J. M. de. **Quem educará os educadores?** A Educomunicação e a formação de docentes em serviço. 2009. 357 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SOARES, I. de O. **Sociedade de informação ou da comunicação?** São Paulo: Cidade Nova, 1997.

A mosaic-style image of a museum building with a central arched entrance, surrounded by trees and a sky with birds. The mosaic is composed of small, irregular tiles in various colors, creating a textured, pixelated effect. A green horizontal bar is overlaid on the center of the image, containing the text 'Museu de Astronomia e Ciências Afins'.

Museu de Astronomia e Ciências Afins

Inclusão Social Via Itinerância Reversa: uma ação para ampliar o público do Mast Itinerância

Douglas Falcão Silva

RESUMO: O Projeto *Inclusão Social via Itinerância Reversa* foi iniciado em outubro de 2006 por ocasião da IV Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Os participantes são grupos procedentes de áreas carentes da cidade do Rio de Janeiro e de municípios vizinhos. Chegando ao museu, eles participam das atividades desenvolvidas no contexto da programação educativa de final de semana, de eventos especiais de popularização de ciência como a Semana Nacional Museus e das Semanas de Astronomia. O Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast) financia o transporte de grupos visitantes, promovendo a ida destes até a instituição, bem como seu retorno ao local de origem. Os grupos de visitantes são contatados a partir de lideranças comunitárias, organizações não governamentais (ONGs), associação de moradores e escolas públicas da respectiva localidade. Além da dimensão de inclusão social por meio da visita de grupos familiares advindos de comunidades carentes, o Projeto é um estudo que visa desenvolver um instrumento utilizado para avaliar o quanto a experiência da visita ao Museu seria promotora de empoderamento para estes visitantes.

Palavras-chave: ciência; inclusão social; comunidade; Museu de Astronomia e Ciências Afins.

Nota Biográfica: Douglas Falcão Silva é graduado em Licenciatura em Física pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutor em Educação pela University of Reading. Atua como Coordenador de Educação em Ciências no Museu de Astronomia e Ciências Afins

Apresentação

As ações no âmbito da inclusão social estão, em geral, associadas a movimentos culturais na música, dança, esportes, artes, tradições populares etc. Raras são as vezes nas quais a ciência é tida como uma forma de cultura sendo usada para a promoção de inclusão social. O presente Projeto vem ao encontro de um dos atuais desafios dos museus: estabelecer estratégias para promover o acesso físico e o engajamento intelectual de camadas mais amplas da sociedade. O interesse principal é conhecer o público que não costuma frequentar museus por falta de condições econômicas e/ou baixo capital cultural. A literatura na área de estudos de público oferece informações sobre o público que frequenta museus. Nesse sentido, não se pode situar o estado da arte pertinente ao tema.

Acredita-se que ao visitar um museu de ciência e tecnologia, algo fora de seu padrão de consumo cultural, esse visitante inaugure em sua vida uma nova categoria de experiências que permita a ele se reconhecer importante, competente, integrante de um contexto em relação ao qual até então não havia laços de pertencimento e identidade.

Assim, o Projeto *Inclusão Social via Itinerância Reversa* foi iniciado em outubro de 2006 por ocasião da IV Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Os participantes são grupos procedentes de áreas carentes da cidade do Rio de Janeiro e de municípios vizinhos. Chegando ao

museu, eles participam das atividades desenvolvidas no contexto da programação educativa de final de semana, de eventos especiais de popularização de ciência como a Semana Nacional Museus e das Semanas de Astronomia. O Mast financia o transporte de grupos visitantes, promovendo a ida destes até a instituição, bem como seu retorno ao local de origem. Os grupos de visitantes são contatados a partir de lideranças comunitárias, ONGs, associação de moradores e escolas públicas da respectiva localidade. Em todos os casos, solicita-se que sejam organizados grupos de 45 pessoas a partir de grupos de famílias. Em se tratando de escolas, é pedido que os estudantes interessados venham acompanhados de familiares ou responsáveis. A ideia é promover a experiência da visita ao museu no contexto familiar.

O Projeto conta com a contratação de uma empresa de transporte para a locação de um ônibus de 45 lugares, por um



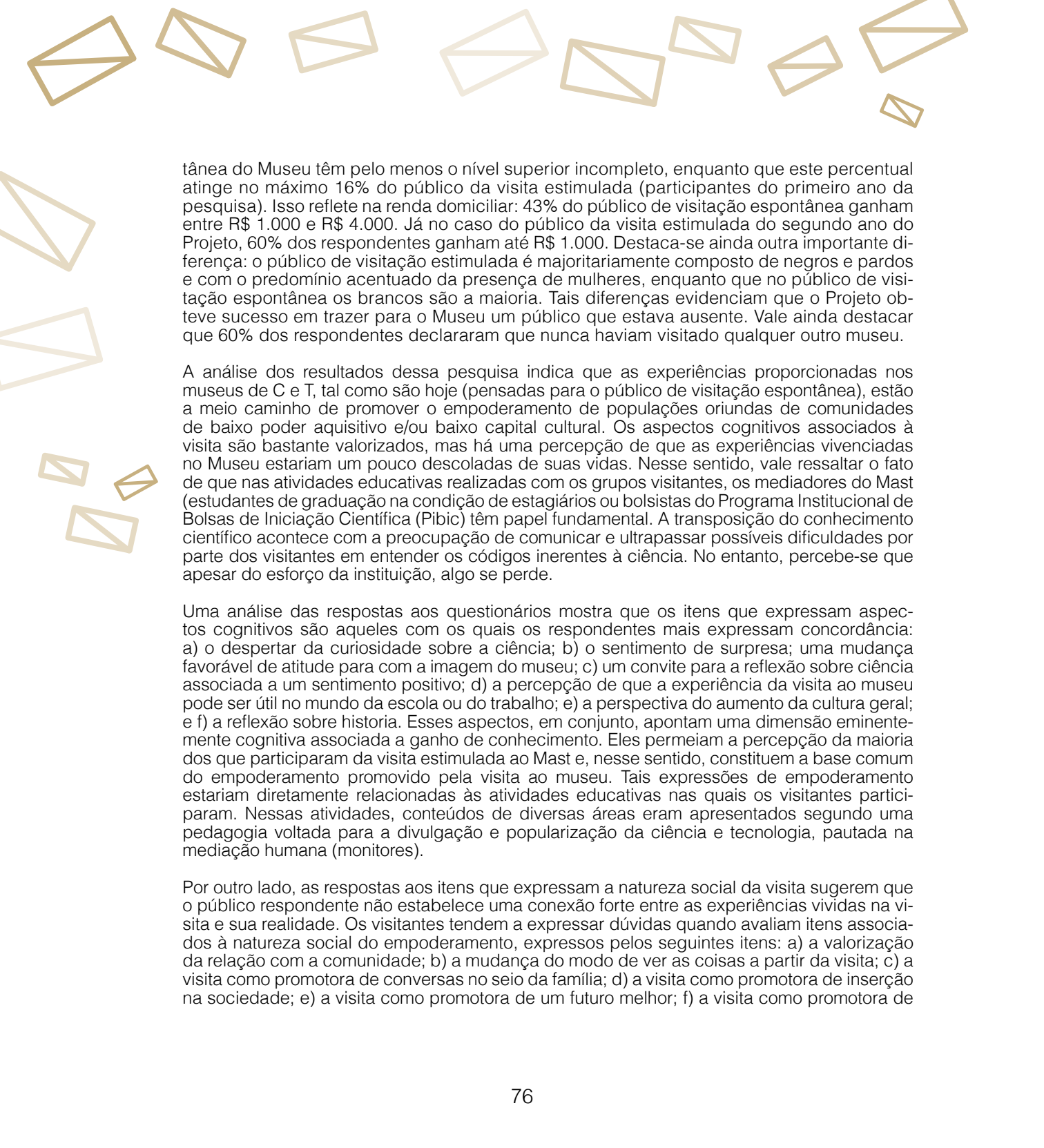


período de oito horas. Em cada dia de locação do ônibus, até dois grupos de comunidades-alvo são trazidos ao museu. O ônibus fretado transporta gratuitamente o grupo até o Mast, onde a visita livre e as atividades específicas de educação em ciências são realizadas, como sessões de planetário inflável; observação de astros através de telescópios; visitas orientadas a espaços expositivos e ao conjunto arquitetônico; palestras interativas; contação de histórias; oficinas de animação; construção de brinquedos científicos; pequenas feiras de ciência etc. Após a permanência no museu por cerca de três horas, o ônibus retorna à comunidade. Desde a implantação do Projeto em outubro de 2006, cerca de 3.500 pessoas provenientes de áreas de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) na cidade do Rio de Janeiro e de municípios vizinhos participaram das atividades. As Figuras mostram, respectivamente, a fachada do prédio principal do Mast, a chegada de um grupo de visitantes do Projeto e um grupo no interior da cúpula da luneta equatorial de 21 cm.

Paralelamente à dimensão de inclusão social por meio da visita de grupos familiares advindos de comunidades carentes, o Projeto também é um estudo que visa desenvolver um instrumento utilizado para avaliar¹ o quanto a experiência da visita ao Museu seria promotora de empoderamento para aqueles visitantes. Para tal, pesquisadores da Coordenação de Educação em Ciências do Mast elaboraram um questionário autoadministrado, aplicado a 637 membros participantes da visita estimulada, que continha questões relativas ao perfil socioeconômico e cultural, bem como questões associadas ao estabelecimento de parâmetros comportamentais, atitudinais, de interesse, de persistência e de motivação, relacionados ao conceito latente de empoderamento.

A comparação dos perfis do público de visita estimulada e de visita espontânea do Mast reforça o caráter de inclusão social do Projeto. Isso é evidenciado, por exemplo, comparando o nível de escolaridade entre os grupos: 58% do público de visita espontânea

¹ Para as análises foram utilizados os programas SPSS (Statistical Package for Social Science) e MSP (Mokken Scale for Polythomous Items). Além das questões sobre o perfil sociodemográfico, o questionário continha 28 itens (textos assertivos) associados a aspectos de ganho cognitivo e de interação social. Para cada item, o respondente escolhia uma das seguintes opções: discordo totalmente (1), discordo (2), não sei (3), concordo (4) e concordo totalmente (5).

The page is decorated with several stylized envelope icons in a light brown color, scattered across the top and left margins. The envelopes are shown from various angles, some open and some closed, creating a decorative border.

tânea do Museu têm pelo menos o nível superior incompleto, enquanto que este percentual atinge no máximo 16% do público da visita estimulada (participantes do primeiro ano da pesquisa). Isso reflete na renda domiciliar: 43% do público de visitação espontânea ganham entre R\$ 1.000 e R\$ 4.000. Já no caso do público da visita estimulada do segundo ano do Projeto, 60% dos respondentes ganham até R\$ 1.000. Destaca-se ainda outra importante diferença: o público de visitação estimulada é majoritariamente composto de negros e pardos e com o predomínio acentuado da presença de mulheres, enquanto que no público de visitação espontânea os brancos são a maioria. Tais diferenças evidenciam que o Projeto obteve sucesso em trazer para o Museu um público que estava ausente. Vale ainda destacar que 60% dos respondentes declararam que nunca haviam visitado qualquer outro museu.

A análise dos resultados dessa pesquisa indica que as experiências proporcionadas nos museus de C e T, tal como são hoje (pensadas para o público de visitação espontânea), estão a meio caminho de promover o empoderamento de populações oriundas de comunidades de baixo poder aquisitivo e/ou baixo capital cultural. Os aspectos cognitivos associados à visita são bastante valorizados, mas há uma percepção de que as experiências vivenciadas no Museu estariam um pouco descoladas de suas vidas. Nesse sentido, vale ressaltar o fato de que nas atividades educativas realizadas com os grupos visitantes, os mediadores do Mast (estudantes de graduação na condição de estagiários ou bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) têm papel fundamental. A transposição do conhecimento científico acontece com a preocupação de comunicar e ultrapassar possíveis dificuldades por parte dos visitantes em entender os códigos inerentes à ciência. No entanto, percebe-se que apesar do esforço da instituição, algo se perde.

Uma análise das respostas aos questionários mostra que os itens que expressam aspectos cognitivos são aqueles com os quais os respondentes mais expressam concordância: a) o despertar da curiosidade sobre a ciência; b) o sentimento de surpresa; uma mudança favorável de atitude para com a imagem do museu; c) um convite para a reflexão sobre ciência associada a um sentimento positivo; d) a percepção de que a experiência da visita ao museu pode ser útil no mundo da escola ou do trabalho; e) a perspectiva do aumento da cultura geral; e f) a reflexão sobre história. Esses aspectos, em conjunto, apontam uma dimensão eminentemente cognitiva associada a ganho de conhecimento. Eles permeiam a percepção da maioria dos que participaram da visita estimulada ao Mast e, nesse sentido, constituem a base comum do empoderamento promovido pela visita ao museu. Tais expressões de empoderamento estariam diretamente relacionadas às atividades educativas nas quais os visitantes participaram. Nessas atividades, conteúdos de diversas áreas eram apresentados segundo uma pedagogia voltada para a divulgação e popularização da ciência e tecnologia, pautada na mediação humana (monitores).

Por outro lado, as respostas aos itens que expressam a natureza social da visita sugerem que o público respondente não estabelece uma conexão forte entre as experiências vividas na visita e sua realidade. Os visitantes tendem a expressar dúvidas quando avaliam itens associados à natureza social do empoderamento, expressos pelos seguintes itens: a) a valorização da relação com a comunidade; b) a mudança do modo de ver as coisas a partir da visita; c) a visita como promotora de conversas no seio da família; d) a visita como promotora de inserção na sociedade; e) a visita como promotora de um futuro melhor; f) a visita como promotora de

aumento de capacidade para a vida; g) a visita como promotora de aumento de cidadania; h) a visita como promotora de aumento de autoestima; i) a visita como facilitadora de troca de ideias no próprio grupo de visitantes; e j) a visita como promotora na conversa com amigos.

Tal resultado sugere que para a completude do processo de empoderamento desses visitantes é necessária uma dimensão associada à percepção de relevância do ganho de conhecimento para o seu mundo social. Isto é, o processo de empoderamento está incompleto na ocorrência apenas da percepção do ganho de conhecimento.

Podemos concluir, então, que o empoderamento pleno dos visitantes se dá pela associação entre a percepção de ganho cognitivo e da relevância deste para o mundo social do visitante no nível de suas relações pessoais (família e amigos), e das esferas sociais mais externas (escola, trabalho, sociedade). Assumindo tal associação como empoderamento pleno do visitante, podemos afirmar que a visita foi mais eficiente em promover a percepção de ganhos cognitivos e menos eficiente em estabelecer conexões relevantes com o mundo do visitante.

Os achados aqui expostos sugerem que a ampliação do público dos museus de C e T deve implicar alguns questionamentos, pelo menos naquelas instituições interessadas em promover experiências significativas para esse novo público. Estariam essas instituições preparadas e dispostas a empreender mudanças para receber essa nova parcela da população? Os processos de mediação (explicadores/monitores/mediadores, textos, recursos multimídias etc.) utilizados contemplam as especificidades desse novo público? Certamente haverá aqueles que defendem o caráter universal das experiências proporcionadas pelos museus de C e T. No entanto, a diferença entre os níveis de escolaridade do público de visita espontânea e o de visita estimulada sugere que as atividades educacionais e as exposições devem buscar estratégias para contemplar as especificidades dessa “nova” parcela da população. Se por um lado, faz-se necessária a adoção de projetos que tragam essa população para os museus, a realização de pesquisas para avaliar a percepção e os significados atribuídos por esse novo público à visita deve acontecer a fim de subsidiar adaptações e reformulações nos museus e centros de ciência.

Referências Bibliográficas

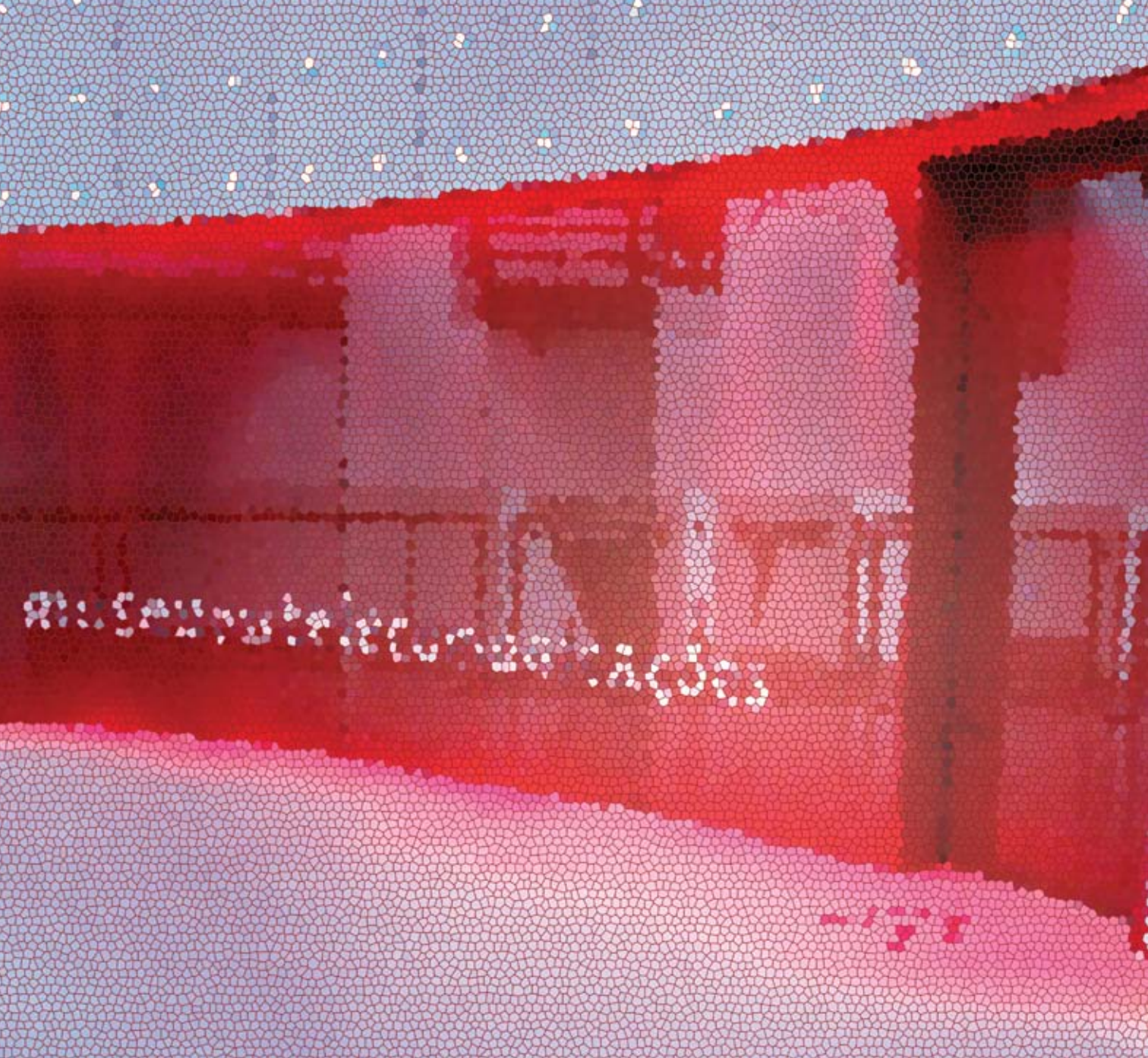
ALBAGLI, S. Divulgação científica: informação científica para a cidadania? **Revista**

Ciência da Informação, Brasília, v. 25, n. 3, p. 396-404, set./dez. 1996.

BONDÍA, J. L. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

MOREIRA, I. de C. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no

Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, v.1, n. 2, p.11-16, abr./set. 2006.



Museu das Telecomunicações – Oi Futuro

Programa de Encontros Continuados

Adriana Fontes, Tatiana Rodrigues Laura e José Alberto Gomes Saraiva

RESUMO: A ação educativa *Encontros Continuados* é um Programa de parceria entre o Museu das Telecomunicações/Oi Futuro e instituições de ensino, priorizando as do entorno do Museu. Seu objetivo, ao propor um programa continuado, priorizando as escolas e a comunidade dos arredores, no bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, é trabalhar as estratégias pedagógicas do Programa Educativo do *Oi Futuro* no Museu das Telecomunicações e nas galerias de arte estabelecendo um diálogo com o conteúdo programático nas escolas. Visa, assim, estimular a criação de novos públicos, aproximar e consolidar o papel do museu como instituição educativa na formação das comunidades locais.

Palavras-chave: programa continuado; entorno; escolas locais; comunidade; Museu de Telecomunicações Oi Futuro.

Notas Biográficas: Adriana Fontes – graduada em Psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), e Licenciatura em Artes, pelo Instituto Metodista Bennett. Pós-graduada em História da Arte e da Arquitetura no Brasil, pela PUC-RJ, especialista em Pintura, pela Escola de Belas Artes Massana, de Barcelona, e em Figurino Histórico Teatral e Cinematográfico, pela Escola Arte Moda de Florença.

Tatiana Laura – graduada em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e participou da coordenação do Programa de Encontros Continuados.

José Alberto Gomes Saraiva – graduado em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e gerente de Artes Visuais e Museus do Oi Futuro

O *Programa Educativo do Museu das Telecomunicações Oi Futuro* tem como proposta desenvolver e implantar uma ação educativa para diversos tipos de público que frequentam o Centro Cultural Oi Futuro e o Museu das Telecomunicações, assim como dar acesso a novos e diferentes públicos por meio de programas de sensibilização, integração e informação oferecidos pelo Programa Educativo. O objetivo das ações é trabalhar de forma lúdica e interativa o espaço do Museu das Telecomunicações e do Oi Futuro, bem como seu principal tema: a comunicação.

Desde 2007, quando foi inaugurado o Museu das Telecomunicações, iniciamos o Programa Educativo, oferecendo visitas mediadas no Museu das Telecomunicações e nas galerias de arte do Oi Futuro para diversos públicos, como escolas, universidades, grupos de terceira idade, ONGs, grupos de turismo e projetos especiais, entre outros. O Programa Educativo, além de oferecer esses programas e visitas com grupos agendados, durante a semana, e ao público espontâneo, nos finais de semana, realiza programas especiais para atingir públicos diferenciados, elaborados para proporcionar uma mediação de acordo com o interesse, a conceituação e a linguagem específica de cada grupo.

Para o público de educação infantil, o atendimento é às terças-feiras. Para estudantes, professores e multiplicadores, são promovidas visitas nas galerias de arte e/ou encontros com o





artista, nas quintas-feiras. Para educadores e multiplicadores, há encontros no museu e nas galerias de arte, quinzenalmente.

Implantamos também uma proposta de ação educativa de encontros continuados, iniciada em 2007, e é essa que desejamos destacar na apresentação a seguir.

A Ação Educativa dos *Encontros Continuados* é um Programa de parceria entre o Museu das Telecomunicações Oi Futuro e instituições de ensino, priorizando as do entorno do Museu. Seu objetivo, ao propor um programa continuado, priorizando as escolas e a comunidade da região do bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, é trabalhar as estratégias pedagógicas do *Programa Educativo Oi Futuro*, no Museu das Telecomunicações e nas galerias de arte, estabelecendo um diálogo com o conteúdo programático nas escolas, visando estimular a criação de novos públicos, aproximando e consolidando nosso papel como instituição educativa na formação das comunidades locais.

Nesses encontros continuados, temos como objetivos específicos desenvolver novas metodologias, mediante novas possibilidades de atuações criativas, e estimular a relação museu/escola e educação formal/informal, instigando questionamentos sobre o papel do museu/centros culturais na sociedade e as possibilidades de diálogos criativos e enriquecedores entre ambos.

Os *Encontros Continuados* se compõem de quatro visitas no Oi Futuro e duas na instituição de ensino, por semestre, somando 12 encontros por ano. No primeiro semestre, eles ocorrem no Museu das Telecomunicações e, no segundo, nas exposições temporárias das galerias de arte do Oi Futuro. Cada ocasião reúne uma turma, de no máximo 40 alunos, escolhida pela instituição, sendo trabalhado um conteúdo diferenciado, mas interligado, a cada encontro. O *Programa Educativo do Museu das Telecomunicações* oferece essa ação educativa a instituições de ensino, priorizando as do entorno do Museu, e escolhe quatro delas para a parceria



anual. Com essa troca, buscamos ampliar ainda mais as possibilidades de desdobramentos das ações do *Programa Educativo do Museu das Telecomunicações Oi Futuro* nas instituições educativas da cidade do Rio de Janeiro.

A mesma ação educativa foi implantada no Museu das Telecomunicações Oi Futuro em Belo Horizonte, em 2008. Essa experiência de encontros continuados no *Programa Educativo do Museu das Telecomunicações* em Belo Horizonte constata e confirma o efeito multiplicador dessa ação, que pode ser desenvolvida com outros públicos e localidades.

Para esses encontros continuados, é essencial o trabalho com o professor/responsável, pois o conteúdo programático trabalhado nas visitas deve ser escolhido e construído em parceria entre os educadores do Programa Educativo e da instituição, no intuito de adequar suas demandas ao conteúdo do Museu e das exposições de arte. Esse professor/responsável, além de elaborar estratégias em conjunto com nossa equipe de arte-educadores, em um trabalho mais a longo prazo, é o nosso principal agente multiplicador dos conhecimentos adquiridos, aquele que possibilitará novos desdobramentos ao dar continuidade, em sala de aula, ao trabalho desenvolvido no Museu.

Preparamos para esse fim um material didático que é oferecido ao educador nos encontros. Um material de instigações, reflexões e propostas diferenciadas para cada encontro no Oi Futuro, e outro de apoio e aprofundamento para dar suporte ao professor, incentivando-o a promover a continuidade do que foi explorado vivenciado pelos alunos durante a visita com a turma.

A partir do conteúdo do acervo permanente do Museu das Telecomunicações, nosso Programa Educativo identificou quatro principais eixos temáticos, com os quais traçamos roteiros diferenciados, interligando vídeos; objetos do museu; costurando relações com a arquitetura do prédio e do entorno; as exposições das galerias de arte do Oi Futuro; e as demandas específicas dos grupos em questão. Os temas e seus materiais didáticos específicos, descritos a seguir, são explorados nos encontros continuados:

- **A História das Telecomunicações** – traça uma linha do tempo das telecomunicações, apresentando seus principais acontecimentos, inventos, descobertas e personagens.
- **A Comunicação Humana** – apresenta o desenvolvimento da comunicação humana na história da humanidade e seus impactos no desenvolvimento das sociedades.
- **Industrialização e Design** – focado na relação do homem e seus objetos, traçando o desenvolvimento do design no mundo e no Brasil.
- **Redes e Rizomas** – discute sobre o conceito de redes e rizomas em diversos âmbitos da sociedade contemporânea, as relações com o hipertexto e a aplicação desse conceito na educação.

No primeiro semestre, os encontros continuados ocorrem no Museu, onde são trabalhados os eixos temáticos descritos. Porém, no segundo semestre, como os encontros são realizados



nas exposições temporárias das galerias, são criados novos eixos temáticos, relacionados à mostra e ao seu vocabulário estético e conceitual, para serem explorados pelo arte-educador e pelo professor/responsável da instituição, no intuito de construir um roteiro conceitual a ser trabalhado nas visitas, ao longo do semestre.

A metodologia utilizada nos encontros continuados, em visitas mediadas no Oi Futuro, e nas atividades elaboradas para serem realizadas nas instituições de ensino oferece uma nova instrumentalização da comunicação. Diante da linguagem tecnológica das exposições de arte contemporânea, da arquitetura inovadora do prédio (que mistura presente/passado/futuro em suas instalações) e do formato interativo da linguagem museológica do Museu das Telecomunicações, construída em hipertexto, por meio de objetos, vídeos e salas com videoinstalações que se ligam em uma diversidade de linhas e redes de conhecimento, é possível a construção de um saber que gere um conhecimento interativo.

Nossa metodologia busca provocar saberes pela contaminação das sensações, pela percepção na experiência, e que explorem um pensar sistêmico, um pensar que cria e costura relações com estratégias individuais/coletivas, diante das infinitas possibilidades de recortes, tramas, roteiros, temas e redes de comunicações presentes no espaço do Oi Futuro.



Leonardo Boff diz:

“Educar é ensinar a pensar e não apenas ensinar a ter conhecimentos. Estes nascem do hábito de pensar com profundidade. Hoje em dia conhecemos muito, mas pensamos pouco o que conhecemos. Aprender a pensar é decisivo para nos situar autonomamente no interior da sociedade do conhecimento e da informação [...]. Para pensar, de verdade, precisamos ser críticos, criativos e cuidantes [...]. Somos cuidantes quando não nos contentamos apenas em classificar e analisar dados, mas quando discernimos, atrás deles, pessoas, destinos e valores”.

Nos encontros continuados, através de novas possibilidades de atuações criativas diante das inúmeras possibilidades de desdobramentos dos conceitos contidos em cada objeto, vídeo ou mídias interativas no Museu e nas galerias de arte do Oi Futuro, sempre tivemos como foco pedagógico uma ação educativa, que ativada pela percepção complexa do mundo, da fruição e investigação de cada um e de cada grupo, possa ser despertado um olhar diferenciado e consciente de seus objetivos e escolhas. Nunca tivemos como finalidade só o conhecimento do acervo e conteúdo do Museu, mas também trabalhar a formação do olhar, propiciando reflexões a respeito dos conceitos relacionados à tecnologia, ao design, à industrialização, ao conhecimento e à comunicação, e suas relações com a vida de cada indivíduo e o mundo à sua volta.

Essa é uma metodologia que implica trazer as pessoas para o tempo presente, para o discurso presente. O princípio da nossa mediação é provocar a experiência, pois é justamente nela que é possível a construção de saber criativo. Incentivamos em nossas instigações a intuição, o discernimento e a escolha baseados em um olhar crítico, poético, que construa um conhecimento individual, determinando, assim, seus próprios passos conscientes nos caminhos de pesquisa diante do mundo, inaugurando instrumentos individuais de leitura de mundo que podem e devem ser incorporados ao repertório pedagógico da educação formal.

Mediante acompanhamento, avaliação continuada e mais aprofundada do que foi vivenciado nesses encontros regulares continuados, foi possível identificar o impacto socioafetivo e sociocultural gerado, tanto nos alunos como na instituição parceira, e também na equipe do *Programa Educativo do Museu das Telecomunicações*. A partir dessa troca, além de estimularmos importantes reflexões com os profissionais responsáveis pelos grupos, conseguimos realizar ações criativas e poéticas diante do conhecimento adquirido nos encontros e, através delas, incorporar no cotidiano das instituições novos conceitos, novas ações, olhares e atitudes poéticas diante do mundo, que possibilitarão uma nova instrumentalização pedagógica para o ensinar e o aprender, na instituição e fora dela.

O poético é uma ponte para o indizível, é um estado de construção de sentido, um estado de transbordamento da imaginação (que está na experiência, no tempo presente) e não em julgamentos ou juízos. E estimular o poético, por meio de encontros e experiências compartilhadas, continuadas (como foi o *Programa de Encontros Continuados*) é promover ações educativas que fecundem e formem sujeitos construtores de sentido.



Nosso objetivo, ao avaliar o impacto do contato estreito de estudantes com atividades culturais, foi perceber o reflexo desses encontros no cotidiano da educação formal e na formação de novos públicos nos museus/centros culturais. E com essa ação educativa percebemos que os intercâmbios, as trocas de conhecimento e a disponibilização de experiências significativas possibilitaram a construção de novas relações entre conhecimentos, entre espaços geradores de conteúdo, surgindo assim novas instrumentalizações pedagógicas a serem incorporadas também na instituição parceira. Vimos que tanto alunos quanto professores e as instituições parceiras se beneficiaram dessa ação, pois o fruto inovador desses encontros continuados foi a valorização dos espaços culturais coletivos como fonte de troca e complemento da educação formal. E não apenas gerou uma ampliação do público visitante, mas possibilitou uma real aderência e um sentimento de pertencimento a esse público, o qual, apesar de estar bem próximo fisicamente, antes percebia o espaço do museu/centro cultural totalmente distante de seu cotidiano. O resultado de nossas ações continuadas é uma confirmação, na prática do dia a dia da educação formal, de que inúmeras são as possibilidades de diálogos criativos entre as instituições educativas, pois a educação é um contínuo exercício construído pela experiência, não apenas pela aquisição formal de conhecimento, mas como parte e reflexo do corpo social.



Centro de Memória Chico Mendes

Chiquinho

de Letra e Vídeo

Centro de Memória Chico Mendes¹

RESUMO: O Projeto *Chiquinho de Letra e Vídeo* busca fomentar a leitura e o vídeo na comunidade de Xapuri, com a criação de um espaço específico no qual sejam desenvolvidas atividades de leitura compartilhada, contação de histórias, vídeos educativos, ambientais e documentários. Por meio das atividades descritas é possível levar até as crianças, bem como a toda a comunidade, além de cultura em sentido amplo, conhecimento a respeito da luta pela posse da terra e da preservação da Amazônia, cujo grande símbolo foi Chico Mendes.

Outro aspecto importante do Projeto foi a criação de um livro que contasse de forma lúdica a história de Chico Mendes. O cartunista Ziraldo abraçou a ideia e, em fevereiro de 2009, no Rio de Janeiro, houve o lançamento de “Chiquinho e sua turma”.

Palavras-chave: Chico Mendes; preservação; desmatamento; natureza; Ziraldo; Chiquinho e sua turma; Fundação Chico Mendes; vídeo; leitura.

¹ Em virtude da impossibilidade de contatar a Instituição e os responsáveis pelo Projeto *Chiquinho de Letra e Vídeo*, o texto publicado foi retirado do material enviado pela instituição para inscrição no Prêmio Darcy Ribeiro de 2008.

Este Projeto tem por objetivo fomentar a leitura e o vídeo na comunidade de Xapuri, sobretudo entre as crianças das séries iniciais do ensino fundamental, levando até elas o conhecimento, por meio dos livros e vídeos da luta pela posse da terra e pela preservação da Amazônia, iniciada pelo herói nacional Chico Mendes.

Criado pela iniciativa de Elenira Mendes – filha de Chico Mendes –, o Instituto Chico Mendes, entidade sem fins lucrativos, resguarda a memória, o legado de Chico Mendes. Criado em 17 de junho de 2006, o Instituto, que coordena a casa onde viveu e morreu Chico e o Museu Centro de Memória Chico Mendes, surgiu para dar nova dinâmica ao trabalho que já vinha sendo desenvolvido pela Fundação Chico Mendes. Desde a sua morte, em 22 de dezembro de 1988, a Fundação Chico Mendes, criada por amigos de Chico, vinha desenvolvendo um trabalho de salvaguarda da memória, mantendo intactos os prêmios que Chico recebeu e a casa onde o ambientalista morou e morreu.

Com a criação do Instituto, o foco das ações se expande: a partir do ano de 2007 é iniciado um trabalho de educação ambiental nos bairros e nas escolas de Xapuri, levando a conscientização ecológica aos estudantes das escolas públicas e a comunidades dos bairros. Surge, então, a ideia de criar um espaço de leitura e vídeo, onde se pudesse reunir em um só lugar a temática ambiental, leituras variadas e o legado de Chico Mendes.



Em 15 de dezembro de 2007, foi inaugurado o Espaço de Leitura e Vídeo Chico Mendes, em Xapuri, anexo ao Centro de Memória Chico Mendes. Esse espaço veio suprir uma necessidade que existia no município, que não dispunha de nenhum outro espaço similar para leitura. As atividades desenvolvidas no local incluem leitura compartilhada, contação de histórias, vídeos educativos, ambientais e documentários.

Junto à ideia da criação do espaço de leitura, Elenira Mendes e o cartunista Ziraldo formularam parceria para a criação de um livro que contasse de forma lúdica a história de Chico Mendes. Assim, nasce "Chiquinho e sua Turma", que aborda a história de uma criança (Chiquinho) que, com seus amigos, luta para salvar a Floresta Amazônica das queimadas e derrubadas. Esse livro, que inicialmente se pensou ter abrangência somente estadual, tomou grandes proporções, tanto que o lançamento da publicação foi feito no Museu do Meio Ambiente, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, no dia 9 de fevereiro de 2009. O livrinho do Chiquinho será um aliado importante para levar ao público infantil o legado de Chico Mendes, a importância do respeito à natureza e ao próximo.





Museu Théo Brandão de Antropologia – UFAL/Fundepes

Todos os Sentidos: arte e educação inclusiva

Leda Almeida

RESUMO: O Projeto visa possibilitar o acesso de pessoas com deficiência física ou psíquica às instalações museográficas, de modo que todos pudessem participar ativamente de ações educativas, artísticas e lúdicas nas dependências do Museu. Por meio de parcerias com as diversas instituições de Alagoas que trabalham com portadores de deficiências foi possível saber qual seria a melhor forma de atender a esse público especial.

Com visitas agendadas, os grupos de visitantes portadores de necessidades especiais tinham acompanhamento diferencial, participaram de oficinas e tiveram a chance de atuar como produtores de arte, na medida em que produziram, de forma artística, as sensações resultantes da nova experiência, seja por meio da dança, das artes plásticas, do teatro ou das práticas circenses.

O Projeto foi suspenso depois de três anos trabalhando pela inclusão social, por falta de recursos financeiros. Ainda assim, espera-se que essa experiência inovadora e bem-sucedida em Alagoas incentive outras instituições públicas ou privadas a promover a acessibilidade de pessoas com deficiências.

Palavras-chave: acessibilidade; inclusão; portadores de necessidades especiais, deficientes; Museu Théo Brandão; Alagoas.

Nota Biográfica: Leda Almeida – doutora em Educação, historiadora e professora da Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

*Cada um de nós compõe a sua história
cada ser em si carrega
o dom de ser capaz
e ser feliz.*

Os versos acima do cancionero popular são inspiradores do Projeto que foi desenvolvido, a partir do ano de 2008, no Museu Théo Brandão, cujo objetivo foi, antes de tudo, fazer valer essa máxima de que “cada um de nós carrega o dom de ser feliz e de ser capaz”.

Assim, na gestão deste museu, criamos meios de possibilitar o acesso de pessoas com deficiência física ou psíquica às instalações museográficas de modo que todos pudessem participar ativamente de suas ações educativas, artísticas e lúdicas, ora fazendo a visita guiada para conhecimento do acervo do Museu, ora tomando parte nas oficinas de pintura, dança, artesanato e teatro. O que parece fácil, contudo, nem sempre o é, pois um desafio primeiro se impunha: como considerar as especificações de cada deficiente para acolhê-los de modo a respeitar as limitações e, ao mesmo tempo, suplantá-las?

Convém, antes de detalhar cada etapa dessa iniciativa, dizer que ela surge da compreensão da necessidade imperativa de um maior acesso de pessoas aos bens culturais. E aqui vale também informar o quão inédita foi essa iniciativa, jamais vista em nenhum equipamento cultural do Estado de Alagoas.

O Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) é uma grande, senão a maior, referência em cultura popular de Alagoas. Contudo, apesar de atrair um grande número de visitantes, as pessoas com deficiência não costumavam frequentá-lo. Tem-se tornando banal em alguns lugares o fato de o deficiente físico e mental restringir-se aos espaços domésticos ou hospitalares, ficando assim com suas vidas restritas, sem acesso aos bens culturais aos quais todos têm direito.

Apesar de a lógica dos espaços museais assentar-se em uma perspectiva que, por si só, é excludente – haja vista o cuidado necessário à guarda do acervo, pois o mesmo não pode ser tocado, nem manipulado – foi imperativo para nós, com critérios antes pensados e estabelecidos, subverter essa norma, por entender ser a única maneira de possibilitar o acesso desse público específico. Para um deficiente visual, por exemplo, é preciso tocar para conhecer. Para fazer o circuito museográfico com os deficientes visuais, sem comprometer as peças do Museu, foi realizada uma análise sensata e rigorosa de quais objetos poderiam ser manuseados sem riscos ou prejuízos para as peças.

A partir daí, demos a largada no Projeto cujo público-alvo deveria ser as pessoas que têm algum tipo de deficiência física ou mental. Sabíamos que esse público é, em sua maioria, composto por pessoas materialmente mais pobres, fato que faz aumentar ainda mais as dificuldades já existentes nas limitações de suas deficiências. O objetivo maior do Projeto foi ampliar a democratização da cultura, na medida em que se coloca aberto para atender portadores de deficiências e assim fazer valer, por intermédio de um projeto de cultura inclusiva, a cidadania tão necessária e propalada, mas por vezes tão pouco concretizada.




Garantir e criar mecanismos para o acesso de pessoa com deficiência aos bens culturais, respeitando as suas peculiaridades, não se constitui nenhum beneplácito. É, antes, agir de acordo com a Política Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.

Para desenvolver essa ação, entendemos que o primeiro passo deveria ser o estabelecimento de parcerias com todas as instituições de Alagoas que trabalham com portadores de diversas deficiências, a exemplo de Pestalozzi, Famdown, Associação dos Deficientes Físicos de Alagoas (Adefal), Escola de Cegos Ciro Acioly e Casas de Saúde Miguel Couto, entre outras.

Com esse entendimento, entramos em contato com instituições, escolas, entidades, associações, enfim, grupos que trabalham com portadores de deficiência, e agendamos várias visitas. Nessas reuniões, profissionais do Museu e das instituições contatadas discutiram e trocaram ideias sobre qual seria a melhor forma de atendê-los, tanto nas visitas guiadas quanto nos tipos de oficinas de arte que melhor se ajustariam às necessidades de cada grupo.

Após a afirmação dessas parcerias, o Museu, com as dificuldades próprias de um órgão público, adquire o material necessário para realizar as oficinas, bem como o lanche a ser oferecido, além de fazer contatos com arte-educadores voluntários que se prepararam para



atender cada grupo. As oficinas foram definidas levando-se em conta cada tipo de deficiência, considerando-se assim as especificidades e os interesses de cada grupo assistido.

A divulgação dos conteúdos culturais do Projeto é realizada pela Assessoria de Comunicação do Museu Théo Brandão, por meio de impressos (*folder, house organ*); pela disponibilização da informação em portal de notícia da Universidade Federal de Alagoas (da qual o Museu faz parte); por telefone e *e-mails* enviados para *mailing list* de jornalistas da mídia impressa, de TV (aberta e fechada), rádio, eletrônica, portais de notícias, agências de notícias e outras assessorias de comunicação, entre outros. O registro dos conteúdos culturais foram efetuados com fotografias, *releases*, relatórios, *clipping* impresso e eletrônico, entre outros.

Ao receber cada grupo, em datas previamente agendadas, todo o Museu se mobilizou, pois sabíamos tratar-se de um acontecimento importante para nós, para as instituições parceiras, para a cidade de Maceió e, sobretudo, para esses novos visitantes. O primeiro grupo atendido foi o da Escola de Cegos Ciro Acioly. Trinta pessoas, entre crianças, jovens e adultos com deficiência visual, fizeram a visita guiada ao circuito, acompanhadas de um professor de Teatro da Ufal, que a cada sala interpretava o conteúdo exposto, utilizando recursos da dramaturgia, de modo que todos foram participantes, envolvidos e entusiasmados. Depois deles, outros grupos se sucederam a cada semana, e sempre na condição que os retirava da passividade e os colocava como produtores de arte, na medida em que reproduziam, de forma artística, as sensações resultantes da nova experiência, seja através da dança, das artes plásticas, do teatro ou das práticas circenses. Essas oficinas possibilitaram ao deficiente ultrapassar o limite de ser apenas espectador, uma vez que lhes foi permitida a oportunidade de serem “artistas”.

O Projeto *Todos os Sentidos: arte e inclusão* cresceu e ganhou asas. Chegou a ser tema de uma reportagem do diário O Jornal. O trabalho impresso realizado pelas jornalistas Alessandra Vieira e Jacqueline Batista, intitulado “A casa é de todos” foi ganhador do “Prêmio Mário Pedrosa”, promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 2009, obtendo o segundo lugar, em âmbito nacional.

Sem dúvida, essa iniciativa, que teve duração de três anos, e foi suspensa tão somente pela falta de recursos financeiros, pois ainda havia demanda, constituiu-se numa comprovação empírica de que é possível ampliar cada vez mais o acesso à cultura, que é necessário democratizar o patrimônio cultural, que urge inserir todos os públicos, toda a sociedade, a fim de que as barreiras sejam demolidas e que os benefícios do sol possam se estender a todos, indistintamente.

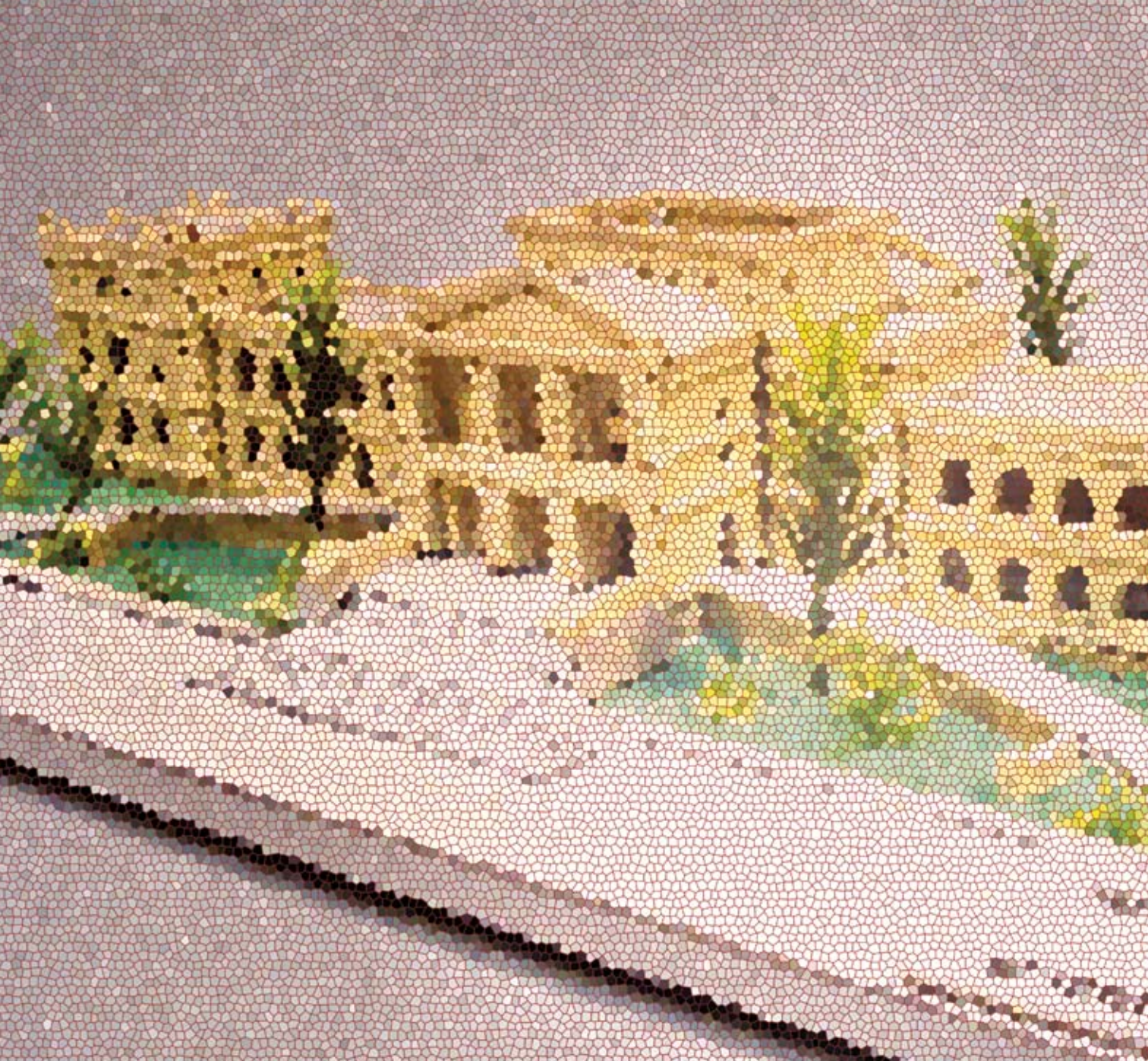
Os resultados puderam ser tocados, vistos e apreciados através desses depoimentos: A psicóloga infantil da Adefal, Genilsa Gomes, de 42 anos, disse: “A visita ao Museu é, além de um estímulo à aprendizagem, uma oportunidade de vivenciar a cultura. Levamos essa experiência à sala de atendimento psicológico para explorar o conhecimento que eles tiveram aqui”, disse. Ao tatear uma boneca de pano vestida de noiva, o deficiente visual e professor de História da Escola de Cegos, José Cícero Tenório, de 65 anos, revelou: “É indescritível a emoção que estou sentindo”.

Durante o circuito museográfico, o paciente José Toledo, 40 anos, que tem esquizofrenia, lembrou-se de sua infância ao ver uma das peças de barro. “Eu me lembro que usava quartinha



pra tomar água, mas depois da geladeira, deixei de usar”, disse. “Eu vi a boneca de Olinda, o chapéu de São João, a máscara. Gostei de tudo”, disse Tiago Beleza, 24 anos, que tem Síndrome de Down. De acordo com a professora da Famdown, Cecília Rodrigues, especializada em psicopedagogia, a iniciativa do Museu complementa o trabalho desenvolvido pela escola. “Esse tipo de projeto auxilia no nosso trabalho, é como se fosse uma extensão do que fazemos. Também realizamos oficinas de dança na Famdown, é algo que os alunos gostam de fazer. Depois da visita ao Museu, eles voltam dizendo que gostaram, comentando o que viram, falam como a dança foi feita, mostram os passos que aprenderam”, explicou a professora.

O Projeto – cujo compromisso foi contribuir de um modo concreto, com seu exemplo, para a formação de uma sociedade mais igualitária – tem agora como expectativa, graças ao seu ineditismo em Alagoas, vir a se constituir em uma referência aos demais setores públicos e privados. A nossa pretensão é que todos atentem para a epígrafe desse texto, e escutem a possibilidade da composição de nossa história, convencendo-se, afinal, de que *cada pessoa carrega em si o dom de ser capaz e de ser feliz.*



Museu Paulista da USP

Programas Educativos do Museu Paulista: Kit de Sensibilização e experiências de inclusão

Denise Cristina Carminatti Peixoto Abeleira

RESUMO: O Serviço de Atividades Educativas do Museu Paulista (mais conhecido como Museu do Ipiranga) tem procurado desenvolver ações que ofereçam ao público visitante uma fruição mais significativa de suas exposições. Para isso, vem estabelecendo programas que buscam respeitar as especificidades de cada público e estejam comprometidos com a formação plena do indivíduo.

Desde o começo das atividades, constatou-se que a vivência no Museu seria enriquecida se os grupos fossem sensibilizados antes da visita. Isso permitiria que várias questões fossem tratadas previamente, ampliando e aprofundando a experiência no Museu.

Por outro lado, o aumento significativo das solicitações de visitas feitas por instituições que trabalhavam com pessoas com deficiência demonstrou ser necessário o desenvolvimento de materiais e estratégias que atendessem melhor à necessidade de cada grupo.

Assim sendo, foi dado início ao processo de elaboração de um *Kit de Sensibilização*¹ que, tomando o acervo como referência, permitisse o mais amplo acesso, inclusive de pessoas com deficiência, às questões e aos acervos do Museu Paulista.

Palavras-chave: Educação; Museu; patrimônio; inclusão; Museu Paulista; Museu do Ipiranga.

Nota Biográfica: Denise Cristina Carminatti Peixoto Abeleira – graduada em História pela Universidade de São Paulo (USP), em 1989, com especializações em Educação Ambiental e Metodologia do Ensino e mestrado em Arqueologia, com ênfase em Educação. Atualmente é Supervisora do Serviço de Atividades Educativas do Museu Paulista da USP. Desenvolve programas educativos articulados às linhas de pesquisas e demais ações de curadoria em andamento no Museu. Dentre eles, destacam-se aqueles voltados para a formação de professores, a produção de materiais de apoio à mediação, elaboração de estratégias de mediação para diferentes perfis de público e, mais especificamente, aqueles que contemplem a inclusão de pessoas com deficiência.

¹ Para a fase inicial, de pesquisa, elaboração do *Kit* e desenvolvimento das atividades, foram utilizados recursos do Programa *Fapesp/Vitae*.

O Serviço de Atividades Educativas do Museu Paulista tem desenvolvido ações que propiciem ao público visitante uma experiência mais adequada, prazerosa e profunda de seus espaços expositivos. Para isso, vem estabelecendo desde 2001 uma série de programas que procuram respeitar as especificidades de cada público que busca a instituição, com destaque àqueles voltados para a inclusão sociocultural, tais como: *Programa de Orientação ao Professor (POP)*, *Programa de Inclusão da Pessoa com Deficiência (PIMP)*; *Programa para Crianças em Situação de Risco Social (Provic)*; e *Programa de Atendimento de Jovens e Adultos (Projamp)*.

Cabe destacar que logo no início de suas atividades, percebeu-se que a vivência no Museu seria enriquecida se os grupos fossem sensibilizados antes da visita. Várias questões, conceitos e ideias poderiam ser tratados, ampliando e aprofundando o universo a ser explorado. A princípio, entre outras ações, foi elaborado um conjunto de Fichas Temáticas para Professores, com temas e questões essenciais das exposições. Começaram também as Oficinas de Orientação a Professores, que entre outras estratégias apresentava para manuseio e discussão um conjunto de objetos e fotos relacionados ao acervo. Nesse processo, eram atendidas também instituições que trabalhavam com pessoas com deficiência ou em situação de vulnerabilidade social. Com o aumento nas solicitações do perfil desse grupo e a partir das experiências já realizadas, iniciou-se o processo de elaboração de um *Kit de Sensibilização*² com os seguintes objetivos:

² O Projeto em questão contou com a participação das educadoras Andrea Fonseca e Ana Emilia de Paula.



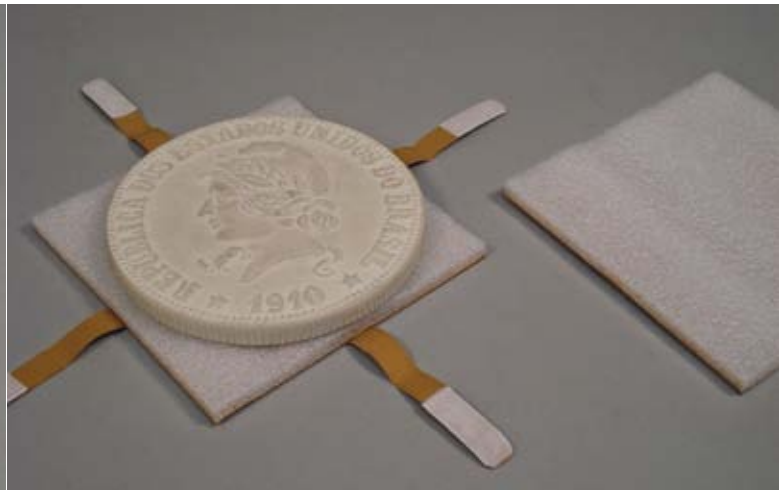


Objetivos gerais:

- a) oferecer a todos a oportunidade de pleno desenvolvimento de suas potencialidades, a partir de formas adequadas de contato com conteúdos históricos oferecidos pelo Museu;
- b) viabilizar a construção de relações entre indivíduos e o patrimônio histórico-cultural;
- c) garantir a democratização do acesso aos bens históricos, culturais e artísticos e sua valorização, além do exercício pleno dos direitos culturais;
- d) colaborar para a formação de público de museus de História;
- e) oferecer a professores e educadores formação e material para o desenvolvimento de um trabalho articulado com o Museu, amplificando a experiência do grupo a ser atendido;
- f) promover a aproximação entre o Museu Paulista e instituições de educação especial, de atividades socioeducativas e da rede regular de ensino que atendam grupos especiais ou inclusivos.

Objetivos específicos:

- a) oferecer experiências nas quais os indivíduos possam aprender em espaços culturais e com os outros membros do grupo com os quais ele terá contato no museu;
- b) motivar e criar interesse por assuntos que transcendem o seu cotidiano;
- c) explorar todos os sentidos nos processos de aprendizagem;
- d) incentivar o prazer da descoberta e do conhecimento da perspectiva histórica do mundo;
- e) valorizar a autoestima e a autoimagem, formar atitudes e valores como cooperação, solidariedade e o sentimento de pertencimento cultural e histórico;
- f) proporcionar o contato com fontes primárias, as quais nem sempre estão disponíveis ao acesso em outros espaços;
- g) reconhecer o patrimônio histórico e perceber-se como sujeito histórico;
- h) reconhecer o Museu Paulista como patrimônio e sua relação na constituição da identidade e da memória coletiva;
- i) perceber as diferentes tipologias de acervos museológicos como documentos;
- j) estimular a formação do espírito crítico e da capacidade de julgamento;
- k) incentivar a expressão e a criatividade;





- l) propiciar o reconhecimento do museu como um local de conhecimento e lazer;
- m) fortalecer a participação social e a formação para a cidadania.

Desenvolvimento do Projeto

A elaboração do *Kit* de Sensibilização teve como referência o trabalho educativo desenvolvido em muitos museus e no próprio Museu Paulista, que considera os acervos materiais como ponto de partida para a reflexão sobre a sociedade. Da mesma forma que nas exposições, as diferentes fontes foram selecionadas e mobilizadas em torno de eixos temáticos e problemas conceituais.

O *Kit* foi composto por objetos, fotos, textos (tinta e Braille), vídeo (Libras), materiais táteis (relevos em resina), recipientes com cheiros e odores (agregados em uma segunda etapa), selecionados e confeccionados para serem tocados, analisados e interpretados antes da visita ao Museu. É imprescindível salientar que esse conjunto não é exclusivo para pessoas com deficiência. Embora contenha materiais específicos para tornar acessível sua compreensão por esse público, o desejo era que o *Kit* fosse utilizado por qualquer grupo e inclusive nas chamadas classes de inclusão, aproximando aquele que tem alguma deficiência de quem não tem. O objetivo principal era que o educador pudesse, depois de participar de oficinas de formação, utilizar esse *Kit* como um canal de diálogo entre os diferentes participantes do grupo. Outro aspecto reside no fato de sua concepção estar relacionada ao princípio de que as "coisas materiais" estão imersas na cultura, refletem as escolhas sociais feitas ao longo dos tempos e nos permitem compreender a sociedade, nas suas múltiplas interfaces. Nesse sentido, pretendia-se estimular a leitura das diferentes fontes históricas disponíveis no Museu, tornando-as acessíveis principalmente àqueles com algum comprometimento: físico, mental, psicológico ou cognitivo, exclusão social.



A atividade pressupunha, então, três momentos: o treinamento do educador, a sensibilização com o *Kit* na instituição e a visita ao Museu Paulista, conforme descritos a seguir.

1. Contato com educadores da instituição

Na fase inicial do Projeto, quando ainda se faziam necessários ajustes, foram realizadas reuniões com os educadores das instituições³ e não o treinamento, conforme previsto. Nesses encontros buscou-se apresentar e discutir os objetivos do Projeto e conhecer o perfil do grupo a ser atendido. Da mesma forma, a etapa de sensibilização e mediação dos grupos no espaço expositivo também ficou sob responsabilidade da equipe de educadores do Museu.

2. Visita de Sensibilização

Desenvolveu-se a atividade na instituição, apresentando por meio do *Kit* as questões principais a serem trabalhadas com o grupo. Os componentes do *Kit* serviram como ponto de partida para a aprendizagem e estímulo inicial para a percepção das fontes, como documentos que nos remetem à dimensão social da cultura material. No caso de grupos com deficiência, permitiram não só sua apreensão tátil (principalmente para cegos ou para pessoas com baixa visão), mas foram fundamentais para tornar acessíveis temas e discussões que não estariam disponíveis de outra maneira.

³ Na fase de elaboração do *Kit*, houve envolvimento direto com o Instituto Padre Chico, a Associação Nosso Lar e a EMEF Campos Salles, que atuaram como interlocutores para inúmeras decisões. Durante o ano de 2008, parcerias com a Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência e com a Fundação Casa (antiga Febem) propiciaram novos desdobramentos do Projeto, inclusive possibilitando o acesso de grupos que não poderiam vir ao Museu se não fosse oferecido transporte gratuito.

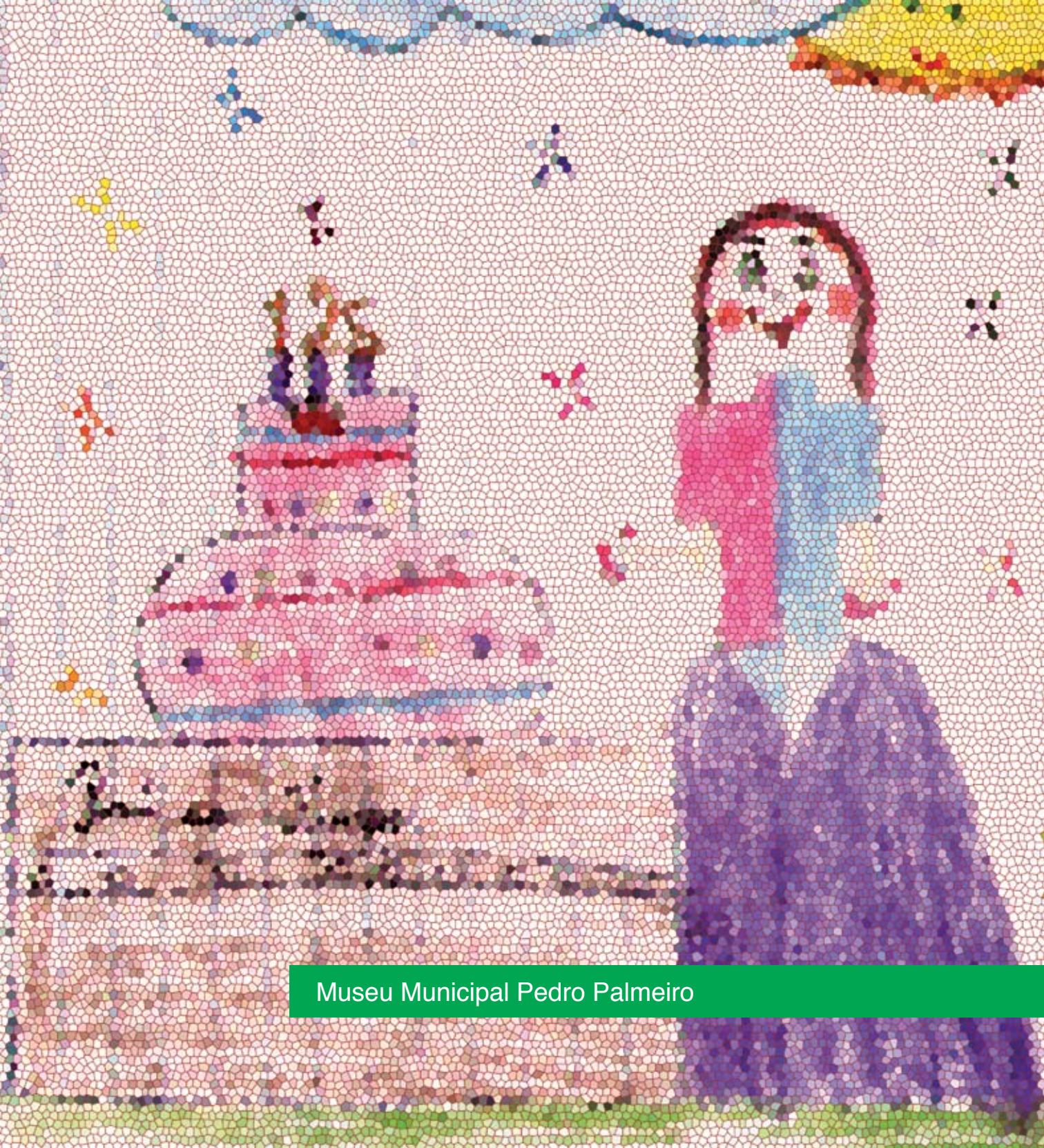
3. Visita ao Museu Paulista

Após a sensibilização, o grupo visitou o Museu, onde um roteiro foi estabelecido em diálogo com os temas e objetos presentes no *Kit*. Alguns objetos do acervo didático do Serviço Educativo foram incorporados para ampliar a fruição da visita. É importante salientar que, embora haja uma espinha dorsal que norteia o roteiro e a atividade, não há uma rigidez e um engessamento na forma de atender. Para cada grupo, adequações são feitas, já que se procura ter um conhecimento prévio de suas especificidades e necessidades. A visita de sensibilização possibilita, tanto para o educador da instituição quanto do próprio museu, um alargamento da visão do universo a ser explorado e a redefinição e readaptação do roteiro, podendo corrigir equívocos, retomar questões, tornando o processo educativo mais profundo.

Considerações finais:

As atividades desenvolvidas demonstram que para uma efetiva contribuição do Museu no processo de aprendizagem e de inclusão de pessoas com deficiência e em risco social devem existir ações que articulem o antes, o durante e o depois da visita ao espaço museológico. Isso porque, caso em cada uma das etapas estiverem disponíveis recursos adequados, podem-se tratar questões e conceitos específicos que a serem retomados e aprofundados ao longo de todo o processo. Essa dinâmica permite que a experiência no Museu se torne mais ampla e profunda, permitindo que tudo o que vai sendo apresentado seja apreendido, refletido e se torne um conhecimento construído e sedimentado em bases mais sólidas. O Museu amplia assim sua função educativa, mas de forma consistente, além de contribuir para que professores e educadores incorporem em sua prática pedagógica cotidiana novos olhares, novos conceitos e novas maneiras de se relacionar com os acervos museológicos e com o patrimônio como um todo.





Museu Municipal Pedro Palmeiro

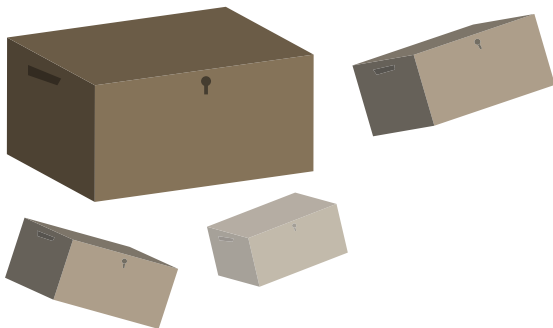
Projeto Baú do Tempo

Rodrigo Neres de Moraes

RESUMO: O Projeto *Baú do Tempo* tem como meta levar o museu até a escola utilizando um baú itinerante que percorre as escolas. O baú contém peças do acervo do Museu Municipal Pedro Palmeiro e fotos antigas e atuais da cidade de Santiago. Esse trabalho inovador integra os conteúdos de aprendizagem à educação patrimonial, à consciência histórica, à memória, ao urbano, à investigação e à análise de mentalidades de épocas diferentes confrontadas com a realidade do educando, criando assim a noção de “fazer história”. As oficinas realizadas atendem alunos da Educação Infantil ao Ensino Superior, sempre adequando a linguagem e a abordagem de acordo com o interesse e a realidade do grupo.

Palavras-chave: memória; acervo; museu-escola; itinerante; Museu Municipal Pedro Palmeiro.

Nota Biográfica: Rodrigo Neres – professor de Educação Infantil, licenciado em História e pós-graduando em História: Cultura, Memória e Patrimônio e Planejamento e Gestão da Educação.



Naquele tempo havia um homem lá. Ele existiu naquele tempo. Se existiu, já não existe. Existiu, logo existe porque sabemos que naquele tempo havia um homem e existirá, enquanto alguém contar sua história.

Agnes Heller

O Projeto *Baú do Tempo* nasceu da necessidade de ter um trabalho pedagógico centrado na construção do conhecimento por meio da ludicidade, da exploração da história e do patrimônio municipal. O Projeto tem como base a própria cultura material e para isso encontramos um parceiro perfeito: o museu.

A princípio solicitou-se apenas alguma atividade que tornasse o Museu Municipal Pedro Palmeiro, em Santiago, interior do Rio Grande do Sul, um lugar mais atrativo e dinâmico, já que o seu público-alvo, na grande maioria, são estudantes do Ensino Fundamental.

Durante um bom tempo, a visita ao Museu não passava de um simples andar entre os expositores, com algumas pequenas explicações sobre curiosidades do acervo ou dos personagens da história local e regional. Com isso os professores utilizavam esse espaço apenas como complemento ou ilustração a aula dada na escola, não tendo nenhuma outra abordagem que fosse além da proposta de conhecer um lugar que servisse de fonte histórica.

Dessa forma foi se perpetuando a concepção de Museu como espaço de uma memória morta e de uma história esquecida, perdida no tempo, sem relação com o cotidiano, lugar onde se deposita objetos velhos que não se usam mais. A partir desse ponto de vista, a visita ao





Museu é sempre chata, monótona e sem nenhum atrativo diferenciado. Essas constatações ficam claras nas falas dos alunos e refletem em suas produções textuais, pois antes de iniciar as atividades foi feito um diagnóstico sobre a visitação e a representação dele no imaginário social.

A etapa desenvolvida em seguida, a qual foi fruto de trabalho voluntário, teve como objetivo central planejar ações que desconstruíssem essa visão e auxiliassem na valorização da história local, criando uma cultura de educação turística e patrimonial.

Esse Projeto reafirma algumas dessas características de museu como espaço dinâmico, participativo, construtivo, investigativo, problemático e prazeroso. A intenção é contribuir para que a visitação ao museu deixe de ser mera passagem entre os objetos e passe a uma problematização, contextualizando o visitante com a história de sua vida, de seu município, estado ou país, ficando claro, que o visitante também faz parte do processo histórico e possui a sua própria historicidade.

Procuramos com esse trabalho dar ênfase a um novo olhar para a história, por meio de novas abordagens, neste caso o museu e seu acervo, o patrimônio municipal, o uso de imagens, o trabalho lúdico e diferentes metodologias que auxiliem no processo de ensino e aprendizagem, centrado nos princípios e nas teorias da Nova História Cultural – a qual nos proporciona múltiplos questionamentos as mais diferentes fontes e traz essa nova forma de tratar a cultura. Por isso desenvolvemos o Projeto *Baú do Tempo*, no qual uma das atividades consiste em levar o museu até a escola, por meio de um baú itinerante com peças do acervo do Museu Municipal Pedro Palmeiro, fotos antigas e fotos atuais da cidade de Santiago. Os chamados “kits” vão para a escola em um trabalho inovador, integrando os conteúdos de aprendizagem

à educação patrimonial, à consciência histórica, à memória, ao urbano, à investigação e à análise de mentalidades de épocas diferentes confrontadas com a realidade do educando, criando assim a noção de “fazer história”.

O Projeto realiza oficinas que atendem alunos desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, sempre adequando a linguagem e a abordagem conforme o interesse e a realidade do grupo. Para os pequenos, da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, utiliza-se do recurso da Literatura Infantil, adaptando, construindo e reconstruindo os clássicos e outras histórias, trazendo à tona questões para a exploração das noções almejadas. Estas noções vão desde o trabalho com atitudes e valores de vida, aplicáveis no cotidiano, cuidado com o patrimônio, fortalecimento da Identidade Cultural do município e incentivo às várias formas de produção artístico-culturais.

São utilizados inúmeros espaços para tais ações, elas iniciam primeiramente na escola, como forma de gerar uma expectativa à visita ao Museu, prolongando-se para os vários ambientes do Prédio do Centro Cultural (auditório comunitário, biblioteca pública, *hall* de entrada) e espaços como a Praça Central Moysés Viana, Largo 4 de Janeiro, Rua dos Poetas, entre outros. Essa mudança de cenário fortalece o trabalho com os monumentos espalhados pela cidade, por meio das visões do urbano, dinamizam a sistemática do Projeto e encantam até mesmo a população que passa no momento e para ao ouvir sobre a história da construção de uma praça, de um prédio, de um monumento, de uma vida, sendo que muitas vezes contribuem com alguma colocação ou questionamento.

Cabe ressaltar a importância de parcerias com instituições de ensino, entidades culturais, empresas e demais segmentos sociais. Como é o caso do trabalho realizado com a empresa de transportes urbanos Centro Oeste, em que o Projeto *Baú do Tempo* é parceiro do Projeto desenvolvido pela empresa denominado *Turminha na Garagem*, que trabalha a educação no trânsito, complementando com ações educativas para o turismo e a educação patrimonial, por intermédio de práticas desenvolvidas no Museu Municipal Pedro Palmeiro.

Após cada visita, sempre é oferecida uma atividade, que de acordo com o tempo, pode ser realizada na escola, em casa ou no próprio Museu. O que é produzido durante as atividades deve retornar ao museu como material para exposições. O espaço *Arteiros no Museu* é destinado aos desenhos, às pinturas e às reproduções de objetos do acervo museológico.

Para esse trabalho continuar gerando bons e saborosos frutos, é de extrema relevância a parceria com as escolas, pois é necessário que desde cedo o indivíduo internalize a importância do patrimônio histórico na sua vida e crie o gosto pela visita a exposições culturais. Um dos objetivos do Projeto *Baú do Tempo* é contribuir na transformação de Santiago (a Terra dos Poetas) em uma Cidade Educadora.

Portanto, o museu – espaço de ensino não formal – não pode substituir a escola – espaço de ensino formal. Cada um possui seu papel, que não deve ser ignorado. O que destacamos é a parceria entre as instituições, importante tanto para a preservação do patrimônio quanto para o aproveitamento na vida dos alunos. Salientamos a importância do museu para o processo



de ensino e aprendizagem, acreditando que ele é um lugar vivo e dinâmico, *onde a tradição pode ser conhecida, percebida, questionada e reinventada* (SANTOS, 1997).

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Cultura/IPHAN. **Política Nacional de Museus**. Brasília, 2003.

HELLER, Agnes. **Uma teoria da história**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1993.

HUNT, L. **Nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PESAVENTO, Sandra J. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Museu e Educação: conceitos e métodos**, 2001.

SANTOS, Maria Célia T. Moura (Org.). Política Nacional de Museus. Programa de Formação e Capacitação em Museologia – Eixo 3/Ministério da Cultura do Brasil, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Museus e Centros Culturais. Salvador: MINC/IPHAN/Demu, 2005. (Relatório 2003-2005).

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. **Museus, Turismo e Lazer: uma realidade possível**. Disponível em: <<http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio>>. Acesso em: 1º dez. 2007.

Núcleo de Cultura Venâncio Aires



Educação Patrimonial e a Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural da Vila de Santo Amaro

Angelita da Rosa, Gabriella Hemstreet e Andréia Jociane Pereira

RESUMO: Educar para a preservação do patrimônio é uma grande tarefa. Fala-se em salvaguarda de bens, tombamentos, porém, como tratar o assunto com aqueles que estão junto a esse patrimônio diariamente? Como reacender a paixão pelo patrimônio no íntimo de quem somente o vê como prédios velhos?

Essas e outras inquietações levaram a equipe do Núcleo de Cultura de Venâncio Aires (Nucva) a realizar o Projeto *Educação Patrimonial e a Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural da Vila de Santo Amaro*, patrocinado pelo Monumenta/BID/Ministério da Cultura.

A ação teve as crianças como público-alvo, pois elas são os multiplicadores das informações. Para isso, desencadeou-se um plano de trabalho ligado à Escola Rio Grande do Sul, com ótima aceitação dos professores, que também realizaram oficinas de Educação Patrimonial.

A construção de significações através de um fio se fez em várias das etapas de execução. Esse fio era composto dos seguintes elementos: o Eu, a Família, a Casa e o Patrimônio. Para cada elemento se elencou uma poesia e uma música, as quais davam vida ao fio e que se encontram nos anexos deste texto.

Palavras-chave: Educação; patrimônio; preservação; Educação Patrimonial; Núcleo de Cultura de Venâncio Aires; Vila de Santo Amaro.

Notas Biográficas: Angelita da Rosa – mestre em História; especialista em Museologia e Patrimônio Cultural (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS); especialista em Museologia (Centro Universitário Franciscano/Unifra-RS); especialista em Educação e Patrimônio Histórico-Cultural (Faculdade Porto-Alegrense/Fapa-RS).

Gabriella Hemstreet – pedagoga, coordenadora do Projeto *Educação Patrimonial e a Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural da Vila de Santo Amaro*.

Andréia Jociane Pinheiro – educadora, graduanda em Comunicação Social/Relações Públicas.



Quem chega à Vila de Santo Amaro depara-se com um sítio histórico envolto por uma história que se funde à do Rio Grande do Sul. Um lugar simples e pacato que outrora era cidade e atualmente, com a elevação de General Câmara à categoria de município, encontra-se como segundo distrito e permanece estagnado no tempo.

A subsistência da Vila está baseada na pesca e em algumas outras fontes como comércio de alimentos, artesanato com escamas de peixe e até mesmo turismo religioso. No verão, muitos turistas buscam as águas do Rio Jacuí, mas sob o viés econômico isso pouco afeta as pessoas que ali vivem.

E assim, boa parte da população local, além de não entender o significado mais amplo da preservação, cria um sentimento negativo sobre ela e sobre os bens em sua custódia, culpando-os pelo “atraso” em que vivem. Os próprios bens eram vistos como meros prédios velhos que impediam o crescimento da Vila, já que não poderiam ser derrubados para a construção de novos edifícios. Em virtude disso, nota-se que a população é composta, em sua maioria, por crianças e idosos, porque os jovens não encontram lá oportunidades de profissionalização e vão para outras cidades em busca de emprego.

Esse quadro brotou a motivação de tentar ajudar na preservação patrimonial local, tendo em vista o seu maior patrimônio: a população que circunda e interage com esses bens diariamente. Assim, a entidade cultural não governamental Núcleo de Cultura de Venâncio Aires (Nucva) começou a agir de forma bastante significativa em prol da comunidade e do patrimônio. Primeiramente com o Projeto de Restauração da Igreja, templo que remonta ao ano de 1787. Após, foram aprovados dois grandes projetos pelo Monumenta, da Unesco. Um deles nominado Santo Amaro: divulgação, turismo e sustentabilidade e outro, *Educação Patrimonial e a Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural da Vila de Santo Amaro*, que foi coordenado pela pedagoga Gabriella Hemstreet e está sendo descrito aqui.

Com a culminância do projeto de restauração da igreja, surgiram muitos questionamentos, tais como: de que serve um patrimônio preservado por lei e uma restauração honrosa se não há afetividade e pertencimento sobre ele? De que valem todos os esforços para alavancar um patrocínio de grande soma e poder salvar um bem histórico, como a Igreja de Santo Amaro, quando se ouve uma criança da localidade dizer que mora em um barraco? De que forma a população terá orgulho de sua história se não há nada que ligue a sua vida com aquilo que ela vê ao seu redor? O quanto se quer preservar bens, se o morador sai de sua casa andando no barro e não tem melhores meios de sobrevivência?

Tudo isso veio ao nosso encontro quando pensávamos o Projeto de Educação Patrimonial e, com esse diagnóstico, identificou-se a problemática da desvalorização do patrimônio pelos próprios moradores da Vila. Com isso, nos colocamos os seguintes questionamentos: como essas crianças irão valorizar um patrimônio histórico, se em primeiro lugar não percebem o valor humano intrínseco em si e, por conseguinte, nas edificações? Como vão desejar conhecer esse patrimônio histórico?

Da mesma forma, apresentou-se outro fato a ser considerado: por viverem em meio ao sítio histórico, as crianças acreditavam conhecer tudo sobre as edificações. Então se conjecturou mais um questionamento: como fazê-los perceber que, mesmo conhecendo a Vila enquanto espaço vivido, desconheciam os fatores constitutivos que fizeram daquele local patrimônio nacional?



A situação na qual laboramos era a da fragilidade da autoestima dos educandos, a qual se apresentava esvaziada de valor, o que nos fez deparar com um paradoxo, pois conforme Maturana (2000, p. 13) “[...] a responsabilidade e a liberdade só são possíveis desde o respeito por si mesmo, que permite escolher a partir de si e não movido por pressões externas”. A consideração para consigo é que vai inventar a possibilidade em nós de valorarmos todas as outras coisas.

Como fazer essa invenção? A partir da realidade observada nos colocamos os seguintes questionamentos: como essas crianças irão valorizar um patrimônio histórico, se em primeiro lugar não percebem o valor humano intrínseco em si? E, por conseguinte, nas edificações? Como vão desejar conhecer esse patrimônio histórico?

Teve-se, como objetivo principal, desenvolver um trabalho de Educação Patrimonial de modo a difundir o conhecimento acerca do patrimônio histórico e cultural de Santo Amaro – material ou imaterial – levando os indivíduos à percepção da interligação do patrimônio coletivo com a História e a Memória, com vistas a desencadear um processo de aproximação, conhecimento e preservação do patrimônio que os cerca. Fundamentados nisso, buscamos demonstrar que todos necessitamos apreender novos conhecimentos, mesmo sobre o que já compreendemos, e um dos pontos mais importantes que permearam o trabalho se constituiu de um fundamento comum a todos os humanos, que é o amor.

Para que tais objetivos fossem alcançados, desenvolvemos uma série de ações estratégicas nessa comunidade:

- Operacionalizar o trabalho de Educação Patrimonial nas escolas, oportunizando experiências patrimoniais, valorizando assim as vivências coletivas, levando a educação formal a ser um fator de desenvolvimento cultural, patrimonial econômico e social;
- Realizar ações que proporcionem o estreitamento entre os membros da comunidade, transformando-os em sujeitos ativos e dinâmicos do processo de pertencimento e de preservação patrimonial com a sua localidade e com a história do seu município, em busca de reconstruir as memórias;
- Demonstrar que a Educação Patrimonial é um fator de desenvolvimento cultural, patrimonial econômico e social;
- Publicar e divulgar uma obra referente ao evento Raízes, para que os moradores de Santo Amaro dela se apropriem e, na sua história, se identifiquem como agentes, comprometendo-se a atuarem com responsabilidade e consciência na história presente do seu município;
- Produzir um DVD sobre o trabalho, interligando a história do povo, o patrimônio e suas memórias.

A Escola Rio Grande do Sul foi cenário dos encontros de Educação Patrimonial, os quais ocorreram interligados aos conteúdos escolares e norteados de acordo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) das diferentes áreas do conhecimento. Isso efetivou o contato com as crianças e, conseqüentemente, com as famílias, pois partimos da premissa de que a criança é um multiplicador de informações, quem leva os conhecimentos adquiridos até suas casas, o que irá permear toda a comunidade com o saber; sendo assim, a escolha do espaço escolar foi uma estratégia para a aproximação com a comunidade.

Música, artes e poesia foram ingredientes permanentes de cada aula. Os alunos foram levados a ver o patrimônio por um outro prisma, com amor. Constatamos que essa é a única forma de fazê-los cuidar do lugar que é deles. Isso foi possível por meio do trabalho constante com o Eu, a Família e a Casa até chegar ao Patrimônio.

Demonstramos sempre que em hipótese alguma será possível esgotarmos as possibilidades de conhecimentos que advêm do patrimônio da Vila, pois em todos os aspectos mediados nos encontros se evidenciaram as amálgamas conceituais do patrimônio local. Ou seja, as contribuições das inúmeras áreas do conhecimento recobrem cada um dos elementos constitutivos do sítio histórico.

Percebemos que ao convivermos em meio às crianças e aos moradores, em alguns momentos, como costuma dizer o Sr. Flávio Luiz Seibt, presidente do Nucva, conseguimos contaminá-los com o *virus patrimonial* e assim atraí-los para essa responsabilidade.

O ato de assumir a incumbência de preservar o patrimônio local foi o ponto principal das reflexões. Apontar que o sujeito é quem dá o significado ao patrimônio (mediante não só a



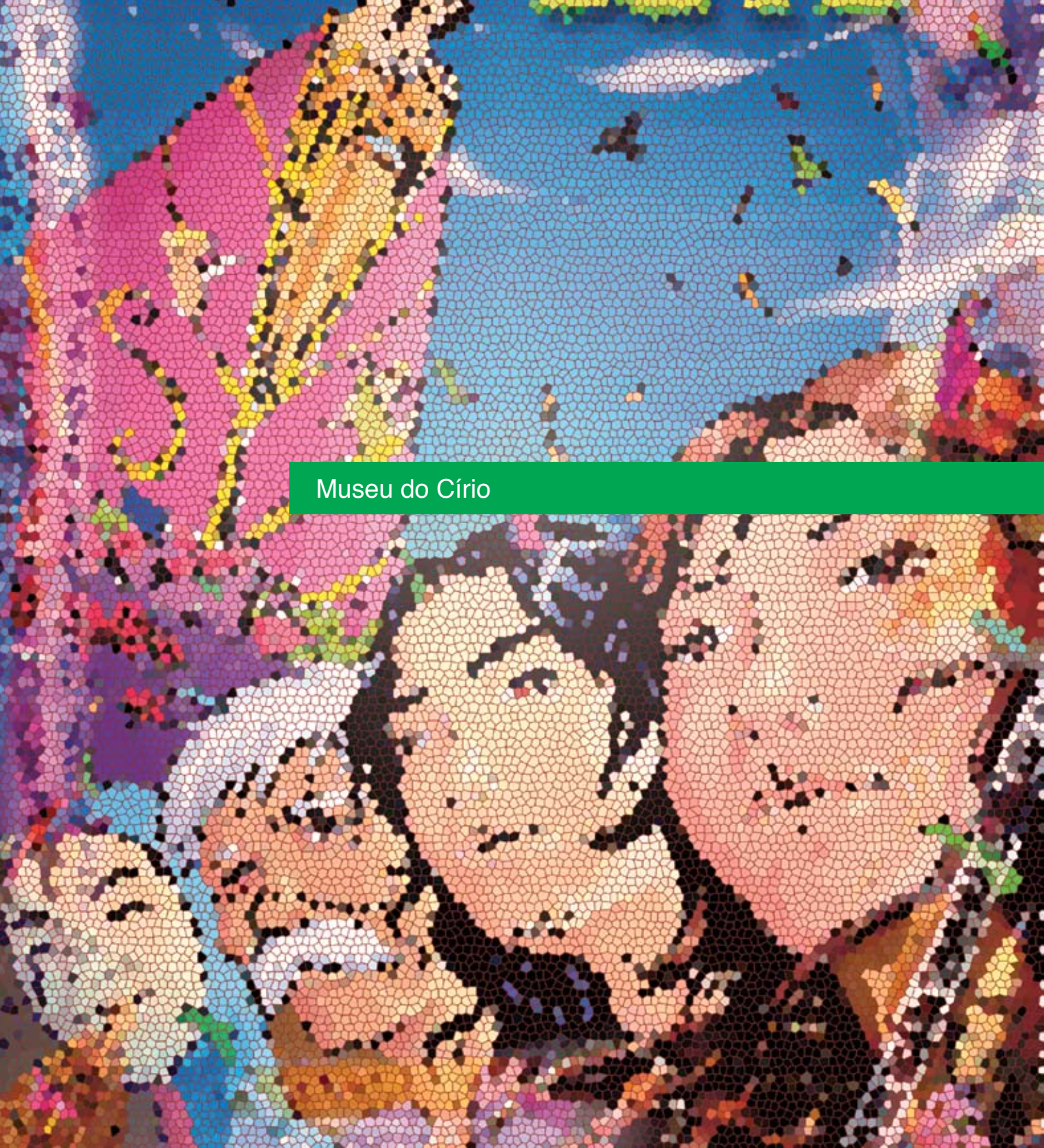
preservação, mas com seu registro, que pode ser escrito, falado, filmado, fotografado) e que sua importância é muito semelhante a do próprio patrimônio, ou seja, colocá-los em igualdade demonstrou ser um ganho para todos: prédios e sujeitos que têm (re)construído significados.

Como resultados a serem apontados temos a publicação de um livro com cunho acadêmico, distribuído no Rio Grande do Sul em cerca de 50 cursos universitários, bem como a produção do DVD. E podemos dizer que o impacto local principal foi a constatação dos membros da comunidade, a partir do Projeto, da relevância do espaço onde vivem em âmbito nacional, pois para uma comunidade simples, formada principalmente por pescadores, aposentados e crianças, ter a oportunidade de se ver nas produções elaboradas durante o Projeto representou um diferencial que não podemos mensurar na vida daquelas pessoas. Nos olhos das crianças, pudemos notar a dimensão de nosso trabalho, a felicidade expressa em perceberem que são responsáveis pelo cuidado e pela preservação de cada um dos bens tombados na Vila de Santo Amaro. E isso não de forma impositiva, mas sim, com um sentimento que brotou das sementes lançadas nos encontros de Educação Patrimonial.

Quem ama cuida e protege. Antes de tudo, o maior patrimônio que possuímos é a própria vida. No instante em que isso é percebido pode-se trabalhar com os patrimônios que nos circundam. Foi o que aconteceu com as crianças da Vila de Santo Amaro.

Referências bibliográficas

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis. **Formação Humana e Capacitação**. Trad. Jaime A. Claisen. Petropólis: Vozes, 2000.



Museu do Círio

As experiências do Projeto Pontão de Cultura “Acorda” nos anos de 2008 a 2010

Jeam Carlos Lopes, Lucineide Azevedo, Joana Darc Costa de Melo, Eunice Nazaré Dias Barros,
Rafael Monteiro da Cruz, Marcelle Eluana do Prado Leão, Anne Christine Rodrigues da Silva,
Elton das Neves Simas e Fausto Júnior Moreira Fernandes

RESUMO: O *Pontão de Cultura “Acorda”* é resultado de convênio firmado entre a Secretaria de Estado de Cultura (Secult) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Tem como objetivos promover a valorização e preservação cultural do Círio de Nazaré como Patrimônio Imaterial Brasileiro, capacitar agentes culturais em diversas áreas de produção e inclusão social, difundir a cultura da manifestação do Círio de Nazaré de Belém e dos diversos municípios do Pará, além de afirmar o Museu do Círio como centro de referência dessa manifestação cultural e religiosa.

Palavras-chave: Círio de Nazaré; Patrimônio; Patrimônio imaterial; Museu do Círio.

Notas Biográficas: Jeam Carlos Lopes – coordenador do Projeto, graduado em Filosofia/PUC.

Lucineide Azevedo – supervisora pedagógica.

Joana Darc Costa de Melo – assistente de oficina.

Eunice Nazaré Dias Barros – design gráfico, graduada em Artes Visuais/Unama.

Rafael Monteiro da Cruz – tecnólogo em Processamento de Dados/Cesupa.

Marcelle Eluana do Prado Leão – assistente de oficina.

Anne Christine Rodrigues da Silva – assistente de oficina.

Elton das Neves Simas – assistente administrativo.

Fausto Júnior Moreira Fernandes – assistente de oficina.



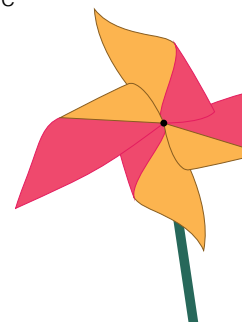
Já no sábado de manhã, quando da chegada da procissão fluvial, sai pelas ruas de Belém o Arrastão do Pavulagem, arrastando pessoas de diferentes faixas etárias e grupos sociais numa espécie de cortejo que mescla música e signos característicos das festas juninas e elementos do universo mítico da Amazônia.

Por meio de cursos e oficinas que versaram sobre temáticas, como brinquedos populares, ex-votos, objetos sacros, e aquelas de cunho profissional, como registro fotográfico e audiovisual, o *Pontão de Cultura "Acorda"* ampliou suas ações sociais nos municípios do estado do Pará, valorizando feições, hábitos, costumes e tradições locais.

A oficina de brinquedos populares consiste no aproveitamento da palmeira do miriti, muito comum na região, de onde se extrai a matéria-prima para a fabricação de brinquedos e adereços comercializados durante a festividade de Nossa Senhora de Nazaré. Essa oficina foi realizada em dois eixos centrais: o primeiro, de cunho teórico, no qual foram abordados temas como educação patrimonial e ambiental e a relação com as atividades do artesão. O segundo momento foi voltado para a prática, considerando desde a extração da folha da palmeira, o preparo da matéria-prima, até a confecção dos brinquedos. Essa oficina foi realizada nas cidades de Salinópolis e de Abaetetuba.

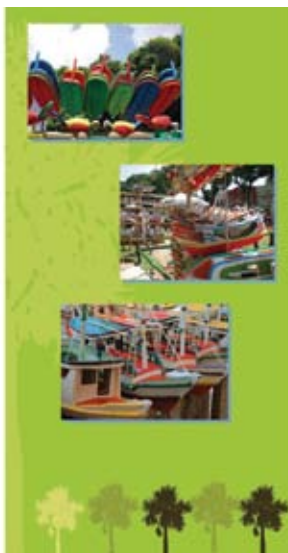
Nas cidades de Vigia de Nazaré, Cametá e Belém aconteceram oficinas de confecção de objetos sacros, nas quais os agentes culturais produziram objetos de cera referentes ao corpo humano (pernas, braços, cabeças e coração), imagens de gesso e réplicas de casas de isopor, além de socializarem técnicas de comercialização desses produtos durante as festividades religiosas, pois a procura desses objetos nesse período é muito grande devido a fiéis eromeiros homenagearem Nossa Senhora como forma de pagamento de promessas.

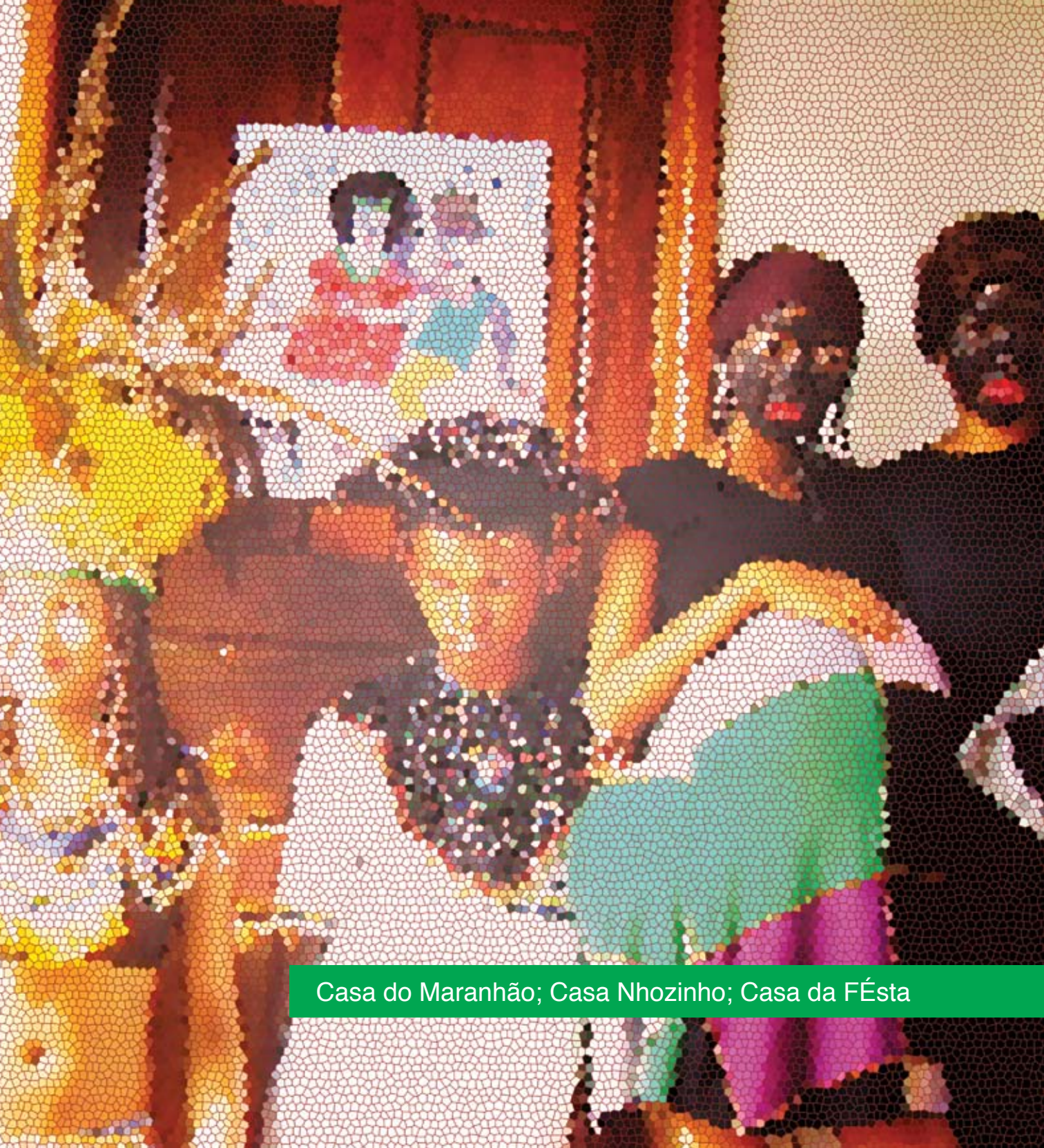
A oficina de Registro Fotográfico direcionou-se para a história e o conceito da fotografia, abordando desde o processo fotográfico, por meio da construção de um equipamento artesanal em que foram usados materiais como caixa de fósforos, papel alumínio, papel cartão, ripas de madeira etc., até a prática de fotos de estúdio, com o manuseio de máquinas digitais e profissionais. Essa oficina aconteceu nas cidades de Tucuruí, Benevides e Curuçá.



Em Maracanã, Bragança e Belém foi realizada a oficina de capacitação em audiovisual, na qual os participantes receberam noções básicas de produção, roteiro, captação de imagens e edição de vídeos. É importante ressaltar que estas três últimas oficinas também seguiram a mesma metodologia de divisão em dois eixos centrais: O primeiro momento refere-se à parte teórica sobre educação patrimonial, e o segundo, à parte prática e específica de cada oficina. Vale também ressaltar que tanto as oficinas de cunho religioso quanto as de cunho profissional são voltadas para a temática do Círio como Patrimônio Imaterial brasileiro.

O Projeto “Acorda” encerrou sua 1ª etapa em novembro de 2008. Em 2009, deu prosseguimento a outras oficinas e reinaugurou a exposição permanente Fé e Festa no Coração da Amazônia. Em 2010, o Projeto executou a exposição itinerante *Laços de Fé* (reprodução de alegorias, igrejas e barcos da procissão do Círio, com material todo em miriti) e a publicação da revista *Laços de Fé*, e continuou com as oficinas nos seguintes municípios: São João de Pirabas, Primavera, Parauapebas, Bom Jesus do Tocantins, Soure, Abaetetuba, Curuçá, Cametá, Bragança, Augusto Corrêa, Tucuruí, Belém, Concórdia do Pará, Redenção, Igarapé-Miri, Moju, Óbidos, Marituba, Maracanã, Ananindeua, Vigia e São Caetano de Odivelas.





Casa do Maranhão; Casa Nhozinho; Casa da Fésta

Projeto Sabença: museu-escola – traçando e percorrendo caminhos, transformando e transformando-se ao caminhar

Márcia Teresa Pinto Mendes

RESUMO: O presente artigo procura relatar a experiência do *Projeto Sabença*, desenvolvido pelo Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, em São Luís (MA), alinhado com as novas perspectivas do papel dos museus, cujos aspectos atingem características mais dimensionais e significativas nas ações educativas. Dentro dessa visão, o *Projeto Sabença* busca atrair o público com ações multidisciplinares, nas quais os educandos poderão vivenciar experiências passadas e contemporâneas, assim como conhecer os saberes e fazeres do povo no Maranhão.

Palavras-chave: Cultura Popular; Educação-Museu; Casa de Nhozinho; Casa da Fésta; Casa do Maranhão.

Nota Biográfica: Márcia Teresa Pinto Mendes – Historiadora do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, vinculado à Superintendência de Cultura Popular, da Secretaria de Estado da Cultura.

“... não esperamos encontrar progresso ao fim de uma estrada reta, onde se anda incansavelmente para frente, e sim através de caminhos sinuosos improvisados, onde o resultado aparece onde tem que aparecer.”

Clifford Geertz

Considerados como instituições de cultura e história, os museus guardam testemunhos dos bens materiais e imateriais da sociedade; trazem as memórias dos espaços e do tempo de outrora, que ainda constituem muitas das vezes o presente e reúnem valores socioeducacionais, como objetos de conhecimento, visando dentre outras coisas à reflexão crítica para o desenvolvimento e a transformação social.

Os museus da atualidade devem buscar a qualificação nas diferentes dimensões institucionais. Como instituição comunicadora, o museu deverá construir projetos e ações que mobilizem a sociedade de um modo geral. Para tanto, é necessário convergir Projetos e Programas multidisciplinares envolvendo muitos profissionais para a execução do seu projeto (TAMIANI, 2007).

O fato é que os museus vêm trabalhando com dinamismo os pontos referenciais da memória do povo, evidenciando de forma lúdica e educativa as vivências, experiências, paixões e diversidades existentes nas histórias de vida, mediante ações interativas entre a educação e a cultura, no sentido de atenderem às expectativas e necessidades de uma sociedade que pretende manter-se conectada com suas origens e continuidade.

Concordando com essa postura de abrir-se para o público de forma dinâmica e atraente, no sentido de envolver todos com uma leveza que até há pouco tempo não era peculiar a esse espaço chamado museu, o Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho também vem propondo uma mudança na sua forma de ser institucionalmente e de mostrar-se através do seu acervo, cuidando-o e preservando-o como a própria vida.

O *Projeto Sabença* nasceu no pensamento poético e mambembe do pesquisador Jandir Gonçalves, que queria percorrer as escolas do Maranhão com uma caixa-estante cheia de objetos representativos da cultura popular. No entanto, essa ideia foi ressignificada e ganhou outra dimensão, com a elaboração de um projeto cuja finalidade era criar um elo mais permanente entre Educação e Cultura, atendendo à solicitação de escolas públicas e particulares, interessadas em uma experiência pedagógica mais livre, no sentido de implantarem currículos contextualizados com a diversidade vivida pelos alunos e ampliarem o conhecimento sobre a diversidade cultural existente no Maranhão, expandindo o espaço escolar para além dos muros da escola. Foi assim que em 1998 a caixa-estante revelou-se *Projeto Sabença: museu-escola*, visando fortalecer e valorizar atividades educativas em torno do acervo material e simbólico do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, a partir de atividades programadas para ocorrerem nas salas de exposição, no auditório, na biblioteca e no pátio do museu, e transformando-se em ação da política cultural do estado. A parceria do Centro de Cultura Popular para a realização do Projeto foi firmada com algumas escolas particulares, que em



contrapartida ofereciam também aos alunos das escolas públicas a oportunidade de experimentarem novos olhares voltados à cultura popular, por meio da participação no *Projeto Sabença*. Essa proposta de adoção de uma escola pública por uma escola particular promoveu, perante a opinião pública, via divulgação na mídia local, a imagem das escolas participantes e também do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, que integrava à sua política pública outro universo institucional.

Nesse formato, que durou de 1998 a 1999, o *Projeto Sabença* foi desenvolvido com resultados bastante satisfatórios para todos os envolvidos. O ponto de partida para a compreensão desse conhecimento chamado cultura popular estava nas atividades: visitas aos circuitos de exposição, orientadas por guias do museu; palestra e oficina de pesquisa, ministradas por pós-graduados, cujas monografias estavam relacionadas a essa área de estudos e à temática proposta pelo Projeto, como tambor de crioula, bumba meu boi, festa do Divino etc.; além de oficinas de arte-educação, com a participação de artistas populares e/ou alunos do curso de Artes da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), e mostras de filmes que integravam o acervo do Departamento de Assuntos Culturais da Universidade. As atividades foram pensadas a partir do argumento teórico da Proposta Triangular.

Apesar de ser um produto da fantasia e imaginação, a arte não está separada da economia, política e dos padrões sociais que operam na sociedade. Ideias, emoções, linguagens diferem de tempos em tempos e de lugar para lugar e não existe visão desinfluciada e isolada. Construímos a história a partir de cada obra de arte examinada pelas crianças, estabelecendo conexões e relações entre outras obras de arte e outras manifestações culturais (BARBOSA, 1996).

Tendo em vista que esse Projeto propõe e percorre caminhos, transforma e transforma-se ao fazer proposições, podemos dizer que, atualmente, o *Sabença* pode ser definido como um Projeto de museu que utiliza o ambiente e o acervo do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, preservado pelas: Casa da FÊsta, Casa de Nhozinho e Casa do Maranhão, situadas na Praia Grande, em São Luís, e detentoras das identidades reveladoras da riqueza



patrimonial que compõe a cultura no Maranhão. Nesse sentido, o *Sabença* vem cumprindo o papel de provocador de mudanças de mentalidade em relação às várias maneiras de uso do Museu, porque desperta novas interpretações acerca do que um museu deve representar para a sociedade e, simultaneamente, cabe-lhe a responsabilidade de sensibilizar para a produção de múltiplos significados incorporados às interpretações do conteúdo museográfico das Casas de Cultura, despertando potencialidades educativas e indicando outros sentidos à vida dos que bebem nessa fonte da eternidade.

A partir de 2003, o *Projeto Sabença* foi sendo reformulado para atender demandas institucionais mais amplas, tendo em vista o interesse do Centro de Cultura Popular em trabalhar de forma integrada com vários segmentos da sociedade, firmando parcerias com instituições municipais, empresas de turismo, ONGs, associações culturais e movimentos sociais, dentre outros. As modificações na relação institucional desencadearam outras mudanças, como as que ocorreram com as atividades inerentes ao *Projeto Sabença*, que foram ampliadas com a utilização da cartilha *Museu Escola: nossa cultura para a juventude*, editada especialmente para atender às finalidades didático-pedagógicas de trabalhar de forma prática as ideias e os conceitos de identidade cultural. No entanto, as características originais das atividades, como palestras, visitas e oficinas, foram mantidas. A clientela também foi modificada, pois além de estudantes, participavam pessoas da comunidade atendidas por algumas dessas parcerias.

Há, atualmente, no âmbito da instituição proponente desse Projeto em evidência, um movimento de valorização da ideia de inter-relação entre os códigos culturais mais variados e de origens diversas. No sentido do redimensionamento de suas ações, o *Projeto Sabença* caminha a favor de um maior entrosamento entre a escola, o museu e a comunidade, proporcionado pela intensificação do diálogo participativo e pela consequente assimilação das peculiaridades inerentes a esses universos distintos, com o intuito de fortalecer a cultura e a educação na sociedade local, pelo viés do desenvolvimento da subjetividade e da análise crítica dos processos de construção de aprendizagens adequadas aos interesses e às necessidades do público-alvo do *Sabença* 2011.

Referências Bibliográficas

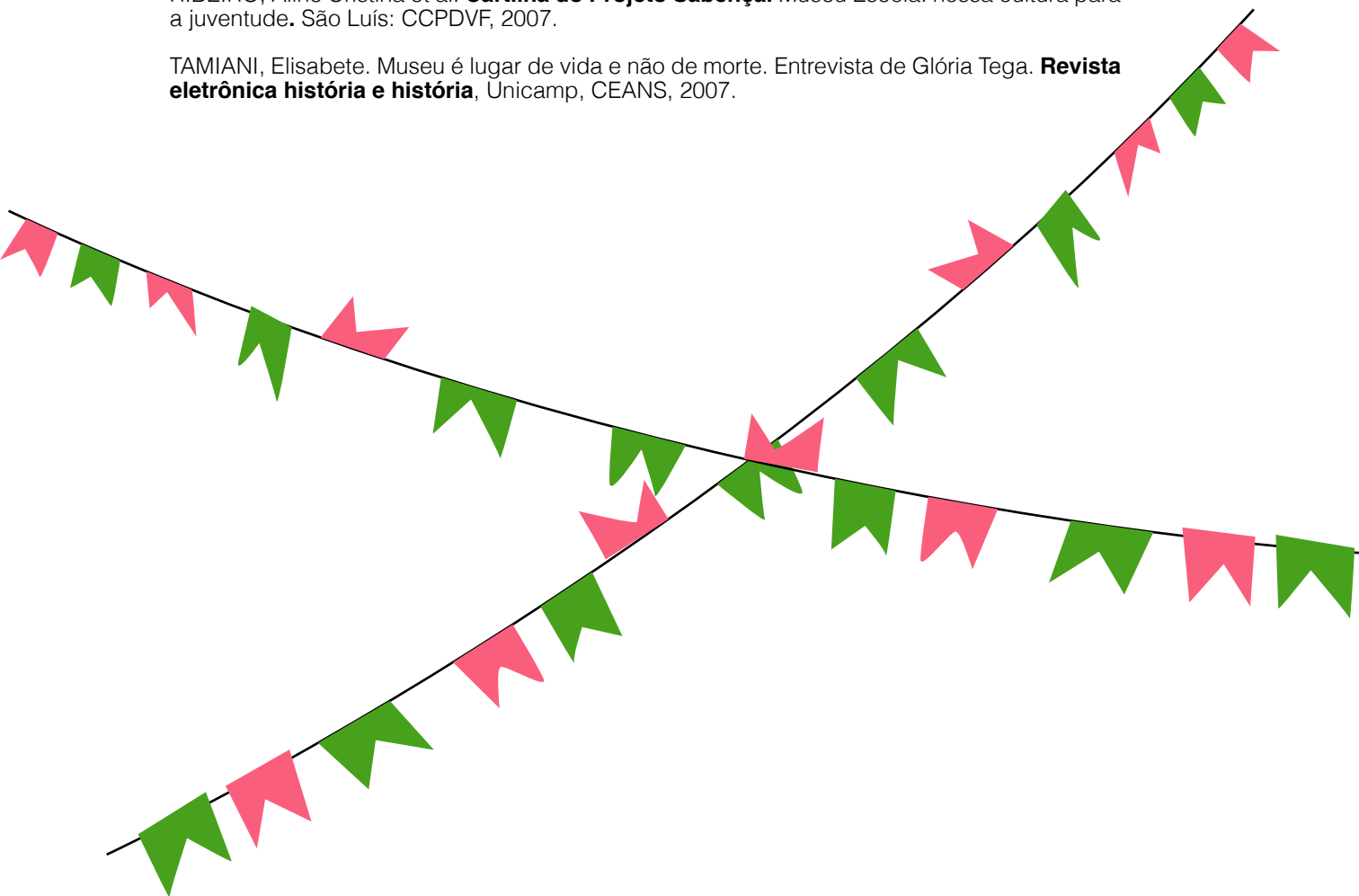
BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

MOURA, Maria Tereza Jaguaribe Alencar de. Escola e museu de Arte: uma parceria possível para a formação artística e cultural das crianças. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 11-12, jan./dez. 2005.

PEREIRA, Junia Sales. **Escolas e museus: diálogos e práticas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/Cefor, 2007.

RIBEIRO, Aline Cristina et al. **Cartilha do Projeto Sabença**. Museu Escola: nossa cultura para a juventude. São Luís: CCPDVF, 2007.

TAMIANI, Elisabete. Museu é lugar de vida e não de morte. Entrevista de Glória Tega. **Revista eletrônica história e história**, Unicamp, CEANS, 2007.





Museu Histórico de Pinhalzinho

Exposições Temáticas: educação patrimonial, história, cultura e arte

Fernanda Ben

RESUMO: O Projeto *Exposições Temáticas* tem a finalidade de revitalizar, promover a pesquisa, dinamizar e tornar educativo o espaço museológico. O público-alvo do Projeto foi são as crianças e adolescentes que frequentam as instituições de ensino de Pinhalzinho, e de municípios próximos, e a comunidade local e regional. O Museu é uma instituição cultural que atende ao município e à região. Os principais parceiros são as escolas da rede pública, as secretarias municipais de Educação e Cultura de Pinhalzinho e da região e o Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (Ceom). Foi diante dessa perspectiva que se fundamentou o Projeto *Exposições Temáticas: educação patrimonial, história, cultura e arte*, iniciativa desenvolvida com o objetivo de sensibilizar os visitantes e permitir a interação com o Museu, fazendo dele um espaço de novidades e um local de produção e socialização do conhecimento.

Palavras-chave: comunidade; história do município; estudantes; Pinhalzinho; exposições de curta duração.

Nota Biográfica: Fernanda Ben é graduada e mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e coordenadora do Museu Histórico de Pinhalzinho.

O Projeto *Exposições Temáticas* tem a finalidade de revitalizar, promover a pesquisa, dinamizar e tornar educativo o espaço museológico. O público-alvo do Projeto são as crianças e adolescentes que frequentam as instituições de ensino de Pinhalzinho, e de municípios próximos, e a comunidade local e regional. A iniciativa tem como objetivos:

- desenvolver projetos de pesquisa, com a finalidade de elaborar exposições temáticas de curta duração para dinamizar oficinas de educação patrimonial, representando temas referentes à cultura, à história e às tradições locais e regionais;
- dinamizar as atividades museológicas;
- envolver a comunidade local com as atividades desenvolvidas pelo Museu;
- elaborar atividades educativas no Museu;
- preparar exposições temáticas que representem os usos, os costumes e as tradições da comunidade local e regional; e
- disponibilizar e motivar o acesso da comunidade e instituições de ensino às exposições.

As principais colaboradoras e inspiradoras do Projeto foram: Ellen Annuseck Bona, colega e amiga, diretora do Museu Parque Malwee, e as orientadoras foram Denise Argenta e Miriam Carbonera, militantes da preservação da Memória do Oeste de Santa Catarina, funcionárias do Centro de Memória do Oeste (Ceom). Quanto às inspirações teóricas, foram influências sugestivas os textos e os autores relacionados à Educação Patrimonial e, especialmente, o livro *A danação do objeto – museu no ensino de História*, de Francisco Régis Lopes Ramos.

O Museu Histórico de Pinhalzinho foi criado em 3 de setembro de 1988, com o objetivo de guardar e fazer conhecer a memória da comunidade local, representada em fotos, objetos, documentos e depoimentos orais. Reunindo esse material, é possível evidenciar alguns fragmentos das experiências humanas do processo de formação e desenvolvimento do município entre as décadas de 1930 e 1970. Além disso, a intenção principal era, e ainda é, manter e preservar o patrimônio cultural material e imaterial do município e da região.

O Museu é uma instituição cultural que atende ao município e à região. Os principais parceiros são as escolas da rede pública, as secretarias municipais de Educação e Cultura de Pinhalzinho e da região e o Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (Ceom). Desenvolvemos oficinas de educação patrimonial, promoção de palestras para professores e alunos e montagem de exposições temáticas de curta duração como forma de dinamizar e tornar mais atraente o espaço museológico.

Foi diante dessa perspectiva que se fundamentou o Projeto *Exposições Temáticas: educação patrimonial, história, cultura e arte*, iniciativa desenvolvida com o objetivo de sensibilizar os visitantes e permitir a interação com o Museu, fazendo dele um espaço de novidades e um local de produção e socialização do conhecimento.





O desenvolvimento do Projeto foi estruturado seguindo uma série de ações e etapas a serem executadas:

- a) elaboração de um projeto de pesquisa sobre um determinado tema, com a finalidade de preparar uma exposição temática de curta duração;
- b) coleta de dados, tendo como base a história oral, fotografias e documentos históricos acerca da temática desenvolvida;
- c) planejamento e organização da exposição temática;
- d) montagem da exposição com objetos, frases explicativas, fotografias, *banners*, quadros explicativos, *slides* para serem projetados em *data show* e aula expositiva sobre o tema;
- e) elaboração de atividades aplicadas aos alunos das escolas em forma de oficinas de Educação Patrimonial. As atividades são elaboradas conforme a faixa etária dos estudantes, do primeiro ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio;
- f) divulgação da exposição nas escolas, jornais e emissoras de rádio do município e da região;
- g) organização prévia de uma agenda de visitas para as oficinas de Educação Patrimonial.

A preparação e a execução da exposição temática envolvem pessoas da terceira idade, que contribuem com depoimentos orais e relatos de informações sobre a temática a ser pesquisada; dinamizam atividades educativas, históricas e culturais às instituições de ensino; e possibilitam à comunidade a oportunidade de conhecer novos temas e pesquisas desenvolvidas sobre assuntos de interesse regional e local.

Durante o processo de pesquisa, é importante salientar que os entrevistados, geralmente, possuem importantes fontes históricas: documentos, fotos e objetos que, na maioria das



vezes, são cedidos ou doados ao Museu. Assim, o acervo museológico é constantemente renovado por fontes de pesquisa e documentação.

As exposições temáticas desenvolvidas até o presente momento pela equipe do Museu Histórico de Pinhalzinho foram as seguintes:

- Um passeio pela História: as primeiras imagens da formação do município de Pinhalzinho, 1914-1950;
- Corre, pula, pega e brinca: representações da infância querida;
- Diversão, lazer e sociabilidade em Pinhalzinho;
- Assim se escreve a história: indícios, evidências e documentos que representam Pinhalzinho;
- Guardar, guardar, guardar... Os Colecionadores de Pinhalzinho.

Em parceria com o Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (Ceom) promovemos as seguintes exposições e palestras:

- Habitar no Oeste;
- Movimentos Sociais;
- Vestígios Arqueológicos e Arqueologia no Oeste de Santa Catarina;
- Velho Chapecó: o Sertão desconhecido; e
- Pré-história nos Vales dos Rios Chapecó e Irani.

É importante destacar que, durante os cinco anos de desenvolvimento do Projeto, as atividades foram sendo readequadas e inovadas. O uso de tecnologias, como *data show*, filmagem e fotografias digitais, permitiram a apresentação de fotos e pequenos documentários produzidos sobre temas de relevância cultural e histórica. As atividades disponibilizadas aos alunos, durante as oficinas de Educação Patrimonial, também foram sendo renovadas, tornando-se mais atrativas, utilizando-se, inclusive, atividades lúdicas, como o jogo da memória, ilustrações, desenhos, quebra-cabeça, caça-palavras, palavras cruzadas e caça ao tesouro, sempre relacionadas ao tema em exposição.

Quanto à participação do público-alvo (pessoas da terceira idade, alunos das escolas e comunidade local e regional) durante a execução da primeira exposição, contamos com o apoio expressivo das escolas municipais e da comunidade. Já na segunda exposição Corre, pula, pega e brinca: representações da infância querida, envolvemos todas as instituições de ensino na pesquisa e na confecção dos brinquedos que foram parte do desfile de 7 de setembro e, posteriormente, ficaram em exposição no Museu. Assim, os professores envolvidos trouxeram

seus alunos para apreciar o resgate dos brinquedos, as brincadeiras, a literatura infantil e os jogos, socializados nas oficinas de Educação Patrimonial.

Um desdobramento importante do Projeto *Exposições Temáticas* é a iniciativa Museu vai à Escola, iniciada em agosto de 2010, com a finalidade de oportunizar oficinas sobre a história do povoamento e colonização do município e da região aos alunos das escolas. Outro ponto importante nessa trajetória foi a aprovação do Projeto Modernização do Museu Histórico de Pinhalzinho, disponibilizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que melhorou significativamente o acondicionamento do acervo, a exposição dos objetos e a implementação dos setores de educação e reserva técnica da instituição. Mais um ponto importante é o reconhecimento da importância do Museu por parte da sociedade e dos órgãos públicos. Atualmente, contamos com um espaço mais apropriado e dois novos funcionários que complementam e dinamizam a maior parte dos trabalhos desenvolvidos no Museu.

Resta dizer ainda que os objetos expostos no Museu provocam e estimulam a compreensão das marcas e representações de um tempo passado, possibilitando reviver sensações e emoções de momentos vividos pelos adultos e despertando a curiosidade e a admiração das crianças e dos jovens.

Referências Bibliográficas

CHAGAS, Mário. **Memória e poder**: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus. Disponível em: <<http://www.quarteirao.com.br/pdf/mchagas.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

CURY, Marília Xavier. Museologia: marcos referências. **Cadernos do Ceom**, Chapecó, n. 21, p. 45-73, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Memória, história, testemunho**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/09.shtml>>. Acesso em: 22 fev. 2010.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

RAMOS, Francisco R. L. **A danação do objeto**: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.



Museu Casa Guimarães Rosa

A Formação do Grupo de Contadores de Estórias **Miguilim** Museu Casa Guimarães Rosa – Cordisburgo/MG

Carolina Cabral e Ronaldo Alves de Oliveira

RESUMO: O *Grupo de Contadores de Estórias Miguilim* é um importante Projeto do Museu Casa Guimarães Rosa, pertencente à Superintendência de Museus da Secretaria de Estado de Cultura de Cordisburgo/MG. O Grupo é responsável pelo atendimento ao público do Museu, este é composto por crianças e adolescentes da cidade. O Projeto dá vida à obra de Guimarães Rosa por meio da narração de trechos de histórias. Criado em 1995, o principal objetivo do Projeto era divulgar entre os jovens a obra de Guimarães Rosa e, ao mesmo tempo, enriquecer a visita com apresentações de trechos da obra do escritor. O nome do Grupo faz referência ao personagem criado por João Guimarães Rosa – o Miguilim – criança que vive os tempos de infância, em Mutum, e tem a chance de redescobrir as cores e os contornos do mundo.

Palavras-chave: contadores de história; Guimarães Rosa; museu; Cordisburgo; formação de jovens e crianças.

Notas biográficas: Carolina Cabral – licenciada em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e coordenadora das Ações Educativas da Superintendência de Museus.

Ronaldo Alves de Oliveira – licenciado em Pedagogia e História pelo Centro Universitário de Sete Lagoas (UNIFEMM) de Minas Gerais e coordenador do Museu Casa Guimarães Rosa.

O Grupo de Contadores de Estórias Miguilim é um importante Projeto do Museu Casa Guimarães Rosa, pertencente à Superintendência de Museus da Secretaria de Estado de Cultura de Cordisburgo/MG. O Grupo é responsável pelo atendimento ao público do Museu, este é composto por crianças e adolescentes da cidade. O Projeto dá vida à obra de Guimarães Rosa por meio da narração de trechos de histórias.

O Museu Casa Guimarães Rosa (MCGR) foi criado, em 1974, na casa onde o escritor nasceu e passou a infância em Cordisburgo/MG, dessa forma tornou-se centro de referência da vida e da obra do escritor.

Por meio da Associação de Amigos do Museu, criado, em 1994, para apoiar os projetos do MCGR, o foi fundado, em 1995. O propósito era divulgar entre os jovens de Cordisburgo a obra de Guimarães Rosa e, ao mesmo tempo, enriquecer a visita ao Museu com apresentações de trechos da obra do escritor. O nome do Grupo faz referência ao personagem criado por João Guimarães Rosa – o Miguilim – criança que vive os tempos de infância em Mutum e que tem a chance de redescobrir as cores e os contornos do mundo.

As crianças e os adolescentes integrantes do Grupo passam por um processo de formação, por meio da imersão no universo “roseano” para a narração de histórias, que visa promover o desenvolvimento pessoal, a construção da autoestima e o reconhecimento sobre a própria comunidade local.

Desenvolvimento

O foi criado por Dr.^a Calina Guimarães, prima de Guimarães Rosa, responsável pela preparação das primeiras turmas de “Miguilim”. Desde então, a formação dos jovens “Miguilim” tornou-se a principal ação educativa do Museu, projeto conduzido pela estreita parceria entre a instituição, a Associação de Amigos e a comunidade local. Desde 2000, as contadoras de estórias Dôra Guimarães e Elisa Almeida, integrantes do Grupo Tudo Era Uma Vez, são as diretoras e coordenadoras do Projeto e responsáveis diretas pela formação do Grupo.

O trabalho de formação dessas crianças e desses jovens envolve diferentes etapas e processos de aprendizagem. Inicia-se com a constituição de um grupo de crianças de 10 a 12 anos, indicadas e/ou convidadas nas escolas primárias da cidade. É feita uma pré-seleção por meio de leitura e interpretações de textos, coordenada pela pedagoga Lúcia Corrêa Goulart de Castro. Vinte crianças, em média, são pré-selecionadas e passam a frequentar o módulo introdutório, com a carga horária de 16 horas/aulas, da Oficina Conta Conto. Nesse primeiro momento, aprendem a contar pequenos contos da tradição oral. Na etapa seguinte, em reuniões quinzenais, o grupo começa gradualmente a ter contato com o texto de Guimarães Rosa. Aprendem a narrar trechos mais simples do autor até atingir os textos mais complexos. Essa etapa chega a ter duração de dois anos. Durante esse período, são realizadas aulas complementares de Preparação Vocal e Corporal.

Após estarem bem familiarizados com a obra, os Contadores iniciam o estágio no Museu Casa Guimarães Rosa, acompanhados por um contador experiente, já atuante como mediador.





Inicialmente, os contadores estagiários acompanham as visitas apenas ouvindo e observando o colega Miguilim, apreendendo cada detalhe para atuar também como mediador. Esse processo é acompanhado pelo coordenador do Grupo dentro do Museu, Fábio Júnio Barbosa, ex-integrante do Grupo, que avalia desempenho, desenvoltura e habilidade do novo Miguilim para narrar trechos da obra de Guimarães Rosa e receber o público visitante do Museu. Os jovens participam da Oficina de formação até completarem 18 anos, não deixam de ser Miguilins, mas a partir dessa idade são convocados apenas em ocasiões especiais. Hoje, alguns deles, integram o Grupo Caminhos do Sertão, que promovem Caminhadas Ecoliterárias e apresentações teatrais sobre a obra.

A formação e a atuação do têm como um dos principais objetivos promover a apropriação e a difusão da obra de Guimarães Rosa na comunidade de Cordisburgo, em geral ao público do Museu. Isso é possível por meio da narração oral de fragmentos literários do escritor e da mediação da exposição. O grupo possui também como proposta subjacente a formação intelectual, pessoal e social dos jovens, visando despertar-lhes o interesse pela leitura, ajudar-lhes em seu crescimento psicológico e cultural e oferecer-lhes novas perspectivas de vida, que são também refletidas na própria comunidade.

Os jovens da cidade de Cordisburgo, sem muitas opções de lazer e cultura, têm no Projeto de formação oportunidades de encontros, discussões, integração social, que lhes oferecem



novas perspectivas e convívios sociais. O Projeto contribui também para o relacionamento familiar desses jovens, cujos pais passam a reconhecer e se envolver com a escolha e a formação dos filhos para se tornarem “Miguilim”. Os familiares desses jovens, em geral, sentem-se estimulados para a leitura da obra .

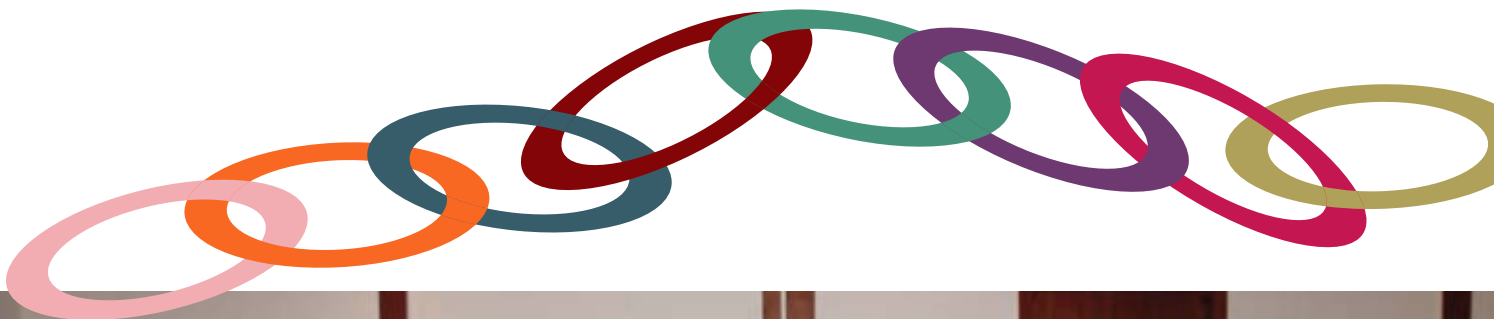
No Projeto, o Grupo obtém vários conhecimentos: técnicas de contação de estórias, formação ética, regras de comportamento, trabalho em grupo, promoção à cidadania e a valores coletivos. Ao ter contato com a obra , os “Miguilins” passam a ter mais conhecimento e desenvolvimento intelectual. A formação leva seus integrantes a terem melhor desempenho escolar, não apenas nas áreas de português e literatura, mas também em todas as outras disciplinas, uma vez que é regra básica para a inclusão e permanência no Grupo estar na escola e ter um bom rendimento. A ampliação do interesse nos vários campos do conhecimento é facilmente perceptível entre esses jovens.

Prova disso é que, ao longo desses 14 anos, já existem ex-miguilins que se formaram em letras, literatura, medicina, zootecnia, advocacia, geologia, biologia, farmácia, física etc. O Grupo reconhece que fazer parte dos “Miguilins” é uma oportunidade de mudar de vida.

O Projeto de serviu de inspiração para outros projetos que, a exemplo do grupo de Miguilins, procura integrar arte, literatura, conhecimento, narração de estória e desenvolvimento pessoal e comunitário. O modelo criado em Cordisburgo foi levado e apropriado por outros municípios, como Araçai, Morro da Garça, Três Marias e Itabira.

Durante os 13 anos de funcionamento, o Projeto, que está na quinta geração, formou 93 “Miguilins”, concorrendo decisivamente para a ampliação do público do Museu Casa Guimarães Rosa e dos leitores da obra do escritor. Enquanto muitos museus veem nas mídias

contemporâneas a forma de atrair os adolescentes, o Museu Casa Guimarães Rosa busca na tradição oral a estratégia de aproximação do Museu aos jovens. Por meio do Grupo de Contadores de Estórias, eles participam ativamente da dinâmica do Museu, identificam-se com a missão institucional e compartilham a responsabilidade pela preservação e pela valorização do patrimônio cultural da cidade.





Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul (MIS)

Preservar a Memória, Educar para o futuro

Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul

RESUMO: No ano de 2006, o Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul elaborou o Projeto *Preservar a Memória, Educar para o Futuro*, cujo objetivo foi atender a um público diversificado, com diferentes formações acadêmicas e faixas etárias. Foi desenvolvido por meio dos programas *Amplificadores de Cultura, Cinema no Museu, Os Sons do Museu* e *Cultura em Situação*.

O *Amplificadores de Cultura* teve início em agosto de 2006, com cursos, oficinas e *workshops* ministrados por profissionais qualificados e que atuavam na área da cultura. No ano seguinte, os programas *Cinema no Museu* e *Os Sons do Museu*, foram realizados em parceria com a ONG Casa de Ensaio. O primeiro organizava a exibição de filmes acompanhados de debates e o segundo, promovia o encontro dos jovens da Casa e da comunidade com músicos eruditos e populares. Em 2007, o *Cultura em Situação* foi instituído, em parceria com o Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e consistiu na realização de palestras e seminários, nos quais eram apresentados os resultados de pesquisas no campo cultural a estudantes universitários, profissionais liberais e público em geral.

Palavras-chave: Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul; oficinas; palestras; exibição de filmes; preservar a memória.

Apresentação

O Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul, desde a sua criação, há 10 anos, tem se mobilizado no sentido de contribuir com a formação e a difusão de conhecimento e cultura no estado, oferecendo à comunidade uma programação diversificada que compreende palestras, oficinas, cursos, seminários, mostras de cinema e exposições.

Com o objetivo de imprimir mais dinamismo às ações do Museu, no ano de 2006 elaborou-se o Projeto *Preservar a Memória, Educar para o Futuro*, com ações distintas, porém integradas, que foram desenvolvidas por meio dos programas *Amplificadores de Cultura*, *Cinema no Museu*, *Os Sons do Museu* e *Cultura em Situação*. Com ações educativas, o Museu passa a criar espaço para estudar e discutir Arte e Cultura.

Os programas foram implementados de forma gradual, visando atender a um público diversificado, com diferentes formações acadêmicas e faixas etárias. Em agosto de 2006, teve início o *Amplificadores de Cultura*, que consistia em promover cursos, oficinas e *workshops* ministrados por profissionais qualificados e que atuavam na área da cultura.

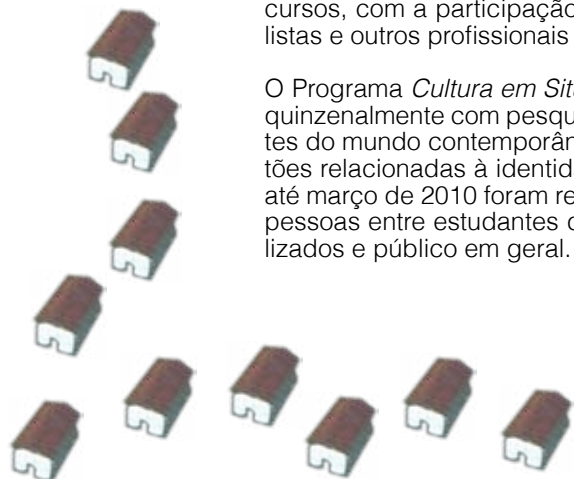
No ano seguinte, foram realizados, em parceria com a ONG Casa de Ensaio, os programas *Cinema no Museu*, que estimulava, a partir da exibição de filmes, a prática do debate e da reflexão; e *Os Sons do Museu*, o qual promovia o encontro dos jovens daquela Casa e da comunidade com músicos eruditos e populares.

O *Programa Cultura em Situação*, instituído em 2007, foi elaborado em parceria com o Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Consistia na realização de palestras e seminários, nos quais eram apresentados os resultados de pesquisas no campo cultural a estudantes universitários, profissionais liberais e público em geral.

Desenvolvimento

O Programa *Amplificadores de Cultura* foi elaborado com o intuito de oferecer cursos em caráter de complementação em artes plásticas, fotografia, vídeo, cinema, literatura, teatro e dança. Desde a sua implantação, em agosto de 2006, até março de 2010 foram realizados 68 cursos, com a participação de 1.485 pessoas, entre professores, estudantes, artistas, jornalistas e outros profissionais com diferentes formações acadêmicas.

O Programa *Cultura em Situação*, em execução desde fevereiro de 2007, promove palestras quinzenalmente com pesquisadores sintonizados com as tendências artísticas mais importantes do mundo contemporâneo nas áreas das artes plásticas, literatura e, também, com questões relacionadas à identidade sociocultural e histórica do estado. Desde a sua implantação até março de 2010 foram realizadas 51 palestras com acesso gratuito, prestigiadas por 1.355 pessoas entre estudantes de nível superior, professores universitários, profissionais especializados e público em geral.





O Programa *Cinema no Museu*, em execução desde 2007, passou por adequações para atender ao interesse dos jovens, o que gerou a criação de mais duas linhas de ação. No projeto inicial, realizado no decorrer do ano de 2007, constava apenas *A Turma da Casa no MIS*, fruto da parceria com a ONG Casa de Ensaio, iniciativa que consistia na exibição semanal de um filme para os alunos da instituição e aberto à comunidade local, tendo a cada sessão um convidado para comentar e conduzir o debate sobre o filme exibido na sala de projeção do museu. A seleção das obras era feita de acordo com o tema que se desejava abordar e a faixa etária do público. Naquele ano, foram exibidos 27 filmes, prestigiados por 629 pessoas, sendo a maioria, jovens.

Tendo em vista o sucesso do Programa *A Turma da Casa no MIS*, foi desenvolvido, no ano de 2008, *Conhecendo o Cinema Brasileiro*, que propunha a exibição de filmes nacionais, às sextas-feiras, com entrada gratuita para o público em geral. No decorrer do ano, foram exibidos 21 filmes, prestigiados por 384 expectadores.

Cinema (d) Horror: em parceria com o curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) foi realizado no decorrer de 2008. Os filmes da categoria “horror” e de temas análogos eram analisados com base nos Estudos Culturais e Estudos Literários do curso, e sustentados em pesquisas bibliográficas.

Os filmes eram exibidos quinzenalmente, na sala de projeção do MIS, e antes do início da sessão os participantes recebiam material impresso (sinopse). Nesse contexto, a reflexão e a participação ativa do público ocorriam por meio da discussão e dos debates sobre o filme exibido, mediados por acadêmicos do curso. Foram exibidos naquele ano 12 filmes, e a entrada gratuita e aberta a universitários e público em geral propiciou o ingresso de 384 pessoas.

A partir de 2009, o Cinema no Museu passou a exibir produções cinematográficas nacionais e internacionais na forma de mostras temáticas, divulgando produções locais e do cinema brasileiro, com sessões gratuitas. Nesse ano, foram realizadas cinco mostras de cinema e quatro apresentações de documentários, prestigiados por 713 pessoas.

O Programa *Os Sons do Museu*, em parceria com a ONG Casa de Ensaio e o Curso de Graduação em Música da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), consistia no encontro dos jovens com a música erudita e popular, por meio de recitais didáticos. As apresentações ocorriam na primeira sexta-feira de cada mês, com repertório (música erudita e popular) escolhido para os recitais de violão, música de câmara e outros selecionado pela coordenadora do curso. As peças apresentadas faziam parte de um panorama da música brasileira do século XX.

Por ser uma apresentação didática, os músicos conduziam os recitais buscando um diálogo constante com os participantes, instigando o debate, a reflexão, oportunizando a todos ampliar o conhecimento no universo musical. As apresentações, realizadas somente no ano de 2007, contaram com público de 178 pessoas.

Conclusão

Sabe-se que a ação educativa bem estruturada é de fundamental importância para o estabelecimento de mecanismos de apropriação da cultura e do conhecimento. Dar continuidade aos processos de formação cultural é o grande desafio que se coloca numa instituição de caráter público, dadas as dificuldades e os constantes obstáculos enfrentados.

No entanto, o Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul, com seu programa educativo estabelecido e mediante o envolvimento da equipe que forma o Núcleo de Educação do



Museu, promove o acesso e a difusão da cultura. Serve, além, como um modelo institucional dessas práticas no estado, ao aliar as ações de preservação com uma identidade educacional.

Citando Regina Batista: “É necessário entender que o indivíduo torna-se senhor de si mesmo e dos seus conteúdos se lhes for permitido ter acesso a coisas, lugares, processos. Sendo assim, as ações desenvolvidas no Projeto promoveram:

- A formação de um público mais crítico e participativo nas atividades do museu;
- A integração do museu com instituições públicas, projetos sociais e outros segmentos da sociedade;
- Um diálogo consistente com diferentes públicos que tiveram a oportunidade de ampliar seus repertórios, acontecimentos e registros, e a garantia desse acesso representa um passo importante no processo de transformação do indivíduo em cidadão e sujeito da sua história.” (DIÁLOGOS..., p. 23).

Equipe

Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul (MIS)

Rafael Dualibi Maldonado – Coordenador

Adriano dos Santos – Técnico em Cinema e Vídeo

Alexandre do Prado Sogabe – Gestor de Atividades Culturais

Ivone Maria Moreira da Silva – Gestor de Atividades Culturais

Matheus de Almeida Recalce – Técnico em Audiovisual

Suzana Barbosa Lima – Gestor de Atividades Culturais

Parcerias

- Curso de Música e Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS);
- ONG Casa de Ensaio.

Referências Bibliográficas

DIÁLOGOS ENTRE ARTE E PÚBLICO [...] dos diálogos que temos, aos diálogos que queremos [...]. Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.



Centro de Documentação da II Guerra (Batatais/SP)

Um Novo Contato com a Itália

Alessandra Baltazar

RESUMO: A proposta da exposição *Um Novo Contato com a Itália* surgiu após a realização do Fórum de Educação, promovido pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Batatais (SP), em julho de 2008, cujo tema principal era a questão da inclusão dos portadores de necessidades especiais na rede pública de ensino. Sendo o Centro de Documentação da II Guerra uma instituição cultural parceira da educação, entendemos que podemos trabalhar de forma efetiva na diminuição dos preconceitos, da intolerância e da ignorância em relação à questão da inclusão. Para tanto, tivemos que encontrar um caminho próprio para contribuir com a educação e estabelecer novos parâmetros na divulgação de nosso acervo, implementando processos expositivos que exploram os sentidos e incentivam a integração entre os diferentes. Apesar de ser uma exposição planejada para a pessoa portadora de deficiência, o objetivo deste Projeto foi o de conscientizar o público sobre a importância de se preparar os espaços com acessibilidade para todos os tipos de pessoas, além de ampliar a percepção da exposição com a utilização do tato, da audição e do olfato.

Palavras-chave: acessibilidade; Segunda Guerra Mundial; Força Expedicionária Brasileira; estímulos sensoriais e sonoros; Capitã Altamira; Batatais.

Nota Biográfica: Alessandra Baltazar – graduada em Arquitetura e Urbanismo pelas Faculdades de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC/Unesp), de Bauru. Atualmente, é pesquisadora cultural da Prefeitura Municipal da Estância Turística de Batatais, sendo responsável pelo Museu Histórico e Pedagógico Dr. Washington Luís e pelo Centro de Documentação da II Guerra Capitã Altamira Pereira Valadares, além de professora titular da Universidade de Franca.



O Centro de Documentação Histórica – Pesquisa II Guerra Mundial (1939-1945) constitui um espaço de memória organizado pela Capitã Altamira Pereira Valadares, enfermeira batataense da Força Expedicionária Brasileira (FEB), que se dedicou à coleção de fotografias, documentos, livros e objetos relacionados à história da II Guerra Mundial, para a formação de um local de pesquisa e documentação em Batatais (SP).

Construída com os recursos da Capitã Altamira, a sede definitiva do Centro de Documentação foi inaugurada no dia 6 de maio de 1994. Em março de 2004, Altamira faleceu, deixando como sua sucessora a sobrinha Ivete Pereira Lavagnoli de Montanha, que, em parceria com o poder público municipal e o Tiro de Guerra de Batatais, sob a instrução do 1º Sargento Edivo Gomes da Silva, iniciou em 2007 as obras de reforma do Centro de Documentação e a nova organização museográfica, inaugurada no dia 17 de maio de 2008.

A proposta da exposição *Um Novo Contato com a Itália* surgiu após a realização do Fórum de Educação, promovido pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura em julho de 2008, cujo tema principal foi a inclusão dos portadores de necessidades especiais na rede pública de ensino.

Além de frequentar a sala de aula adaptada para atender à necessidade do aluno especial, sem separá-lo do contato com outros alunos, as atividades extraclasse também devem ser adaptadas, para não excluir nenhum aluno com qualquer limitação física ou mental.

Sendo o Centro de Documentação da II Guerra uma instituição cultural parceira da educação, entendemos que podemos trabalhar de forma efetiva na diminuição dos preconceitos, da intolerância e da ignorância em relação à questão da inclusão. Para tanto, tivemos que encontrar um caminho próprio para contribuir com a educação e estabelecer novos parâmetros na divulgação de nosso acervo, implementando processos expositivos que exploram os sentidos e incentivam a integração entre os diferentes.

Apesar de ser uma exposição planejada para a pessoa portadora de deficiência, o objetivo deste Projeto foi conscientizar o público sobre a importância de preparar os espaços com acessibilidade para todos os tipos de pessoas, além de ampliar a percepção da exposição com a utilização do tato, da audição e do olfato.



A exposição *Um Novo Contato com a Itália* foi inaugurada em setembro de 2008, conciliada à Festa de San Gennaro, em homenagem aos imigrantes italianos da cidade de Batatais. Nessa exposição, o público pôde conhecer detalhes sobre as aventuras, vitórias e dificuldades pelas quais os brasileiros passaram no roteiro desenvolvido pela FEB em solo italiano durante a II Guerra.

O princípio básico da exposição foi a experiência direta com os objetos, juntamente à utilização de recursos sonoros, olfativos e táteis, para se chegar à compreensão e valorização da história, em um processo contínuo de descoberta.

A Educação Patrimonial busca resgatar uma relação de afeto da comunidade pelo patrimônio, pelo qual se desencadeia um processo de aproximação que se estende à memória e ao bem cultural, de forma agradável, prazerosa e lúdica. É também um instrumento de alfabetização cultural que capacita o indivíduo para a leitura e compreensão do universo sociocultural em que está inserido.

A todos os visitantes foi oferecida a oportunidade de se fazer o percurso com vendas nos olhos, acompanhando a demarcação de uma corda no chão. O alto-relevo proporcionado pela corda devidamente pregada no chão com fita adesiva larga e transparente facilitou o uso de bengalas ou do próprio tato do pé na identificação do caminho. Um tapete emborrachado foi fixado no chão para demarcar os trechos de parada.

A exposição foi organizada a partir de um trajeto preestabelecido, em que o primeiro ponto de parada representava o primeiro dia dos brasileiros na Itália, quando eles dormiram ao relento em um bosque localizado próximo a um vulcão. Nesse trecho foram utilizadas folhagens naturais e odores artificiais de eucalipto para contextualizar a mata. Os visitantes podiam manusear os utensílios empregados na alimentação dos soldados, percebendo a diferença, através do tato, entre as marmitas produzidas no Brasil e nos EUA.



Continuando o trajeto, o próximo ponto de parada possuía uma escultura em tamanho natural, feita de “papier mache” da Capitã Altamira, e objetos utilizados por ela durante a guerra e também podiam ser manuseados. A escultura da capitã foi feita por um casal de artistas plásticos (Débora de Paula e Júnior Vasconcelos), em 2007.

Todos os objetos da exposição foram apresentados com etiquetas em português e em Braille, elaboradas pela professora Márcia Bonfá, especialista em educação para alunos especiais. A educadora também orientou a adaptação do espaço para a circulação do deficiente visual, com a utilização de cordas e tapetes emborrachados.

O trajeto foi contextualizado com uma trilha sonora, criada pelo produtor de mídia Luciano Caneli. A primeira música do roteiro representa a longa viagem de navio até a Itália. Em alguns momentos, a trilha era interrompida por tiros e disparos diversificados, intensificando-se com outra música simbolizando a tensão das batalhas.

Quando o visitante chegava à terceira parte do trajeto, podia tatear algumas representações em alto-relevo de monumentos feitos com EVA, cola com relevo e areia colorida, para se conhecer um pouco da arquitetura italiana.

Outra oportunidade de aprendizado com uso do tato estava na quarta parte da exposição, em que o visitante podia tocar uma maquete representativa do roteiro da FEB na Itália e sentir a umidade do mar (gel de cabelo), o relevo dos Montes Apeninos (gesso), a localização do cemitério de Pistoia e os pontos de vitória dos brasileiros (bandeirinhas).

Um resumo sobre a história da II Guerra foi exposto em sete *banners*, também transcritos para o Braille. Ao chegar nessa etapa, geralmente a trilha sonora já estava tocando a Tarantela, simbolizando a felicidade pelo final da guerra.



A quinta parte da exposição foi uma maquete em EVA, representando o Cemitério de Pistoia, na Itália, onde os brasileiros mortos em combate ficaram enterrados até 1960.

Por fim, o visitante chegava a uma bancada onde estavam as três medalhas que os soldados podiam receber como condecoração após a guerra: Medalha de Guerra (a todos que participaram da II Guerra), Medalha de Campanha (aos que praticavam atos de bravura, companheirismo e coragem) e Medalha Sangue do Brasil (aos que se feriam e tinham que retornar ao Brasil). Todas essas peças puderam ser manuseadas com a devida orientação de cuidado.

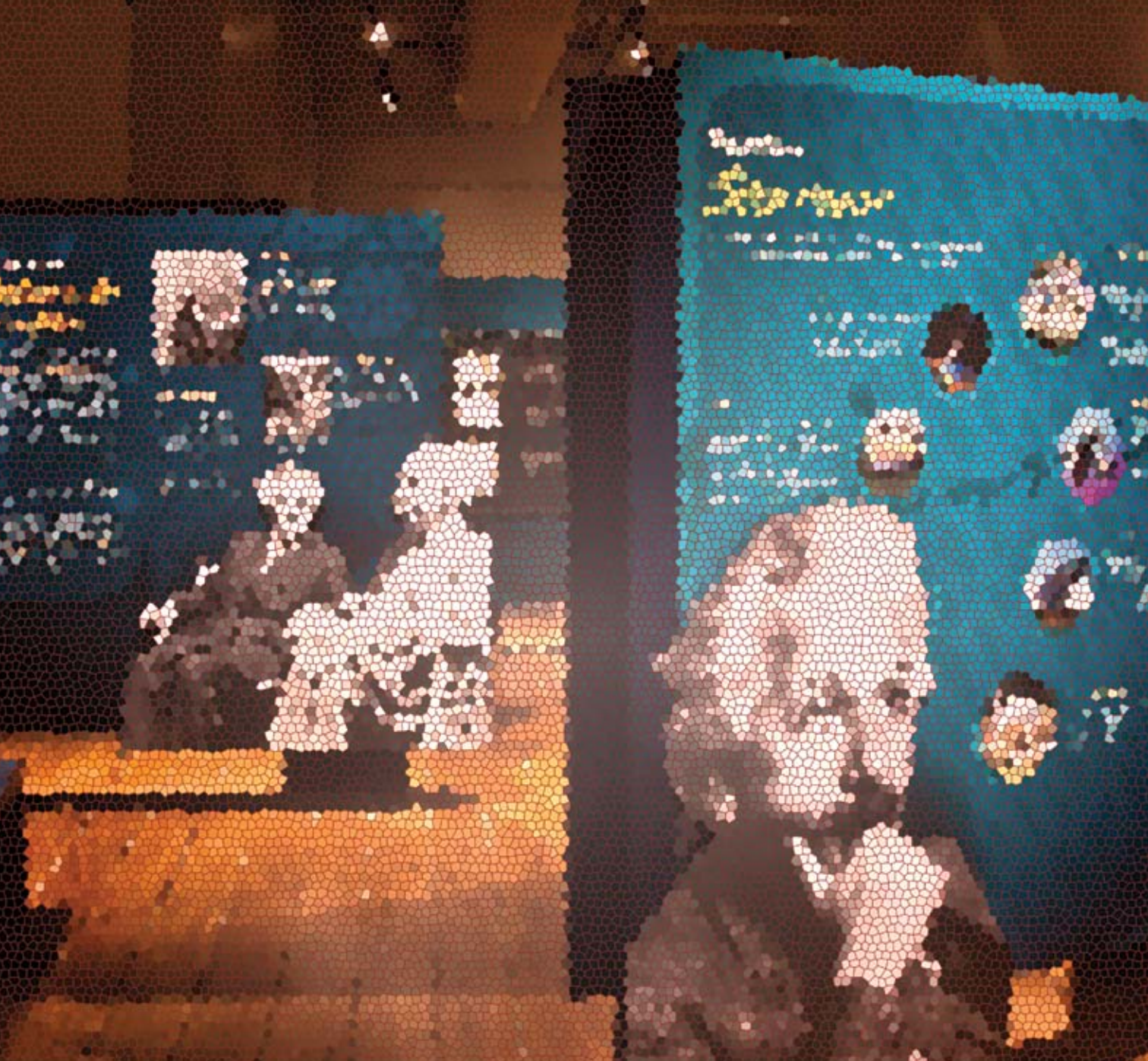
O principal impacto do Projeto na cidade foi a receptividade dos visitantes que não possuíam deficiência visual em tentar fazer o trajeto com os olhos vendados e de admirarem a capacidade de percepção da exposição através do olfato, do tato e da audição.

A maioria dos visitantes teve acesso à linguagem em Braille pela primeira vez e ficaram surpresos com a dificuldade da leitura para quem não está habituado.

Os deficientes visuais que estudam na Escola Municipal Prof.^a Alzira Acra de Almeida e na Apae Batatais tiveram uma visita monitorada especial, com um período do dia totalmente reservado para eles. Havia, entre os seis deficientes visuais, uma garota de 13 anos, que só entendeu o que é uma guerra após a visita ao Centro de Documentação.

Tivemos mais de 400 alunos na exposição, que foi integrada à disciplina de História dos ensinos fundamental e médio, como complemento ao estudo da II Guerra Mundial.

O Centro de Documentação foi o primeiro espaço cultural da cidade a se adaptar para o público deficiente visual, a começar pelo convite para a exposição com trechos escritos também em Braille.



Instituto Sangari

Ação Educativa da Exposição Itinerante Einstein

Ana Maria Navas, Eliane Minguês e Marcelo Knobel

RESUMO: O Instituto Sangari promove ações de educação não formal em Ciências que buscam contribuir para a construção de uma cultura científica. Em 2008, o Instituto inaugurou a *Exposição Itinerante Einstein*, de caráter biográfico e científico, com o objetivo de apresentar a vida e a produção científica do físico alemão. Como parte da realização desse Projeto, um grupo de profissionais, entre eles a equipe educativa do Instituto Sangari, consultores científicos e pesquisadores da área do ensino de Física, se dedicaram à elaboração de um programa educativo com foco na comunidade escolar e com o propósito de tornar ainda mais significativa a visita a esta exposição. O Projeto desenvolveu-se a partir de três eixos norteadores: formação de mediadores, formação de educadores e produção de materiais educativos para professores e alunos.

Notas Biográficas: Ana Maria Navas – graduada em Biologia e mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), consultora em Educação para museus pela empresa Percebe Ltda. Responsável pela concepção e coordenação das ações educativas.

Eliane Minguês – pedagoga, mestranda em Educação na USP, coordenadora educacional. Atuou na concepção e coordenação das ações educativas.

Marcelo Knobel – diretor científico da exposição, físico e atualmente pró-reitor de graduação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Palavras-chave: Instituto Sangari; ação educativa; exposição itinerante; Einstein; formação de mediadores; formação de educadores, materiais educativos.



Durante décadas, a divulgação científica esteve associada a processos de simplificação de informação direcionados, em via única, dos cientistas e dos especialistas para o público,¹ entendido como um grupo com características homogêneas. A visão dominante da divulgação científica é, hoje, fortemente questionada em função de modelos dialógicos e deliberativos, que buscam estabelecer processos de comunicação bidirecionais entre especialistas e não especialistas e resgatar e valorizar saberes e experiências locais.²

Atualmente, muitos museus e centros de ciências participam dessas tendências e buscam incorporar, em suas atividades de divulgação e educação, iniciativas que promovam a participação dos visitantes e valorizem os saberes e as percepções dos diferentes públicos.³

Como parte desse movimento e no intuito de contribuir para a construção de uma cultura científica, o Instituto Sangari vem promovendo diversas ações de educação não formal em Ciências, dentre elas a realização de exposições culturais, educativas e interativas, em parceria com o Museu de História Natural de Nova York. No Brasil, essas exposições são temporárias e itinerantes e foram iniciadas com “Darwin e a Revolução Genômica”. Elas passam por adaptações de seus conteúdos e viajam por diversas cidades do País, contribuindo para a popularização da ciência e da tecnologia.

Em 2008, o Instituto inaugurou a *Exposição Itinerante Einstein*, de caráter biográfico e científico, que apresentou a vida e a produção científica do físico alemão.

Como parte da realização desse Projeto, um grupo de profissionais, entre eles: equipe educativa do Instituto Sangari, consultores científicos e pesquisadores da área do ensino de Física

¹ MYERS, G. **Discourse studies of scientific popularization:** questioning the boundaries Discourse Studies, v. 5, n. 2, p. 265-279, 2003.

² WYNNE, B. In: MASSARANI, L.; TURNEY, J.; MOREIRA, I. (Ed.). **Terra incógnita:** a interface entre ciência e público. Rio de Janeiro: Casa de Ciências/UFRJ, 2005.

³ EINSIEDEL, A. A.; EINSIEDEL, F. E. In: CHITTENDEN, D.; FARMELO, G.; LEWENSTEIN, B. (Ed.). **Creating connections:** museums and the public understanding of current research. Oxford: Althamira Press, 2004. p. 73-86.

se dedicaram à elaboração de um programa educativo com o propósito de tornar ainda mais significativa a visita da comunidade escolar à exposição. A partir disso, três focos foram considerados: formação de mediadores, de educadores e produção de materiais educativos para professores e alunos, e é dessa experiência que a narrativa trata.

A *Exposição Itinerante Einstein* – cenário desta proposta educativa – valeu-se de uma diversidade de recursos museográficos, como instalações interativas, obras de arte, laboratórios, painéis de texto, fotografias, trilhas sonoras e objetos culturais, entre outros, para apresentar a vida e a produção científica de Albert Einstein ao público.

Essa exposição foi dividida em duas grandes temáticas: o homem e o legado. O primeiro tema revelou quem foi Albert Einstein – o físico alemão que apreciava música e amava velejar considerava-se um “cidadão do mundo” e usou sua notoriedade para condenar o racismo, o antissemitismo e o emprego da energia nuclear para fins militares. O segundo traça um paralelo entre as teorias do físico sobre espaço, tempo, gravidade, luz e matéria, e suas aplicações nos dias de hoje.

Por meio de cartas, cadernos, manuscritos, fotografias e vídeos o visitante pôde se aproximar do homem que há por trás da ciência: sua história, imaginação, paixões, motivações, curiosidades, e por meio de instalações interativas perceber que as ideias de Einstein não eram apenas acessíveis, mas também presentes em diversos itens do nosso dia a dia.

Essa diversidade de conteúdos e de recursos museográficos representou grande potencial pedagógico para a ação educativa, a ser explorado pelos mediadores e pelo público em prol de processos bidirecionais de comunicação.

A ação educativa

As considerações anteriores, somadas a trabalhos expressivos nas áreas de educação e comunicação em museus, teorizam a relação museu-escola⁴ e refletem sobre o papel da mediação nesses espaços,^{5,6} permitindo planejar e desenvolver a ação educativa da exposição Einstein de acordo com os seguintes pressupostos:

- Contemplar aspectos da Comunicação e da Educação em museus de ciência como eixo do curso de formação de mediadores.
- Promover ações de mediação inspiradas no modelo de *discussão dirigida* e assim conceber o visitante como ator ativo nos processos de comunicação.

⁴ MARTINS, L. **A relação museu/escola:** teoria e prática educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

⁵ MARANDINO, M. (Org.). **Educação em museus:** a mediação em foco. São Paulo: Faculdade de Educação, 2008.

⁶ GRINDER, A. L.; MCCOY, E. S. **The good guide.** Scottsdale, AZ: Ironwood Press, 1985.



- Entender a visita a uma exposição como constituída por três momentos – o antes, o durante e o depois –, momentos estes que podem ser planejados e articulados como estratégias no sentido de fortalecer a relação museu-escola.
- Explorar as diversas facetas das realizações e dos caminhos percorridos por Einstein, discutindo a forma como o conhecimento científico é construído.

A partir desses pressupostos, desenvolveram-se três ações pontuais que buscavam propor uma mediação pedagógica entre a exposição e o público escolar:

- *A visita monitorada*: construída a partir da formação dos mediadores e do trabalho prévio dos educadores.
- *Encontros com educadores*: visita livre ao espaço expositivo, orientada por discussão prévia e trabalho em grupo sobre estratégias pedagógicas que orientem a visita com os alunos.
- *Material educativo*: consiste no Material do Educador, de apoio para o planejamento da visita, e no Material do Aluno, entendido como memória da visita.

Para tornar as visitas dos diversos grupos escolares ainda mais significativas, foi concebida a visita à exposição como uma situação que envolve atividades prévias – de aproximação com o que será visto na exposição; atividades para serem feitas durante a visita – apreciação e contato com diferentes fontes de informação; e atividades para serem feitas depois, em sala de aula – desdobramentos, análise e síntese, e foi nesse sentido que o trabalho foi desenvolvido.

Cabe destacar que para uma participação mais ativa de todos é importante levar em consideração as especificidades do processo educativo que caracterizam os museus e as exposições e a escola. As práticas educativas desses espaços podem se complementar, especialmente quando existe um planejamento para que isso aconteça. Nesse sentido, acreditamos que seja papel da exposição Einstein abrir portas para aguçar a curiosidade, acercar-se de aspectos da obra que não figuram em livros, propiciar momentos de lazer, diversão, conversas, contemplação e interação com os objetos.

Mas como trabalhar com tantos conteúdos e públicos diversos? Foi investindo nessa direção que toda a ação educativa ganhou forma e sentido.



Os monitores e suas formações diversas

Um elemento central da ação educativa da exposição foi o processo intencional de seleção de alunos de graduação e pós-graduação advindos de diversas áreas de atuação, como Biologia, Física, História, Filosofia e Letras, dentre outras que pudessem trocar diferentes saberes e experiências para a construção conjunta da ação de mediação.

Alguns pressupostos orientaram a concepção do curso de formação desses mediadores: a diversidade de áreas do conhecimento dos alunos de graduação e pós-graduação inscritos; a complexidade de muitos dos conteúdos apresentados na exposição; o papel do mediador, que na exposição não se centraria na sua própria fala nem em explicações extensivas, mas na busca por incorporar diversas estratégias de mediação que favorecessem uma comunicação bidirecional com o público.

Com base nos pressupostos anteriores e por meio da participação de professores e pesquisadores convidados, o curso incorporou palestras e atividades reflexivas sobre a vida e obra de Albert Einstein; oficinas para reconhecimento do espaço expositivo; oficinas sobre as Visitas Focadas propostas no *Material do Educador*; oficinas para explorar a potencialidade dos objetos exibidos; e palestras e oficinas que exploravam a relação museu-escola, resgatando experiências prévias dos mediadores.

O processo de concepção do curso levou, também, à elaboração de uma apostila contendo o roteiro completo da exposição, textos de apoio sobre educação em museus de ciências, revista de divulgação sobre Albert Einstein e textos sugeridos pelos palestrantes e realizadores de atividades. A formação desses monitores foi um passo decisivo na construção de um grupo cooperativo na atuação com professores e alunos visitantes da exposição.

Os encontros de educadores

Os encontros com educadores visavam aproximá-los da vida e obra de Albert Einstein, explorando o imaginário dos professores sobre o cientista e o contexto histórico e político que o influenciaram. Esperava-se, também, inteirar os professores da proposta das Visitas Focadas, apresentadas no *Material do Educador*, e das possibilidades pedagógicas que essas diferentes abordagens poderiam ter.

Essa etapa implicou reuniões periódicas de trabalho com dois consultores na área de ensino de Física – alunos de pós-graduação – responsáveis por ministrar os Encontros com Educadores, eventos oferecidos a professores de Ensino Fundamental e Médio de diversas áreas do conhecimento.

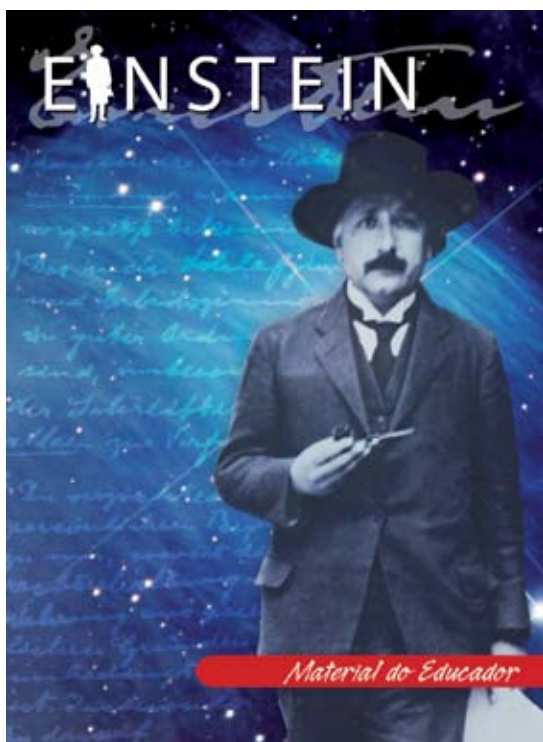
Essas reuniões serviram para definir uma estrutura geral dos Encontros, constituídos por uma parte teórica, de apresentação e exploração para o público de aspectos da biografia de Albert Einstein, e duas partes práticas, relacionadas com a própria visita à exposição e à apresentação das potencialidades pedagógicas do *Material do Educador*. Com base nessa estrutura, os Encontros com Educadores foram realizados todos os sábados e às quartas-feiras, durante os meses de permanência da exposição em São Paulo.

Materiais educativos

Material do educador: As potencialidades pedagógicas do planejamento de visita à exposição estavam entre os elementos centrais a serem explorados com professores de ensino fundamental e médio. Para isso, foi concebido um material educativo que trabalhasse a proposta de *Visitas Focadas*, entendidas quais abordagens a visita à exposição poderia ter. Nesse contexto, foram escolhidas quatro grandes temáticas que perpassavam a exposição como um todo: *Vida e obra; Luz; Matéria e Energia; e Teorias da Relatividade*. Cada temática foi abordada por meio de sugestões de atividades a serem desenvolvidas antes, durante e depois da visita. Com o intuito de dar subsídios teóricos para os professores, o material incorporou, além das propostas para realizar visitas focadas, uma curta biografia sobre Albert Einstein (ilustrada com fotos da própria exposição) e sugestões de atividades em sala de aula.

Material do aluno: O *Passaporte*, destinado a alunos de 12 a 16 anos, buscava aproximar os estudantes de algumas características da personalidade de Albert Einstein que o acompanharam desde a juventude e que definiram o seu trabalho como cientista. O material reuniu espaços para manifestações livres, exemplos de experiências mentais, perguntas que acompanharam o cientista ao longo da vida, aspectos das suas viagens, curiosidades relacionadas

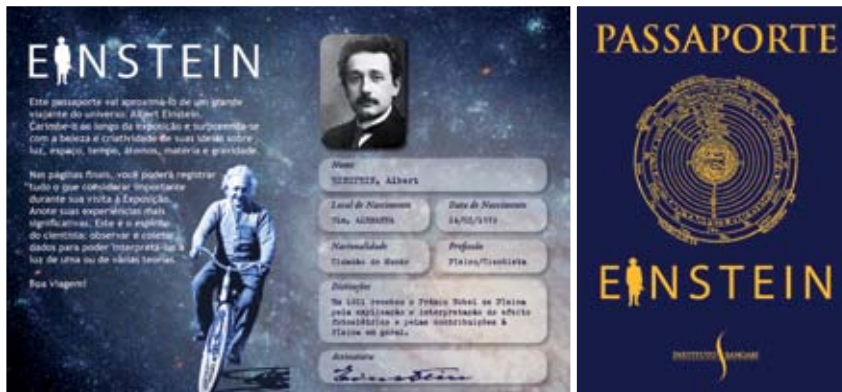
com a sua vida como estudante e temas de Física e de outras áreas do conhecimento sobre os quais ele se aprofundou.



Avaliação da ação educativa

Com o objetivo de conhecer a opinião dos visitantes sobre a exposição e avaliar as diversas ações e materiais educativos desenvolvidos, foram concebidos e aplicados diferentes instrumentos de avaliação para o público escolar e espontâneo e para os próprios mediadores. A avaliação qualitativa aplicada aos professores que visitaram a exposição foi feita por e-mail, contendo um questionário com oito perguntas abertas relacionadas com: os *Encontros com Educadores*, o material educativo disponibilizado, a visita realizada com os alunos, o trabalho dos mediadores e os desdobramentos em sala de aula.

A avaliação qualitativa com os mediadores envolveu um questionário de perguntas abertas, explorando aspectos positivos e negativos do curso de formação e das atividades de formação continuada. Como parte do processo, foram realizadas, também,



entrevistas com alguns mediadores para explorar tanto as potencialidades do trabalho desenvolvido com profissionais de diferentes áreas quanto o impacto do curso de formação e das atividades de formação continuada nas próprias práticas de mediação.

Assim, depois de quase três meses de exposição, em que milhares de visitantes mergulharam no universo do físico e tiveram a chance de sair contagiados pelo seu espírito questionador, avaliamos que as ações do programa educativo que orientaram as visitas foram determinantes no sentido de enriquecer essa experiência.

Referências Bibliográficas

EINSIEDEL, A. A.; EINSIEDEL, F. E. In: CHITTENDEN, D.; FARMELO, G.; LEWENSTEIN. B. (Ed.). **Creating connections:** museums and the public understanding of current research. Oxford: Althamira Press, 2004. p. 73-86.

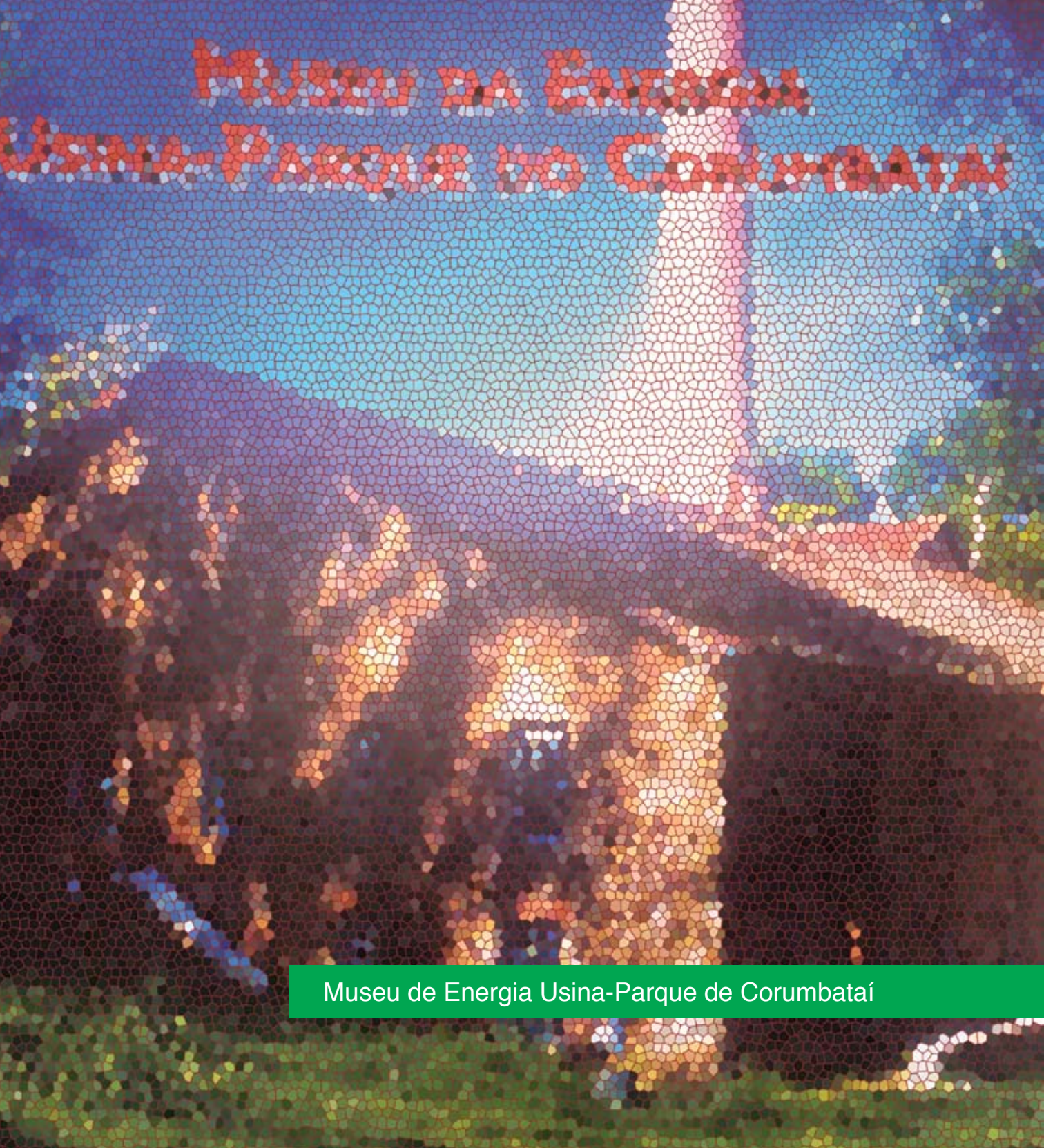
GRINDER, A. L.; MCCOY, E. S. **The good guide.** Scottsdale, AZ: Ironwood Press, 1985.

MARANDINO, M. (Org.). **Educação em museus:** a mediação em foco. São Paulo: Faculdade de Educação, 2008.

MARTINS, L. **A relação museu/escola:** teoria e prática educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MYERS, G. Discourse studies of scientific popularization: questioning the boundaries. **Discourse Studies**, v. 5, n. 2, p. 265-279, 2003.

WYNNE, B. In: MASSARANI, L.; TURNEY, J.; MOREIRA, I. (Ed.). **Terra incógnita:** a interface entre ciência e público. Rio de Janeiro: Casa de Ciências/UFRJ, 2005.



Museu de Energia Usina-Parque de Corumbataí

Museu Dinâmico de Energia Elétrica – MDEEL

Donizetti Aparecido Pinto

RESUMO: O presente artigo apresenta o trabalho educacional desenvolvido no Museu da Energia Usina-Parque do Corumbataí, por meio do Projeto *Museu Dinâmico de Energia Elétrica (MDEEL)*. O Museu da Energia possui um viés científico que trabalha com temas como eletricidade e produção de energia, entre outros, e o trabalho nele desenvolvido é dividido em roteiros, cada um abordando diferentes áreas do conhecimento, como Física, História e Meio Ambiente; no caso particular de Física, existem os roteiros de eletrostática e eletrodinâmica. Com a implantação do *Projeto MDEEL*, tais roteiros adquiriram uma característica particularmente interessante para o ensino de ciências, que é a experimentação. Os alunos são levados a observar fenômenos do seu cotidiano e a evolução da ciência que levou ao desenvolvimento do conceito de corrente elétrica, de maneira não formal, ou seja, sem currículos, normas e regras da escola, o que torna a aprendizagem mais prazerosa.

Palavras-chave: museu; energia; eletricidade; educação; patrimônio.

Nota Biográfica: Donizetti Aparecido Pinto – graduado em Estudos Sociais (Centro Universitário Assunção/Unifai) e especialista em Educação Ambiental pela (Universidade Estadual de São Paulo/Unesp – Rio Claro/SP). Coordenou o Museu da Energia Usina-Parque do Corumbataí, em Rio Claro, no período de 1999 a 2008, e atualmente coordena o Museu da Energia de Jundiaí. Coordenou o Projeto *Escolas Públicas no Museu da Energia* e *Museu Dinâmico de Energia Elétrica (MDEEL)*, ambos realizados no Museu da Energia Usina-Parque do Corumbataí. Integra o Grupo de Trabalho Educativo da instituição.

Localizado em Rio Claro, interior do estado de São Paulo, o Museu da Energia Usina-Parque do Corumbataí é um equipamento da Fundação Energia e Saneamento. Fazem parte do seu patrimônio, além de peças e objetos do período de implantação da energia elétrica no estado de São Paulo, dois rios: Corumbataí e Ribeirão Claro, que se confluem na sua área, bem como toda a estrutura de uma usina hidrelétrica histórica,¹ que recentemente voltou a gerar energia. O Museu leva esse nome devido ao Rio Corumbataí, o principal da microbacia, cujo potencial energético de suas águas é utilizado para a geração de energia elétrica. O Museu da Energia ganhou essa denominação em 1982, quando foi oficialmente tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico (Condephaat), órgão da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Quando do tombamento, a Usina pertencia à Companhia Energética de São Paulo (Cesp) e, em 1999, foi doada à Fundação pela Companhia de Geração de Energia Elétrica Tietê (atual AES Tietê), empresa cindida da Cesp. A Fundação Energia e Saneamento é mantenedora da Usina do Corumbataí e custodia também mais três usinas históricas em São Paulo: Usina do Jacaré, em Brotas; São Valentim, em Santa Rita do Passa Quatro; e Usina Salesópolis, na cidade homônima. A partir do momento em que a Usina-Parque do Corumbataí passou para o controle da instituição, iniciaram-se trabalhos de adequação do espaço para recepção de visitantes, bem como capacitação de monitores e pesquisas temáticas sobre a Usina e o entorno. Originaram-se, assim, os primeiros roteiros pedagógicos, os quais com a implantação do *Projeto MDEEL* foram ampliados e atualmente são oferecidos aos visitantes, englobando diversos temas relacionados a várias áreas do conhecimento. O presente texto apresentará algumas atividades realizadas no Museu da Energia Usina-Parque do Corumbataí, visando ao ensino de Física no âmbito do MDEEL, bem como relatar algumas experiências nos campos da educação científica e Museologia.

Projeto Museu Dinâmico de Energia Elétrica - MDEEL²

O Projeto *Museu Dinâmico de Energia Elétrica (MDEEL)* foi realizado entre 2005 e 2007, envolvendo um trabalho de pesquisa e desenvolvimento de atividades de ensino, considerando o espaço e os equipamentos do Museu da Energia Usina-Parque do Corumbataí, situado na Rodovia Fausto Santomauro, Km 3, bairro da Assistência, Rio Claro (SP).

As atividades que até então eram desenvolvidas no Museu da Energia Usina-Parque do Corumbataí consistiam na preservação do patrimônio e no atendimento de visitas monitoradas de escolas, grupos turísticos e visitas espontâneas.

Objetivando apropriar-se de todo o potencial pedagógico – inerente a um espaço como o da Usina do Corumbataí – e de seus recursos naturais, históricos e de infraestrutura, que sob

¹ Terceira usina construída no Estado de São Paulo, inaugurada em 15/11/1893.

² O *Projeto MDEEL* foi elaborado e teve a coordenação do Prof. Dr. Eugenio Maria de França Ramos (Departamento de Educação da Unesp, campus de Rio Claro) da Prof^a Dra. Bernadete Benetti (especialista em Educação Ambiental) e do Prof. Marcelo Eduardo Fonseca Teixeira (professor de Física no ensino médio).



a administração da Fundação foi transformada em Usina-Parque e Museu, elaborou-se um projeto, atendendo a um edital específico lançado pela Financiadora de Estudos e Projetos do Ministério da Ciência e Tecnologia (Finep/MCT). Depois de aprovado, suas ações ocorreram em duas frentes:

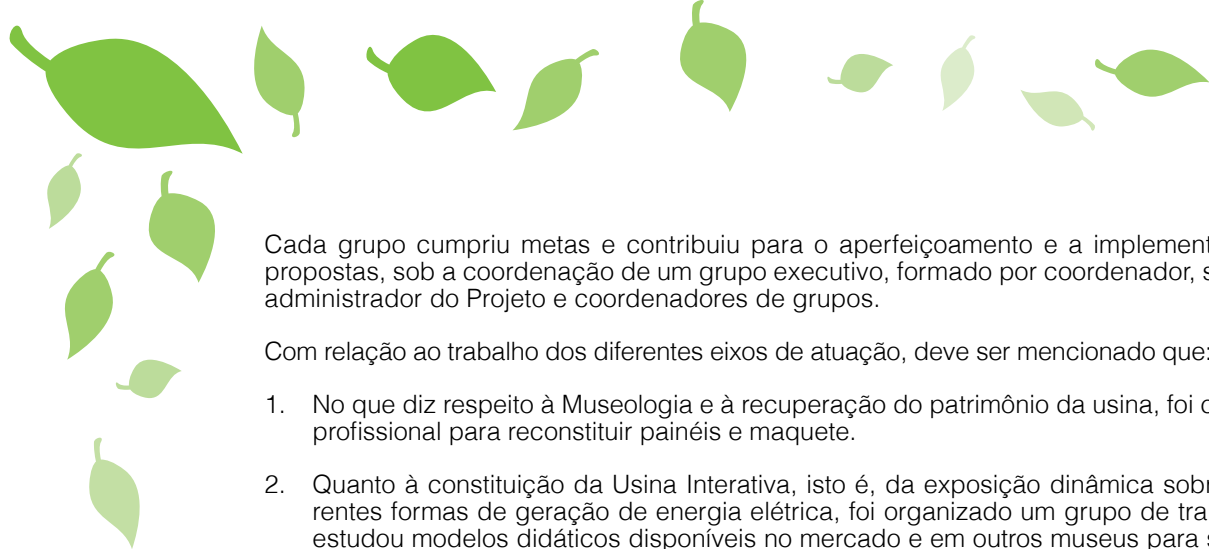
- Implementação da exposição interativa de experimentos e materiais didáticos (Usina Interativa).
- Oficina pedagógica e biblioteca de experimentos (Usina Pedagógica).

Além disso, os roteiros que eram disponibilizados foram reformulados e foi elaborado um catálogo de possibilidades para ser oferecido aos educadores da rede particular e pública de ensino, bem como aos organizadores de grupos que agendavam visitas ao Museu.

Ao tomar conhecimento do Projeto em trâmite na Finep, a Fundação Vitae o pré-selecionou para análise, visando a um eventual apoio complementar. Nesse sentido, os recursos do *Projeto MDEEL* foram provenientes de três fontes:

- Financiadora de Estudos e Projetos (Finep/MCT);
- Fundação Vitae;
- Contrapartidas contratuais da Fundação Energia e Saneamento.

Tal estrutura de financiamento implicou uma interdependência na execução de etapas acordadas com as diferentes fontes. O trabalho proposto pelo *Projeto MDEEL* foi organizado em diferentes eixos de atuação, que foram se integrando em torno dos temas propostos no edital e do trabalho didático que foi-se desenvolvendo nas ações.



Cada grupo cumpriu metas e contribuiu para o aperfeiçoamento e a implementação das propostas, sob a coordenação de um grupo executivo, formado por coordenador, secretária, administrador do Projeto e coordenadores de grupos.

Com relação ao trabalho dos diferentes eixos de atuação, deve ser mencionado que:

1. No que diz respeito à Museologia e à recuperação do patrimônio da usina, foi contratado profissional para reconstituir painéis e maquete.
2. Quanto à constituição da Usina Interativa, isto é, da exposição dinâmica sobre as diferentes formas de geração de energia elétrica, foi organizado um grupo de trabalho que estudou modelos didáticos disponíveis no mercado e em outros museus para sua reprodução e adaptação.

Na etapa inicial houve a necessidade de adquirir os equipamentos didáticos. Esse grupo de trabalho foi constituído por especialista em ensino de Física e estagiários de nível universitário e médio e teve como linha mestra a evolução histórica do surgimento das diferentes formas de geração de energia. Garantiu que os experimentos fossem interativos, de modo que os visitantes pudessem manuseá-los com segurança, e também resistentes ao uso, e que houvesse clareza na exposição de conceitos e no relacionamento destes conceitos com o tema do Projeto. Assim, por exemplo, um gerador eletrostático deveria ser visto nas seguintes dimensões: (a) efeitos visíveis de que pode causar o acúmulo de cargas (faíscas, levantar os cabelos, polarização de cargas etc.); (b) situar historicamente seu surgimento e como o equipamento foi utilizado em sua época; (c) relacionar os conceitos de carga elétrica e polarização a fenômenos visíveis, como raios atmosféricos e a necessidade de isolamento elétrico; (d) discutir se um gerador desse tipo pode atender à demanda por geração de energia elétrica, mostrando suas limitações para essa finalidade em grande escala; (e) os visitantes podem acionar o equipamento para observar seus efeitos no corpo humano. Cabe esclarecer que esse é apenas um exemplo da utilização de um dos equipamentos disponibilizados pelo Projeto na Usina Interativa.

Quanto à Oficina Pedagógica e à Biblioteca de Experimentos, ambas tiveram a mesma equipe, sendo que para a Biblioteca foram construídos exemplares de experimentos simples de eletrostática e eletrodinâmica acondicionados em caixas e estantes. Cada experimento foi reproduzido em 40 unidades e atendeu à parte didática do trabalho, que chamamos de Usina Pedagógica, integrado ao roteiro de visita. Organizados em mesas de trabalho e em grupos de 20, os visitantes podiam manusear o equipamento, realizando observações qualitativas e experimentais, discutindo e contextualizando os conceitos ali presentes. Depois do uso, os equipamentos eram devolvidos às prateleiras. No que coube à Oficina Pedagógica, os experimentos nela trabalhados eram construídos pelos visitantes, que podiam levá-los para casa após a visita. O material era organizado de forma a facilitar o seu manuseio e os visitantes também eram organizados em grupos, possibilitando a troca de impressões, a formulação de questionamentos e o esclarecimento de dúvidas. Cabia aos monitores estimular o diálogo de maneira lúdica com os visitantes, propondo a eles alguns problemas conceituais relevantes para as construções enfocadas.



No que se refere à reformulação dos roteiros de visitas, o grupo de trabalho foi formado pelo coordenador do Projeto, um museólogo, um especialista em ensino de Física e monitores. Produziu-se um catálogo de possibilidades para as visitas de grupos escolares. Dessa forma, vários enfoques eram disponibilizados aos visitantes, e os educadores, por sua vez, podiam ter uma visão ampla das possibilidades educativas do Museu da Energia.

Cada grupo de trabalho tinha tarefas e metas semanais de trabalho, que eram dinamicamente discutidas e reorientadas conforme as prioridades. A equipe de coordenação fazia reuniões semanais para a definição de metas e avaliação do trabalho realizado.

Considerações finais

O conhecimento disponível no Museu da Energia Usina-Parque do Corumbataí era compreendido de maneira restrita e aquém das possibilidades educacionais. Essa constatação foi a origem do Projeto proposto à Finep, com vistas ao aprimoramento do trabalho que, até então, era desenvolvido no Museu com a colaboração de pesquisadores do Departamento de Educação e do Instituto de Biociências, da Universidade Estadual Paulista (Unesp, campus de Rio Claro), por meio do Projeto Oficina de Ensino e Aprendizagem de Física.

O Projeto atendeu a um público de 18.300 estudantes e professores dos ensinos fundamental e médio, e teve uma perspectiva de continuidade com a implementação de estruturas fundamentais para o trabalho que é desenvolvido hoje. Os roteiros de visita elaborados durante o Projeto fazem parte dos roteiros oferecidos pelo Museu, atualmente, e a implantação da Biblioteca de Experimentos possibilita o empréstimo e a produção de experimentos de baixo custo que são trabalhados nas oficinas pedagógicas com os visitantes.

Com a realização do Projeto *Museu Dinâmico de Energia Elétrica* foi possível ampliar as atividades culturais e educativas, proporcionando aos visitantes opções de conhecimento sobre as diferentes formas de energia, as alternativas na sua geração, práticas de conservação e seu uso racional.



ISBN 978-85-63078-21-6



9 788563 078216 >



Ministério da
Cultura

